

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO**

**Luciá Piacitelli**

**A MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:  
TENDÊNCIAS E TRAJETÓRIAS**

**SOROCABA**

**2008**

**Luciá Piacitelli**

**A MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:  
TENDÊNCIAS E TRAJETÓRIAS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Dias Sobrinho

**SOROCABA**

**2008**

**Luciá Piacitelli**

**A MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:  
TENDÊNCIAS E TRAJETÓRIAS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Mestrado da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 15 de Outubro de 2008

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Mara Regina Lemes de Sordi

---

Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

*À memória de meu pai,  
Muitos princípios me deixou.*

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas a quem quero agradecer, em especial todas que fizeram parte de minha vida e jornada do mestrado.

Agradeço a minha mãe, mulher guerreira que esteve comigo sempre, a todas as batalhas de minha vida.

Ao meu pai, que deixou o seu exemplo de trabalho, e nos ensinou que não devemos desistir nunca, isso me deu força, mesmo numa temática como essa de gênero, onde temos a esperança de um mundo mais igualitário e justo.

A minha irmã alma gêmea, por estar sempre ao meu lado.

Em especial minhas amigas, Ana Maria pelo companheirismo, e no trilhar dessa trajetória.

A Ivana, pelo ser humano que é, e a sua grande contribuição na concretização desse trabalho.

Ao meu orientador, acima de tudo, um amigo que jamais será esquecido.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Uniso, agradeço aos ensinamentos as horas de reflexão que juntos passamos e muito contribuíram para meu aperfeiçoamento.

Ao Professor Marcos Antonio dos Santos Reigota, por aceitar o convite e fazer parte da banca examinadora, cuja presença muito nos honra, pois já faz parte de minha história e de minha irmã.

À professora Mara Regina Lemes de Sordi, as sugestões apresentadas no Exame de Qualificação.

As mulheres que me concederam as entrevistas que embasaram esta dissertação por sua demonstração de que é possível um novo rumo a ser trilhado, a partir do relato de suas trajetórias, construir uma sociedade melhor.

Ao Oscar meu marido e minha filha, pelo amor, carinho, dedicação, paciência e o empréstimo do tempo que lhes pertenciam, sem eles, esse trabalho não se realizaria.

*A trança da saudade...*

*Com fios longos e prateados trancei devagarzinho e pacientemente  
Os momentos bons e simples de minha vida  
Nada que tenha tristeza.*

*As conversas com pessoas queridas que já partiram!  
As lágrimas de alegrias guardadas num copinho bem aprisionadas,  
E os amores de toda natureza dos amados filhos, e dos amigos queridos!*

*Os latidos de alegria dos meus amados cachorros e de amizade, e da grande  
Paixão que tenho por eles! E as paisagens das viagens, do por do sol e também  
Da chuva molhando a terra, este é um momento raro de beleza e encantamento!*

*Do canto do Bem-te-vi, da árvore da minha rua!  
E do aroma das florzinhas brancas do meu jardim.  
As “vozinhas” sonoras dos meus filhos, e netos quando crianças.  
A minha mãe chamando-me na infância.  
A partida de um trem rangendo nos trilhos.*

*O som do silêncio de minha casa adormecida!  
O canto do meu sabiá no poste em frente a minha casa!  
Essa minha trança quantas vezes, eu destranço e depois vou trançando  
Devagarzinho fio por fio revendo esses momentos mágicos  
Que ela guarda que nada pode atingi-la.  
Espero que nem o tempo possa apagá-la.  
E que eu continue a destrançar os fios de minhas memórias  
Por muitos e muitos anos!*

*Áurea Lopes Piacitelli*

## **LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS**

GRÁFICO 1	Distribuição porcentual de la matrícula por sexo para los países de América Latina y el Caribe último ano disponible por país.....11
TABELA A	Cursos com os dez maiores percentuais de matrículas do sexo feminino Brasil 2003.....39
TABELA B	Cursos com os dez maiores percentual de matrículas do sexo masculino Brasil 2003.....40
TABELA C	Escolaridade feminina na PEA- Brasil .....50
TABELA D	Parcela feminina entre os concluintes do ensino superior e entre ingressantes pelo vestibular pó área do conhecimento ( em%).....52

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IES	Instituições de Educação Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
GLADEM	Comitê Latino-Americano e do Caribe para Defesa dos Direitos da Mulher
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério de Educação e Cultura
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PEA	População Economicamente Ativa
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESU	Secretaria de Educação Superior
UNESCO	Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina

## RESUMO

Este estudo trata da trajetória da mulher até as universidades, suas razões de escolha dos cursos e possíveis contribuições a esta instituição, como se deu a sua escolarização, a sua inserção aos cursos superiores. Há uma breve abordagem de um longo processo de rupturas e conquistas nessa caminhada que envolve várias questões da história. Os dados quantitativos abordados nesse estudo que constroem contornos estatísticos comprovam uma tendência mundial da inserção da mulher nas universidades. Em decorrência disto, também foram observadas as clássicas divisões entre o que se convencionou chamar de áreas mais “femininas”, concentradas nas ciências humanas e em vários cursos da área da saúde, e aquelas ditas “masculinas”, mais presentes nas ciências exatas e nas carreiras tecnológicas. Além da apresentação de estatísticas, relativas ao crescimento da matrícula feminina na educação superior, foram feitas várias entrevistas com o propósito de compreender melhor a condição social dessas mulheres na busca pela escolaridade. Com base nos depoimentos de oito entrevistadas, que cursavam ou tinham concluído a educação superior, foi possível constatar além de expectativas e sonhos, problemas na ordem de recursos financeiros, desigualdades e preconceitos nesse acesso a universidade. Este estudo também tem intuito de ajudar a compreender melhor como a trama da articulação da desigualdade de gênero se produz e se reproduz na sociedade. Ao analisar a trajetória das entrevistadas de diferentes classes sociais, observaram-se mudanças significativas através da graduação, como ascensão na carreira e uma relativa independência social e econômica, desafiando os estereótipos de gêneros, que de fato repercutem na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Superior; Trajetória da Mulher; Tendências na Educação Superior; Escolaridade Feminina

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the woman's path towards the university, her reasons and possible contributions to that kind of institution, how her education and access to the university took place. There is a brief approach to a long process of ruptures and conquests along that walk that involves several subjects within history.

The quantitative data referred to in this study that builds statistical outlines prove a worldwide tendency of the woman as to getting to the university. As a consequence one could notice the classic divisions between those professional fields which society used to call "more feminine" areas, concentrated on the humanities and on the several courses of the health area, and those said to be "masculine", more likely to be the exact sciences and technological careers. However, one aimed to investigate beyond the numbers throughout interviews in order to better understand those women's social condition in their search for scholarship.

Based on the statements of eight interviewees that were doing or had done college one was allowed to discover, besides their expectation and dreams, problems of financial order, inequalities and prejudices along their way to high-level education.

The relevance of this study made it possible to develop theoretical and scientific analysis as to the intention of understanding best how the plot of gender inequality articulation takes place and reproduces itself among society.

While analyzing the path of those interviewees, as they were of different social classes, significant changes were noticed through the graduation, such as ascension in the career, to reach a relative social and economical independence, challenging the stereotypes of gender, finally, in fact, echo within society.

**KEY WORDS:** Educação Superior; Trajetória da Mulher; Tendências na Educação Superior

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

**2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DA MULHER E A EDUCAÇÃO SUPERIOR.....15**

2.1 Educação Superior Brasileira: Tendências a partir dos anos 1990.....	15
2.2 Participação do acesso das Mulheres na Educação Superior.....	20
2.3 Políticas de Acesso: Mulheres no Ensino Superior.....	23
2.4 Políticas Afirmativas na Educação Superior.....	25

**3 PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA CONTRADIÇÕES E TENDÊNCIAS.....30**

3.1 Estereótipos do Gênero: Breve histórico e definições.....	33
3.2 Construções da Educação da Mulher no Contexto Brasileiro.....	40
3.3 Ensino Superior Brasileiro: Principais Tendências.....	47
3.4 Inserção da Mulher na Educação Superior: Em alguns Países .....	49
3.5 Mulher e Trabalho.....	52
3.6 Feminismo, Políticas de Gênero.....	61
3.7 VI Conferência Mundial de Beijing .....	67
3.8 Dupla e Tripla Jornada.....	71

**4 A TRAJETÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....75**

4.1 Análises das Entrevistas.....	76
-----------------------------------	----

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....102.**

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105
<b>APÊNDICE A</b> .....	109
<b>APÊNDICE B</b> .....	127

# 1 INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta ainda a evolução da escolarização da mulher, através da reflexão do processo de educação das meninas da elite, que se inicia nos lares, com educadoras contratadas, e posteriormente em escolas femininas, em sua maioria de cunho religioso, e um breve comentário da evolução dessa trajetória escolar.

O presente trabalho pretende analisar aspectos da trajetória da mulher na universidade, suas razões de escolha dos cursos e possíveis contribuições nesta instituição. Irá levantar também questões sobre como se deu a sua escolarização, num mundo excludente, majoritariamente masculino, onde o seu espaço era restrito, basicamente destinado aos afazeres domésticos e a educação dos filhos. E entender a caminhada da mulher até as universidades, há, nesta proposta, uma breve abordagem da longa caminhada que envolve várias questões da história, com avanços e retrocessos. Partindo deste pressuposto, considere oportuno relatar o meu interesse pelo tema, a partir de algumas gerações de mulheres que fizeram a história de minha família, e que participaram do processo de inserção da mulher na sociedade brasileira. Um texto da pesquisadora paraibana Hildete Pereira de Melo (2003) me fez refletir, Diz ela: “Elas, começaram o século XX analfabetas e terminaram com maior escolaridade que os homens. E não entraram na escola porque os homens foram bonzinhos e deixaram. Elas meteram o pé na porta. E farão o mesmo na ciência”.

Essa fala me incentivou a investigar minhas próprias raízes, ou seja, algumas gerações de mulheres donas de casa, que fizeram a história de minha família, como se deu sua educação para, a partir de gerações anteriores até a minha geração, chegarem aos bancos da universidade. Com muita propriedade, minha mãe, uma mulher que só estudou até o antigo ensino (primário), mas uma poetisa relatou algumas passagens desse passado impregnado de estereótipos de gênero, valores de nossa sociedade tradicional e uma teoria e práticas patriarcais, que serão discutidos nas linhas que se seguem.

Minha mãe, Áurea Lopes Piacitelli, relata, a respeito de sua avó materna, Maria Rita D`Orta, que nasceu em 1870, única filha entre três irmãos homens, não sabia nem ler nem escrever. Seu pai achava que mulher não tinha necessidade de estudar, era só saber bordar, costurar e cozinhar, era o bastante para arranjar um bom casamento. Contratou professores para

ensinar seus irmãos, e proibia que ela fosse até a sala onde eram ministradas as aulas. Segundo minha mãe, “o pai era bravo e dominava tudo só com o olhar”.

Marondin (1997, p. 11) mostra que, na organização das famílias tradicionais com características patriarcais, os papéis de gênero colocam os homens em uma posição dominante e as mulheres em posição subalterna. Assim, as tarefas dos homens possuem maior status e têm maior reconhecimento. A mulher, na posição subordinada, desempenha tarefas de menor status e menor valor.

Marondin (1997) ainda afirma que essa organização exclui a possibilidade de igualdade e reciprocidade entre os sexos, produz rigidez e polarização, aumentando o poder dos homens e a impotência, a infantilização, a dependência das mulheres. No entanto, as normas são claras e com pouca ambigüidade. Ainda explica que esta família tradicional ensina aos filhos-homens e às filhas-mulheres esses valores culturais da sociedade e funciona como modelo onde o homem-pai é o chefe da família, e a mulher-mãe é educadora e guardiã do lar.

Minha mãe, a respeito de sua avó paterna, Maria Custódia Ribeiro, afirma: “uma mulher guerreira, filha de escrava e o pai era homem branco português”. Ela também não escapou à discriminação do gênero, recebeu a imposição do casamento, teve dezesseis filhos. Apesar da submissão imposta pela sociedade da época, foi uma mulher que enfrentou barreiras que, até então, não eram comuns ao sexo feminino, quando assumiu a função do marido ausente na administração da fazenda da qual ele era o responsável.

Segundo minha mãe, ela foi uma mulher forte que exerceu o cargo de um homem com pulsos de aço. Apesar de arrojada e com tino para os negócios, só aprendeu a ler e escrever com o auxílio do filho, que se sentia envergonhado pelo fato da mãe ser analfabeta.

No tocante às relações de gênero, o relato de minha mãe deixa claro que esse processo histórico vem sofrendo intensas mudanças no contexto sociocultural, econômico, religioso, psicológico, na última metade do século, e isso nos fornece uma visão totalizadora dos papéis de homem e da mulher, a partir do casal tradicional.

Marondin (1997, p.16) caracterizou com muita propriedade este conceito quando diz: "Acredito que estamos num período de transição, pois podem-se encontrar tanto famílias tradicionais, que vivem ainda sob os valores patriarcais, como as que vivem com ambos os valores, patriarcais e modernos, e outras na passagem do processo evolutivo."

Essas gerações de mulheres (minhas avós materna e paterna) donas de casa, que receberam a imposição do casamento e foram submetidas a uma quase total submissão, fizeram parte de um passado impregnado de estereótipos de gênero, valores de nossa sociedade tradicional e práticas patriarcais, serviram de pano de fundo de minhas investigações. Refletindo nas gerações de minha irmã e eu, uma família composta de quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres, em que quebramos barreiras, pois fomos as primeiras a obter graduação, antes mesmo dos filhos homens. O estudo foi sempre incentivado pela minha mãe, muito mais do que para os meus irmãos, não sei se, para minha mãe, a falta de estudo, significou dependência financeira, e o que ela mais temia era que suas filhas tivessem destino igual ao dela. Já para o meu pai, ainda pertencia a uma sociedade do passado, em que a mulher não precisava tanto de estudo. Mas essa crença patriarcal não serviu de obstáculo para minha irmã mais velha e eu, fomos em frente, com coragem, herdada talvez das gerações de mulheres de um passado distante.

Nesta monografia procuro investigar como as mulheres estão chegando às universidades brasileiras em maior número, quais os cursos de maior procura, e como estão buscando espaço em carreiras que eram tradicionalmente masculinas. A expressiva inserção de mulheres na universidade inclui-se em uma tendência observada não só no Brasil, mas em esfera mundial, conforme será analisado nos capítulos a seguir.

O trabalho foi organizado em três capítulos. O centro das discussões do primeiro capítulo destaca a participação do acesso à educação superior através das políticas afirmativas, e definição da educação superior e universidade. No segundo capítulo, procura-se destacar a participação da mulher na educação superior brasileira, contradições e tendências, bem como aspectos que influenciaram em sua trajetória e análise quantitativa.

O capítulo seguinte é destinado à análise e estudo dos motivos da feminização da educação superior, além de uma visão qualitativa, o que pode mudar a presença da mulher na sociedade? O risco da feminização em especial nas Instituições de Educação Superior (IES) de Sorocaba, seria possível a mulher contribuir para melhorar a performance do sistema, colocando suas competências a serviço da sociedade, ou repetiria a lógica do homem? Outro questionamento importante neste estudo é a possibilidade de se averiguar se a graduação trouxe mudanças na vida, no cotidiano dessas mulheres sorocabanas.

O desenvolvimento da pesquisa tomou por base entrevistas que foram elaboradas a partir de um roteiro preestabelecido (ver apêndice A) , com perguntas abertas, salientando a trajetória

educacional e formação profissional, as relações de gênero, permitindo que as entrevistadas aludissem livremente a outros aspectos. As entrevistas foram gravadas e transcritas, de modo a possibilitar sua análise quantitativa e qualitativa.

Em seguida, procedo à análise do teor dessas entrevistas com objetivo de apresentar as transformações que ocorrem neste processo histórico, em particular na Educação Superior, em áreas distintas. Isto pode constituir-se num importante instrumento para análise das relações de gênero no mercado de trabalho e das conquistas femininas.

De modo geral, o estudo pretende levantar, a trajetória de vida das estudantes sorocabanas que estão cursando ou já concluíram a graduação. Serão analisadas histórias de vida de estudantes de diferentes classes sociais e principalmente de cursos onde quantitativamente a presença feminina, discutir os motivos dessa escolha em algumas instituições de Sorocaba. Este estudo privilegiará a análise das formas de inserção da mulher na educação superior e das relações de gênero. Na análise dos dados, além de considerar a história social, política e econômica como pano de fundo, as informações colhidas através das entrevistas formaram o fio condutor para a composição deste trabalho.

## **2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DA MULHER E A EDUCAÇÃO SUPERIOR**

A compreensão da trajetória da mulher e a educação superior envolvem questões culturais e históricas. As características deste campo de estudos marcadamente político e contemporâneo nos remetem provavelmente a reflexões, perguntas, sugestões e possibilidades mais do que afirmações conclusivas.

### **2.1 Educações Superiores Brasileira: Tendências a partir dos anos 1990**

Para melhor compreensão do assunto, considere necessário inserir neste trabalho conceitos sobre Universidade e Ensino Superior. Embora empregados num mesmo contexto, às vezes indiferenciadamente, os termos como é o caso da Universidade e Educação Superior, utilizados nesse trabalho, guardam uma significação, que não podem ser simplesmente confundidas. As noções que se seguem sobre esses termos são baseadas em definições que denotam recentes realidades da educação superior. Utilizo aqui a conceituação apresentada por Dias Sobrinho:

Muitas vezes a expressão educação superior incorpora atividades que não seriam propriamente de nível superior; daí que se faz necessária também a expressão ainda mais imprecisa e abrangente de "educação pós-secundária". Neste texto, uso universidade quando pretendo insistir nas funções mais amplas de ensino, pesquisa e extensão em diversas áreas do conhecimento. Importante é destacar aqui que o grande diferencial da universidade é a produção de conhecimentos, especialmente quando isso significa formação humana e desenvolvimento econômico-social. Por isso, é imprescindível que haja nessa instituição também cursos de pós-graduação e, obviamente, estruturas de pesquisa. Já educação superior é uma expressão que, incluindo, embora não necessariamente a "universidade" e, até mesmo, atividades "pós-secundárias" ou "pós-

médias", compreendem também as instituições dedicadas, principalmente, e, muitas vezes, exclusivamente, ao ensino. (DIAS SOBRINHO, 2005, p. 35)

Nessa sua análise, é possível evidenciar que existe um diferencial entre os dois termos, sendo, pois, necessária a definição de cada um, para maior ampliação e aprofundamento do estudo do aumento da presença feminina nessas instituições.

Segundo Dias Sobrinho (2005), hoje o ensino praticado nas instituições de nível superior, especialmente as mais recentes, de menor porte, está direcionado à capacitação técnico-profissional, ou seja, preparação de mão-de-obra. Por esse motivo justifica: "Evito sempre a designação ensino superior por considerá-la redutora".

Para este autor, o ensino "é uma das dimensões, uma atividade meio, sem dúvida imprescindível, de um fenômeno muito mais amplo que é a educação". Considera um grave equívoco, ser um fim em si mesmo, pois o uso freqüente dessa expressão "parece indicar o que muita gente está esperando da educação superior em países pobres: que se limite a capacitar profissionais para o mercado de trabalho haja ou não emprego para todos" (DIAS SOBRINHO, 2005, p. 35).

Yarzabal (2002, p. 97), em um capítulo de seu livro "Consenso para a mudança na educação superior", diz algo semelhante:

A pertinência da educação superior implica também em melhorar os vínculos com o mundo do trabalho, porém as instituições de educação superior não deveriam basear suas orientações de longo prazo no mercado ou no planejamento da mão-de-obra, mas sim nas necessidades sociais detectadas antecipadamente.

Em relação à diversidade do sistema de educação superior no Brasil, de acordo com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996, capítulo IV, Da Educação Superior, Universidade e Educação Superior, se definem:

Artigo 45 - A educação superior será ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privada, com variados graus de abrangência ou especialização.

Artigo 52 - As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:

I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;

Artigo 53 - No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

I - criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino:

III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividade de extensão;

Artigo 54 - As universidades mantidas pelo Poder Público gozarão, na forma da lei, de estatuto jurídico especial para atender às peculiaridades de sua estrutura, organização e financiamento pelo Poder Público, assim como dos seus planos de carreira e do regime jurídico do seu pessoal.

2<sup>o</sup> - Atribuições de autonomia universitária poderão ser estendidas a instituições que comprovem alta qualificação para o ensino ou para a pesquisa, com base em avaliação realizada pelo Poder Público.

Esses artigos e incisos apresentados acima pela LDB, da Educação Superior, denotam, ou seja, definem as universidades, complementando as definições no começo do capítulo.

Dias Sobrinho (2005, p. 29-30), com muita propriedade, destaca:

De todas as instituições sociais e laicas no mundo ocidental, a universidade é a mais duradoura e contínua. Se em seus nove séculos de existência tem sobrevivido como instituição macrossocial imprescindível, graças, sobretudo, à sua grande capacidade de preservar sua solidez estrutural e de se renovar continuamente, sem, entretanto, se desnaturar ou afastar-se de seus princípios essenciais. É interessante observar que essa solidez que atravessa os tempos se deve a duas características contraditórias. De um lado, a universidade guarda uma forte tendência a resistir às mudanças e de assegurar a unidade, por outro ela apresenta grande flexibilidade, capacidade de adaptação às demandas que vão surgindo e abertura à diversidade. A universidade tem sobrevivido a todas as mudanças sociais porque, ainda que erre e falhe, também tem enorme capacidade de se superar, de se adaptar, de se transformar e de pensar o futuro.

Na ótica das relações de gênero, a universidade tem contribuído para a expressiva inserção das mulheres na sociedade, na busca de oportunidades iguais às vivenciadas pelos homens desta instituição. De acordo com Dias Sobrinho (2005, p.30) "a universidade tem sido a instituição da sociedade dedicada a desenvolver, em seus processos, a formação dos sujeitos sociais em suas mais completas dimensões".

Na formação dos sujeitos sociais, a feminização da educação superior tem dupla dimensão, conquista social das mulheres, na construção de relações sociais de gênero, mais igualitário e ao mesmo tempo sua busca por mais tempo de estudo.

Essa questão remete a um amplo debate entre pesquisadores que têm desenvolvido análises a respeito do processo histórico das mulheres - do aumento das mesmas nas universidades. Entre as abordagens teóricas presentes nesse debate destacam-se as análises fundadas numa perspectiva macro, ou seja, uma tendência mundial.

Além dos argumentos já apontados, a respeito da universidade e educação superior, na análise realizada por Goergen (2005, p. 11), indica novos elementos para a compreensão:

Particularmente num país como o nosso em que não há muita clareza sobre o que é ou como deve ser uma universidade, tendo em vista a variedade e os desníveis entre as instituições acadêmicas de nível superior, fica difícil usar genericamente o termo universidade. Há tanto instituições de excelência que fazem jus ao nome "universidade", isto é, que têm cursos, instalações e corpo docente adequado, até aquelas que, embora também se digam universidades, não dispõem de nenhuma dessas condições. Em razão dessas disparidades, muitos autores preferem não falar de universidades, mas de instituições de educação superior.

Goergen (2005, p. 13) destaca a formação profissional, como sendo um dos mais importantes encargos da universidade, ou seja, na sua concepção: "é tarefa inarredável da universidade, seja porque a sociedade necessita de profissionais qualificados, seja porque as pessoas precisam ganhar a vida na sociedade em que vivem".

Do ponto de vista de gênero, a universidade, de todas as instituições sociais e laicas, é a mais duradoura, como foi descrito anteriormente, mas também durante séculos foi um privilégio masculino.

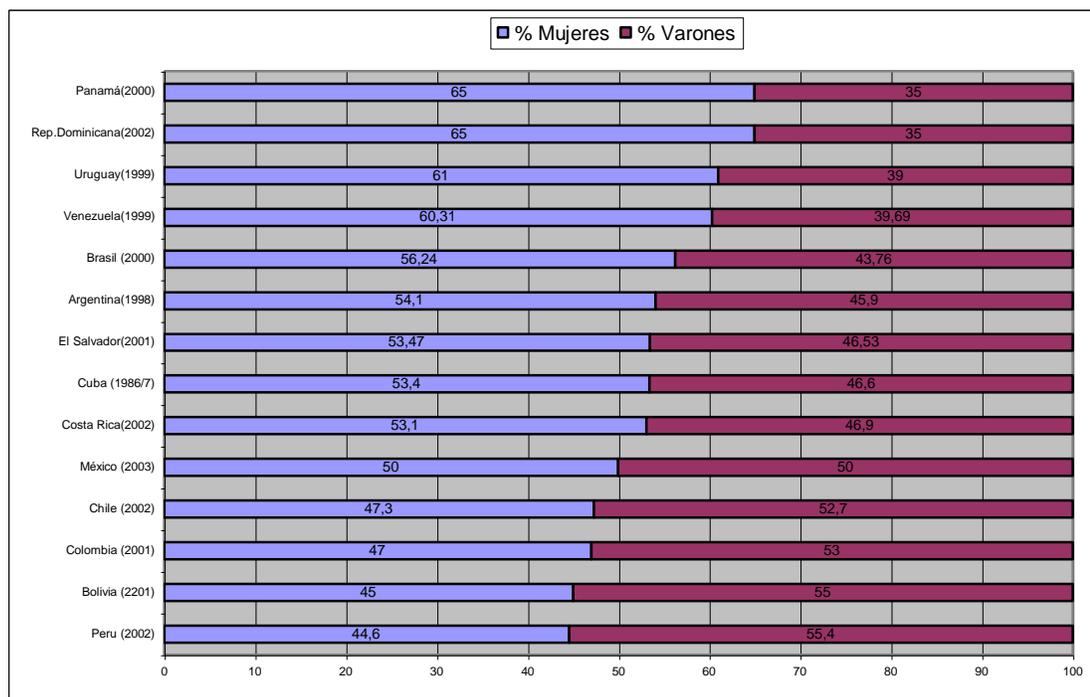
Papadópolous e Radakovich (2006, p. 117), em um capítulo sobre a "Educação Superior e Gênero na América Latina e Caribe", salientam: "Una revolución silenciosa se ha producido en el sistema universitario de America Latina".

Os autores estão se referindo à incorporação de estudantes mulheres no sistema universitário. Assim mesmo, essa revolução silenciosa como descreve os autores, se dá pelo

aumento das matrículas no sistema universitário, que têm tido forte impacto no mercado de trabalho da região, como: Bahamas, Haiti, Jamaica, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, México, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Os autores justificam que, tradicionalmente, a educação superior não foi considerada um espaço "feminino", no entanto, constitui um dos campos privilegiados da reprodução das desigualdades de gênero - fortalecimento da divisão sexual do trabalho.

### Gráfico 1

**Distribución porcentual de la matrícula por sexo para los países de América Latina y el Caribe último año disponible por país**



Fonte: Iesalc/Unesco (2006)

Fortalecimento da participação e da promoção do acesso das mulheres foi aprovada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO em novembro de 1997:

- a) Ainda que se tenha realizado progressos consideráveis quanto a melhorar o acesso das mulheres ao ensino superior, em muitas partes do mundo ainda subsistem distintos obstáculos de índole socioeconômica, cultural e política, que impedem seu pleno acesso à integração efetiva. Separá-los continua sendo uma prioridade urgente no processo superior equitativo e não discriminatório fundado no princípio do mérito.
- b) São requeridos mais esforços para eliminar todos os estereótipos fundados no gênero na educação superior, para ter em conta o ponto de vista do gênero nas distintas disciplinas, para consolidar a participação qualitativa das mulheres em todos os níveis e nas disciplinas em que estão insuficientemente representadas, e incrementar sobretudo a sua participação ativa na adoção de decisões.
- c) Devem ser fomentados os estudos sobre gênero (ou estudos relativos à mulher) como campo específico que tem um papel estratégico na transformação da educação superior e da sociedade.
- d) Deve-se esforçar para eliminar os obstáculos políticos e sociais que fazem com que a mulher esteja insuficientemente representada e favorecer em particular a participação ativa da mulher nos níveis da elaboração de políticas e a adoção de decisões, tanto na educação superior como na sociedade. (apud YARZÁBAL 2002, p.234)

O acesso da mulher à educação superior implica especificidades que vão além da posição dualista das análises centradas na perspectiva de classe social, que se apropriam das desigualdades presentes na sociedade.

## **2.2 Participação e Promoção do Acesso das Mulheres na Educação Superior**

Neste capítulo o objetivo é fazer um balanço da situação atual das principais iniciativas relativas à questão das mulheres em e do ensino superior. Pretendo especialmente esclarecer as estratégias, no decorrer desses últimos anos, nesse momento em que assistimos a um aumento efetivo de estudantes no ensino secundário, ou seja, o acesso das mulheres ao ensino superior. Um documento preparado pelo secretário da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), (1999, p. 543), num debate temático "Mulheres e ensino superior: questões e perspectivas", diz o seguinte:

[...] apesar do acesso das mulheres ao ensino superior ter melhorado consideravelmente, no entanto, há ainda progressos a serem feitos nesse capítulo, especialmente no que diz respeito à presença feminina em campos como a ciência e a tecnologia. Por outro lado, estamos ainda longe de reunir uma "massa crítica" de mulheres no processo decisório. Além disso, persiste certo número de obstáculos culturais que constituem para as mulheres um entrave ao pleno exercício de seus direitos enquanto cidadãs e profissionais.

Sobre esse assunto, aproveito a contribuição de Segnini (1998, p. 127), que estudou mulheres no trabalho bancário. Ela ressalta que o nível de escolaridade maior entre as mulheres não significa o mesmo que o hierárquico, e acrescenta:

No entanto, observa-se que o recorte analítico de gênero evidencia de fato uma contradição, o que indica a relevância da abordagem que compreende a qualificação para o trabalho, além da escolaridade, e do conhecimento técnico, mas mostrando esse quadro, também como expressão de relações sociais. Isto porque um nível de escolaridade maior entre as mulheres significa, inversamente, níveis hierárquicos inferiores aos de seus companheiros de trabalho em decorrência das tramas sociais que impedem a igualdade de oportunidades para ambos os sexos.

De acordo com os relatórios produzidos pela UNESCO (1999, p.546), esse conjunto de instrumentos jurídicos visa a "favorecer uma cultura que coloque em igualdade os membros dos dois sexos graças à educação, especialmente a educação superior, a fim de promover um desenvolvimento humano e uma paz sustentáveis".

Segundo a UNESCO (1999, p. 546), as principais dimensões desse desenvolvimento humano, são as seguintes:

Responsabilização, cooperação, equidade, sustentabilidade e segurança, [...] a adesão das famílias das nações do mundo a esses diferentes objetivos, só é possível na medida em que parceiros eficazes se unam para construir uma sociedade mais humana, capaz de tirar o melhor partido possível do capital humano investido e das ações de cooperação

implementadas. Esse relevo dado ao diálogo, à colisão e à colaboração constitui o fundamento da nova visão de uma estratégia de desenvolvimento e supõe a plena participação dos atores responsáveis, a saber, os homens e mulheres. O princípio da igualdade entre os sexos deve se aplicar igualmente no campo dos direitos legais das mulheres. Os principais instrumentos normativos são: a Declaração Universal dos Direitos do Homem, 1948; a Convenção relativa à luta contra a discriminação no campo do ensino, 1960; a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação em relação às mulheres, 1979.

Nesse sentido, a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres (1995), merece uma menção particular por ter marcado uma mudança decisiva na rota das mulheres em direção à responsabilização e à liderança social, oferecendo contribuições concretas para que as mulheres ocupem o lugar que lhes é de direito no mundo do século XXI. (p. 547)

As estatísticas apresentadas no Relatório sobre o Desenvolvimento Humano, publicado a cada ano pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), evidenciam que os progressos alcançados até o presente não são certamente negligenciáveis, mas resta muito a fazer:

66% dos analfabetos do mundo são mulheres; na África-sahariana, a percentagem de mulheres matriculadas no ensino superior não passa de 33%, sendo sua participação relativa mais fraca ainda no campo da ciência e tecnologia; a taxa de atividade das mulheres nos países em desenvolvimento representa apenas metade (50%) daquela dos homens; em alguns países, as mulheres continuam não tendo o direito de votar ou de ser proprietárias.

Em outra dimensão, o relatório acima citado, nos dá um panorama dos dados estatísticos, quando se refere ao ensino superior e os desafios a enfrentar, complementando o mesmo, em que o constatam os seguintes desafios:

- (i) o aumento da demanda de acesso à qual o ensino superior está submetido (essa demanda dobrou, até mesmo triplicou, em alguns países), que

- exige passar de um ensino superior elitista para um ensino superior de massa, democratizado;
- (ii) a contínua redução dos recursos financeiros e as cada vez mais numerosas medidas impostas pelos governos para obrigar o ensino superior a prestar contas;
  - (iii) a preservação da qualidade e da pertinência do ensino e as medidas a implementar para avaliá-las. Questões que vão tornar-se progressivamente mais importantes, uma vez que o número de estudantes poderá atingir os 120 milhões até o ano 2050;
  - (iv) o problema sempre atual do emprego dos diplomados, que exige um exame dos graus e dos diplomas universitários;
  - (v) a realidade cada vez mais premente de internacionalização dos métodos pedagógicos, da formação e da pesquisa no ensino superior; o que coloca a questão da mobilidade das pessoas assim como a dos conhecimentos e saberes.

### **2.3 Políticas de Acesso: Mulheres no Ensino Superior**

Os dois princípios aprovados pela Conferência Geral da UNESCO e pela Conferência Internacional da Educação visam a ampliar a participação no ensino superior e fazer com que todos igualmente a este tenham acesso.

Outro aspecto considerado pela UNESCO é a urgência de ampliar o acesso ao ensino superior, diante de análises e estudos feitos especialmente sobre a situação, nos países em desenvolvimento e sobre os efeitos dos estudos universitários femininos.

Desta forma, relevantes motivações justificaram a ONU a implantar uma ação eficaz, "que permitiu sensibilizar as decisões para os direitos das mulheres e para a necessidade de lhes abrir mais acesso a todos os níveis de ensino".

Segundo este mesmo órgão, a análise estatística feita sobre o acesso das mulheres no ensino superior, diz que:

Varia segundo os contextos socioculturais e econômicos. De uma maneira geral, o número de mulheres no ensino superior aumentou, sendo os efetivos femininos, por vezes, superiores aos masculinos. Além do mais, alguns países estão manifestamente resolvidos a facilitar o acesso das mulheres ao ensino superior. Como é de se esperar, é

ainda no mundo em desenvolvimento que as disparidades são mais importantes. (UNESCO, 1999, p.552)

Outro aspecto abordado é referente à tendência das mulheres privilegiarem o ensino no campo das artes e das ciências sociais. Voltarei a enfatizar esse assunto no terceiro capítulo. Segundo essa análise, essa tendência ocorreria em razão de sua falta de competência nos aspectos científicos e tecnológicos. (Ibid, p.552).

Em contrapartida do ponto de vista econômico, o documento da UNESCO (1999, p. 553) explica que:

As qualificações adquiridas no ensino superior permitem efetivamente ampliar o leque das perspectivas de emprego, ao mesmo tempo em que contribuem para o aumento as expectativas sociais dos diplomados. Apesar do clima econômico atual, os titulares de diplomas superiores têm dez vezes mais oportunidades de encontrar um emprego do que os outros. Assim, é tempo de fazer com que sejam adotadas atitudes mais razoáveis em relação às mulheres muito instruídas, cujas qualificações deveriam lhes abrir as portas do desenvolvimento profissional. E na medida em que seu salário representa a metade e até mesmo a totalidade do rendimento familiar, as mulheres necessitam de ajuda para conciliar suas tarefas domésticas e profissionais.

Além dos argumentos já apontados, a questão da igualdade entre os sexos nos programas universitários, conforme UNESCO/ONU (1999, p. 553), envolve vários fatores:

- 1) o reconhecimento e o fortalecimento do papel da universidade na sociedade;
- 2) Internacionalização e da globalização;
- 3) a criação e o intercâmbio de conhecimentos e saberes;
- 4) a necessidade de atacar os problemas sociais n sua base, isto é, no nível local;
- 5) a necessidade de fazer com que a questão da igualdade entre homens e mulheres seja sistematicamente levada em conta.

Neste contexto, observa-se que a relevância dos programas universitários hoje, apontados pelos autores citados acima, concordam com o documento intitulado "As mulheres e o programa universitário", organizado por ocasião da Conferência de Pequim em 1995. Nesse aspecto, a UNESCO reconhece que a consciência da igualdade entre os sexos passa "a constituir um fator chave de toda solução proposta para os problemas mundiais e que numerosos estabelecimentos de ensino superior estão comprometidos em um vasto processo de renovação de seus programas para adaptá-los às mudanças sociais em curso" (Ibid. p.553), e complementa que a não consideração desses aspectos não é mais aceitável em nossos dias.

Analisando esse processo de renovação do ensino superior, Papadópulos e Radakovich (2006, p.128), afirmam que existe uma "mudança de padrões" culturais e educativos, conseqüentemente, que incentivam a inserção da mulher na educação superior.

#### **2.4 Políticas Afirmativas na Educação Superior**

Verifica-se que dentre os diversos atores, individuais e coletivos, internos e externos às instituições, dos membros de alguns grupos específicos, como os povos indígenas, as minorias culturais e lingüísticas, de grupos desfavorecidos, que participam do processo de democratização do acesso à educação superior, é necessário para os nossos estudos, numa abordagem de gênero, ressaltar rapidamente a diferenciação entre Estado e governo, bem como o conceito de Ações afirmativas, na ótica de alguns autores. "O estado, responsável pela manutenção e direcionamento de políticas para este setor, é fundamental para o seu entendimento" (MENEGHEL, 2001, p.1).

Diferentes aspectos devem estar sempre referidos a um contorno de Estado. Importante, então, ressaltar a diferenciação entre Estado e governo. Para uma compreensão compatível, quando se referir às políticas afirmativas promovidas por parte do Estado, é possível considerar as colocações de Eloísa de Mattos Hofling. (2001, p.31)

Estado como o conjunto de instituições permanentes, como órgãos legislativos, tribunais, exército e outras que não formam um bloco monolítico, que possibilita a ação do governo; como o conjunto de programas e projetos que partem da sociedade (políticos técnicos, organismos da sociedade civil e outros), configurando-se a

orientação política de um determinado governo que assume e desempenha as funções do Estado para um determinado período. Políticas públicas são aqui entendidas como "Estado em ação", é o Estado implantando um projeto de governo, através de programas, de ações voltadas para setores específicos da sociedade.

No Brasil, as políticas públicas de ações afirmativas ou discriminação positiva são concebidas com leis vindas do executivo, que buscam igualdade de oportunidades para grupos sociais, como esclarece Vera Maria Ferrão Candau (2004 p. 91-92):

As ações afirmativas podem ser analisadas por dois prismas: em um sentido restrito e em um sentido mais amplo. No primeiro caso, as ações afirmativas são apontadas como políticas públicas temporárias, promovidas por parte do Estado, tanto em seu poder legislativo quanto no Executivo, que objetivam a promoção da igualdade entre os grupos sociais, levando em consideração desvantagens sofridas ao longo da história [...], a Segunda, são movimentos que buscam inserir as camadas desfavoráveis na universidade, assim como medidas institucionais que visam oferecer possibilidades não somente de acesso, mas também de oportunidades que levem os alunos a estarem mais próximos da igualdade de oportunidades educacionais no próprio processo de formação, favorecendo-se processos empoderamento nos níveis pessoal e coletivo, para que possam atuar no mundo social, conscientes de suas potencialidades, de seus direitos e de seu poder.

As palavras de Candau (2004) são coerentes com a definição dada pelo Poder Público, que entende,

Ações afirmativas como medidas especiais e temporárias tomadas pelo Estado, com o objetivo de eliminar desigualdades raciais e étnicas, religiosas, de gênero e outras, historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização (BRASIL. MEC, 2007).

Seguindo com o sentido de conceituação e examinando os diversos autores envolvidos, a análise do Ministro do Supremo Tribunal, Joaquim Barbosa Gomes torna-se relevante quando define "as ações afirmativas como políticas públicas ou privadas voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem e de compleição física" (GOMES, 2003, p.21).

Com o sentido de discorrer sobre discriminação positiva que tem o mesmo significado de ação afirmativa, Daniel Sarmento (2006, p. 154) conceitua:

Políticas de ação afirmativa são medidas públicas ou privadas, de caráter coercitivo ou não, que visam a promover a igualdade substancial, através da discriminação positiva de pessoas integrantes de grupos que estejam em situação desfavorável, e que sejam vítimas de discriminação e estigma social. Elas podem ser focos muito diversificados, como as mulheres, os portadores de deficiência, os indígenas ou afrodescendentes, e incidir nos campos mais variados, como educação superior, acesso a empregos privados ou cargos públicos, reforço à representação política ou preferência na celebração de contratos.

Na concepção de Marlise Miriam de Matos Almeida (2007), trata-se de refletir as ações afirmativas, tendo-se como pano de fundo, algumas considerações:

É a partir da Declaração Universal de 1948 que começou a se desenvolver o Direito Internacional dos Direitos Humanos, isto se pautando pela elaboração e conseqüente adoção dos tratados internacionais voltados à proteção de direitos fundamentais. Esse processo inclusive historicamente, vai sofrendo modificações para revelar iniciativas mais recentes de maior inclusão dos grupos conhecidos como "minoritários" através do que ficou cunhado na literatura como o "direito à diferença".

De forma geral e breve, segundo Almeida (2007), as ações afirmativas pretendem: concretizar a igualdade de oportunidades; transformar cultural, psicológica e pedagogicamente; implantar o pluralismo e a diversidade de representatividade dos grupos minoritários: eliminar

barreiras artificiais e invisíveis que emperram os avanços dos negros, das mulheres e de outras minorias.

Almeida (2007) acrescenta ainda que criar as personalidades emblemáticas são exemplos vivos da mobilidade social ascendente para as gerações mais jovens, aumentando a qualificação; promovendo melhoria de acesso ao mercado de trabalho; apoiando empresas e autores sociais que comunicam. Deixa claro, porém, que há uma relação de afinidade muito grande entre os que promovem a diversidade, garantindo assim, visibilidade e participação nos distintos meios de objetivos a serem alcançados pelas ações afirmativas e o pluralismo democrático vigente, como a mais preponderante forma de exercício dos governos.

Percebe-se que as ações afirmativas incidem nas questões raciais (inclusão dos negros); de gênero (as mulheres também pleiteiam lugar de destaque, pautando-se inclusive na inserção do universo feminino no mercado de trabalho); de origem social e até mesmo a origem em termos de naturalidade e nacionalidade).

Para Gomes (2003 p. 21,) os grupos ou classes mais fragilizados, ao receberem incentivos e melhores oportunidades, superam as diferenças. Esta afirmação é baseada no princípio de igualdade versado na Constituição de 1988, sob o prisma jurídico; e na adoção de mecanismos jurídicos que versam sobre: a igualização entre homens e mulheres, e reserva de vagas para mulheres se candidatarem em partidos políticos, que incidem no contexto de ações afirmativas.

Na assimilação dos conceitos que pontuam as ações afirmativas, Almeida (2007, p. 1), conclui dizendo:

A contestação e o repúdio público da vivência da discriminação racial e de gênero são, pois, cruciais para avançar a conquista de um novo conjunto de direitos e para a restauração das capacidades humanas das mulheres e dos homens negros de agir e ser em plenitude e dignamente no mundo [...] num cenário social e político onde vicejam as mais variadas formas de discriminação e preconceitos (das mais violentas às mais sutis) negros, mulheres, crianças e demais grupos devem ser vistos nas especificidades e peculiaridades de sua condição social.

É importante recordar os princípios da Carta das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em particular, o artigo 3. Igualdade de acesso:

Deve-se facilitar ativamente o acesso à educação superior dos membros de alguns grupos específicos, como os povos indígenas, as minorias culturais e lingüísticas, de grupos desfavorecidos, de povos que vivem em situação de ocupação e de pessoas que sofrem de deficiências, posto que esses grupos, tanto coletivos como individualmente, podem possuir experiências e talentos que poderiam ser muito valiosos para o desenvolvimento das sociedades e nações. Uma assistência material especial e soluções educativas podem contribuir a superar os obstáculos em que tropeçam esses grupos tanto para ter acesso à educação superior como para realizar estudos nesse nível. (YARZÀBAL, 2002, p .2)

No tocante ao acesso à educação superior, reconhece-se que as classes sociais e grupos mais fragilizados, ao receberem incentivos de promovê-los e inseri-los nesse nível de ensino, fortalecem o sentido que a educação é, sem sombra de dúvida, um dos melhores mecanismos de ascensão social e a ampliação das oportunidades educacionais configurando um fator indispensável para a redução das desigualdades. Em contrapartida, as reflexões a respeito dessa busca, com a desigualdade social do país, sobressaem às políticas adotadas para inclusão dos indivíduos de grupos taxados como minorias, apontam injustiças para os indivíduos de baixa renda. Nesse cenário, as políticas de acesso a educação superior se caracterizam como medidas paliativas. Há necessidade de políticas de acesso que se estendam não só a pequenos grupos, mas sim em relação aos indivíduos de baixa renda como foi explicitado acima, só assim, irá permitir a superação de dificuldades aparentemente intransponíveis.

### **3 PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA CONTRADIÇÕES E TENDÊNCIAS**

Neste capítulo, o objetivo é fazer um balanço da situação atual das principais iniciativas em relação à questão das mulheres no ensino superior.

Necessário se faz uma rápida abordagem, na ótica de alguns atores, o processo histórico as relações de gênero, vêm estruturar a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social, bem como, carregadas de sentidos e significações, as relações de gênero que, como relações sociais, circunscrevem em seu interior jogos de poder, conflitos e hierarquias.

Este capítulo trata também do avanço das mulheres na aquisição de escolaridade, numa ótica quantitativa, que servirá de subsídio para o próximo capítulo, onde analiso a situação das mulheres numa visão qualitativa - bem como as reações sociais resultantes desse ingresso que, de certa forma, concederam tais prerrogativas para permanência no mercado de trabalho.

O exame dos dados sobre a participação feminina permite observar em quais setores as mulheres mais se inseriram as principais mudanças verificadas e os novos nichos ocupacionais que estão ocupando.

Marlaine Cacouault (2003, p. 31) assim descreve as situações vivenciadas pelas mulheres no final dos anos 1990, considerando-se as mudanças recentes: "Entre estas, a elevação do nível de qualificação escolar e universitária surge como um progresso indiscutível na medida em que o diploma protege da não-atividade e do desemprego".

As contradições e tendências se instalam, analisa Cacouault (2003, p. 31):

[...] essa ruptura introduz de imediato a dimensão da mudança e da reversibilidade já que se busca antes de tudo identificar evoluções de ordem quantitativa (aumento do número de mulheres ou de homens num setor durante um dado período) que seriam ao mesmo tempo o indício de transformações de ordem qualitativa. De fato uma atividade pode ser redefinida como "feminina" ou "masculina" em diferentes momentos de sua história, porque o tipo de qualificação e de ideologia profissional que caracterizam assim como as

funções próprias a essa profissão... Sofreram modificações. É, portanto a atenção dada à evolução das taxas de feminização ou masculinização de uma profissão que permite formular a hipótese de que transformações estão em curso, envolvendo simultaneamente o futuro da profissão e as modalidades das relações sociais entre os sexos. [...] assim os empregados homens tentam desfeminizar o emprego atuando fora com freqüência (essa estratégia supõe uma independência em relação à esfera doméstica), enquanto as mulheres executivas tentam, por exemplo, reduzir o número de viagens e reuniões que terminam tarde (esse esforço para atenuar as características "masculinas" do posto de trabalho pode ser atribuído a um sentimento de dependência e de obrigação em relação à família?).

A reflexão desenvolvida por Cacouault (2003) é pertinente para entender que homens e mulheres aventuram-se então um no território do outro, elas rompendo com uma concepção do posto demasiado sedentário, no sentido real e simbólico, e eles com uma relação com o que supõe um investimento exclusivo na esfera da produção, ou seja, em longo prazo, essa relação de dominação seria questionada pela "indefinição de fronteiras".

As relações sociais, marcadas pela contradição, estabelecem novas dinâmicas para a sociedade, como vimos nessa análise, possibilitando modificações nos comportamentos e espaços ocupados por homens e mulheres na sociedade em geral.

Apesar de essas alterações estarem ocorrendo atualmente no interior da parcela feminina com maiores níveis de escolaridade, é desnecessário ressaltar a importância que isso tem para todas as mulheres, especialmente, já que esses novos espaços podem ser referenciais importantes de novas oportunidades e possibilidades de inserção e permanência no ensino superior. Considerando a importância de um olhar retrospectivo sobre a mulher e o ensino superior para compreender as múltiplas questões em processo que atualmente a envolvem, é expressa no decorrer do capítulo uma análise contextualizada da trajetória da mulher. Para isso, torna-se importante a reconstituição, elaborada na interpretação de fatos do contexto político - movimento feminista; econômico- mercado de trabalho; educacional - aumento das matrículas, pontuando momentos históricos de sua trajetória.

Na construção das tramas narrativas, tanto os referenciais teóricos como as evidências empíricas, referentes à educação superior, numa abordagem de gênero, é observada em diferentes momentos históricos.

A diversidade histórica das formas de inserção das mulheres na atividade econômica é uma ferramenta poderosa para renovar a compreensão da evolução contemporânea das sociedades capitalistas. Nesta perspectiva Strey (1997, p. 79-80) nos convida a refletir sobre esse processo histórico, abordando diferentes tempos da história, ou seja, sua representação social perante a sociedade até os dias de hoje, trazendo uma definição bastante ilustrativa para entender essa perspectiva mencionada acima:

É como se alguém do século passado, ou mesmo do início deste século pudesse dispor de uma hipotética máquina do tempo e resolvesse dar um passeio, quando diz: pelos anos 1990 do século XX, ficaria verdadeiramente maravilhado ou então chocado com aquilo que seus olhos veriam. Provavelmente no terreno tecnológico sua surpresa não seria das maiores, pois talvez viesse se esperando muito neste sentido. A ciência, para o nosso viajante do tempo, supostamente seria capaz de tudo se lhe dessem tempo: máquinas, utensílios, a cura de enfermidades. Sendo ou não um crente da ciência, satisfeito ou não com os resultados encontrados, essa pessoa certamente ficaria deveras espantada com os novos costumes, com as novas relações interpessoais que existem em todos os âmbitos. Caminhando pelas ruas, veria comportamentos estranhos, bizarros talvez para sua mentalidade vitoriana. Nas empresas, nas escolas, na família, tudo lhe pareceria bastante diferente da sua época. Quando olhasse para as mulheres, as veria vestidas das mais diversas maneiras, as veria trabalhando nos lugares mais sacrossantamente masculinos, desempenhando os papéis mais variados impulsivo e esperasse um pouquinho mais para entender aquelas mudanças todo, talvez ele chegasse à conclusão de que, apesar de tudo, no fundo, as coisas não tinham mudado tanto assim.

Com base nessas colocações, a intensificação dos padrões urbanos industriais do mundo contemporâneo criou condições propícias para sua inserção acelerada no mundo do trabalho. De "rainha do lar", a mulher atual vem conquistando, cada vez mais, papéis de destaque na esfera do público.

Tal realidade é, sem dúvida alguma, um dos fatores que, numa primeira fase, incorpora a mulher e, posteriormente, a questão do gênero como tema preferencial de expressiva produção historiográfica, à margem da participação das mulheres e da busca de um conhecimento mais

rigoroso de sua autêntica participação do mundo (científico, literário, artístico, econômico, das relações interpessoais etc).

### **3.1 Estereótipos do Gênero: Breve Histórico e Definições**

Para analisar os resultados da pesquisa proposta, torna-se necessário primeiro entender o referencial teórico com base no qual estou trabalhando. Para tanto, inicio com a discussão que ao longo do tempo vem sendo desenvolvida. Torna-se relevante definir "os estudos de gênero", ou seja, a maneira como se constroem as identidades femininas e masculinas, e como se desenvolveram os conceitos e construções simbólicas do gênero e sua estrutura social, isto é, um enfoque que requer maior clareza no marco das relações que se estabelecem entre homens e mulheres dentro de cada sexo. De qualquer maneira, é necessário introduzir a questão de gênero nos estudos dos conflitos sociais.

Strey (1997, p.84-89) faz uma diferenciação entre sexo e gênero, "o primeiro se refere ao que é anatômica e fisiologicamente herdado geneticamente, e o segundo seria o que diferencia homens e mulheres através de uma construção histórica, social e cultural".

Para a autora, outro fator importante é que, embora as construções de gênero abarquem o espectro mulher-homem, elas têm sido geradas desde a visão ligadas com experiência de ser homem que com a de ser mulher. Assim, ser mulher, na sua concepção, se define sob uma perspectiva masculina.

Para compreender melhor tal concepção, tomo como exemplo as idéias desenvolvidas por Zuleika Alambert (apud SPART, 1995, p. 1), Segundo ela:

"Gênero" é uma palavra cada vez mais presente no vocabulário das organizações e movimentos sociais. Trata-se de uma categoria de análise social que estuda as relações entre homens e mulheres na sociedade: relações construídas ao longo da história. Significa o sexo social que permanentemente construído, ou seja, "um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram, continuamente, a partir de diferenças sexuais, anátomo-fisiológicas".

Quanto ao entendimento de Strey (1997) sobre o conceito de relações de gênero, Valle diz que “a mulher é vista em função dos outros - como mãe, esposa, etc., enquanto o homem é visto em função de si mesmo”. (p.85)

Neste sentido, o autor explica que a formação de estereótipos (fixação de características como representativas de uma pessoa, grupo ou coletivo) de cada sociedade atribui determinados papéis a homens e mulheres e esses papéis frequentemente, ou quase sempre, ajustam-se perfeitamente a certas idéias de como são ambos os sexos. Os homens trabalham fora de casa, por exemplo, porque estão mais orientados em direção ao exterior, enquanto que as mulheres são donas-de-casa porque são naturalmente orientadas para o interior. Se os estereótipos são muito acentuados e difusamente disseminados por diversos grupos ou, inclusive, por toda sociedade, desaparece o fato de que as diferenças e as semelhanças são elaborações e ações simbólicas articuladas pela organização sociocultural.

Nesta análise, refletimos sobre como essa representação afeta o processo da entrada da mulher para o mercado de trabalho, conseqüentemente o lugar que ocupa na sociedade vai depender do sentido que faz, através das interações sociais concretas, que estarão carregadas de marcas perpetradoras de seus papéis de gênero.

Seguindo com o sentido de conceituação e examinando os diversos autores envolvidos, a análise de Alambert (1995 p.1), torna-se relevante quando define: "gênero significa o sexo social e permanentemente construído, ou seja, um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram, continuamente, a partir de diferenças sexuais anátomo-fisiológicas.”

Como categoria analítica ou como processo social, o gênero é sempre relacional por e através de partes interdependentes: o feminino e o masculino. Assim as "relações de gênero" quando vistas como relações sociais, circunscrevem em seu interior jogos de poder, conflitos e hierarquias. (CAMPOS, 1998, p. 90) Ainda na concepção de Campos:

Podemos entender "gênero" como uma inscrição social, ou seja, a maneira como a pessoa está sendo socialmente representada. A autora explica que a " formação da identidade de gênero se processa através das relações entre o corpo e o social, na medida em que, exercendo, papéis, mulheres e homens vão sendo investidos socialmente de diferentes graus de valorização e juízos". Nesse sentido atribui a cada cultura inscrever e

normatizar atributos de conduta da feminilidade e da masculinidade, até de forma estereotipada, que o sujeito poderá incorporar ou rechaçar, ou seja, na medida em que esse sujeito exerce papéis sociais relativos o seu gênero, vai construindo sua identidade de gênero.

Para Vianna (1998, p. 324), as explicações sobre as diferenças entre homens e mulheres "se fundamentam quase exclusivamente, em características físicas e naturais, se diferenciando da definição de Campos, onde se baseia nas relações sociais". Diferenças que, segundo Vianna, são hierarquizadas e polarizadas, ou seja: "as mulheres simbolizam o corpo, a reprodução da espécie humana, ou seja, a natureza; e os homens representam o social".

As decorrências desses pressupostos são muitas, segundo Vianna: "o gênero é relacional e marca a experiência humana e as relações sociais". (1998, p.325)

Nessa sua análise, mostra que essa socialização interfere na maneira como homens e mulheres se relacionam, se estendendo nas profissões que escolhemos, e na maneira como atuamos. Na sua concepção, as expressões da masculinidade e da feminilidade são historicamente construídas.

Nesse sentido, o conceito "estereótipo" que Vianna (1998, p. 326) descreve, facilita a compreensão e corrobora com as falas a seguir:

[...] criam-se, vários estereótipos de homens e mulheres, [...] que para compreender essas características é preciso recorrer aos modos de ser e pensar lineares, hierárquicos e binários, fortemente predominantes na produção de conhecimentos e nas relações sociais da cultura ocidental, até mesmo para poder criticá-los e perceber novas formas de constituição das identidades que ultrapassam e contestam esses estereótipos.

Esses estereótipos mostram o peso de alguns dos valores adquiridos em nosso processo de socialização. Como lembra Spart (1995a), "a natureza feminina e masculina influenciaram sobremaneira estereótipos de filósofos, cientistas, estadistas, teólogo e até educadores".

Nos recortes utilizados por Spart (1995), em uma perspectiva mais ampla, algumas frases bastante ilustrativas revelam diversos significados culturais construídos, ao longo dos tempos.

Segundo a autora, “certamente, produzirão risos e/ ou indignação nos leitores e leitoras de hoje”, mas propiciam um excelente ponto de partida no estudo dessa trajetória da mulher até chegar às universidades, estereótipos, ainda tão arraigados na história passada e a prática atual.

Aristóteles, um dos primeiros a se manifestar sobre as mulheres, diz "que esta metade da humanidade é descrita como alguém inferior, pouco digno de confiança, pouco desenvolvido, pouco inteligente e assim por diante - mesmo para a ciência, as mulheres foram consideradas realmente inferiores” (STREY, 1997 p. 87).

Essas frases também descritas no livro “Mudando o Mundo: A Liderança Feminina no Século 21”, (2001, p. 28-29), sintetizam as visões preconceituosas sobre a capacidade feminina solidamente alicerçada na história humana:

- "É a lei da natureza que a mulher deva ser mantida sob o domínio do homem" (Confúcio. 500 a.C.)
- "Sendo dupla a natureza humana, a melhor parte deve doravante ser chamada homem` (Platão). Timeu. 360 a.C.).
- "Os homens covardes que foram injustos durante a sua vida serão, muito provavelmente metamorfoseados em mulheres quando se reencarnarem" (Platão. A República, 5<sup>o</sup> livro).
- "A fêmea é fêmea em virtude de certa falta de qualidades... Pois a fêmea é, por assim dizer, um macho mutilado e o catamênio [fluido menstrual] é sêmen, só que não puro; pois apenas uma coisa ele não contém, que é o princípio da alma. [...] Enquanto o corpo vem da fêmea, é a alma que provém do macho. [...] Nos seres humanos, o feto fêmea não é aperfeiçoado de forma igual ao do macho. [...] Pois as fêmeas são mais fracas e mais frias por natureza e devemos encarar o caráter feminino como uma espécie

de deficiência natural”...) (Aristóteles (384-322 a.C)  
Da geração dos animais. (Século IV a.C)

- "As mulheres são todas um bando de abutres" (Gaio Petrónio. Satyricon. Século I d.C.)
- "A mulher é um ser acidental e falho... O seu destino é de viver sob a tutela do homem; de si mesma ela não tem autoridade alguma" (Santo Tomás de Aquino. 1225-1274).
- "As meninas começam a falar e ficam em pé mais cedo que os meninos porque as ervas daninhas sempre crescem mais rápido" Martinho Lutero. Conversas à mesa. (1533).
- "O marido tem, por lei, poder e domínio sobre a mulher, e pode mantê-la à força, dentro dos limites do dever, e pode surrá-la, mas não de maneira violenta ou cruel" (Sir Francis Bacon. Máximas da lei. 1630).
- "As mulheres evitam o mal não apenas porque é errado, mas porque é feio [...] Nada de dever, nada de compulsão, nada de obrigação! [...] Elas fazem algo apenas por prazer. [...] Não posso acreditar que o belo sexo seja capaz de princípios"(Immanuel Kant. Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. 1764).
- "Toda educação das mulheres deve ser relativa aos homens... A mulher é feita para ceder ao homem e suportar suas injustiças". (Jean Jacques Rousseau. 1712-1778)
- "A natureza fez da mulher a nossa escrava... Ela pertence ao homem como as frutas da árvore ao horticultor. É preciso poupar a fraqueza dos seus cérebros (15) e ensinar-lhes apenas o necessário para evitar uma ignorância crassa. Que idéia louca exigir igualdade para as mulheres! [...] As mulheres não são mais do que máquinas para produzir filhos". (Napoleão Bonaparte. 1817) (16)
- "O homem tem sua verdadeira vida essencial no Estado, nas ciências e coisas assim, na batalha e na luta com o

mundo. [...] A mulher tem seu verdadeiro lugar substantivo na família [...] Homens e mulheres diferem tanto quanto plantas e animais. Os homens e os animais são correlatos, assim como as mulheres e as plantas; pois as mulheres são mais plácidas e sempre retêm a unidade de sentimento e emoções informe e indeterminada". (Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Filosofia do Direito. 1821)

- "A principal distinção nos poderes intelectuais entre os dois sexos é evidenciada pelo fato de o homem adquirir maior eminência do que a mulher, no que quer que empreenda - quer a tarefa exija pensamentos profundos, razão, imaginação, ou até mesmo o simples uso dos sentimentos e das mãos". (Charles Darwin. A descendência do homem e a seleção em relação ao sexo. 1871)
- "Todos os psicólogos que estudaram a inteligência das mulheres, assim como os poetas e romancistas, reconhecem hoje que elas representam as formas mais inferiores da evolução humana e que estão mais próximas das crianças e selvagens do que de um homem adulto civilizado". (Gustave Le Bon, 1879, cientista francês, um dos fundadores da Psicologia Social)
- "A educação das mulheres para profissões como administração pública, filosofia ou pesquisa científica, em que alguns poucos indivíduos talentosos são requeridos pela sociedade é menos necessária do que a evolução para profissões tais como enfermagem, ensino, medicina ou arquitetura, em que o nível médio é essencial". (Dr. Edward L. Thorndike. Sexo na Educação, 1906) (SPARTI, 1995b. p. 18-20)

Portanto os indivíduos são moldados pelos estereótipos de gênero. Para compreender melhor tal concepção, tomo como exemplo as idéias desenvolvidas por Silva (1995, p. 3). Segundo ela, estereótipos sexuais são:

Pré-conceitos interiorizados, determinando e reproduzindo diferentes papéis para cada um dos sexos. São também, generalizações indevidas e simplificações extremadas, atribuindo a todos os membros de um grupo, características encontradas em alguns deles, apenas. Embora não tendo fundamentação científica, têm tamanha força ideológica que se tornam, muitas vezes, verdades inquestionáveis, principalmente quando são justificados a partir de diferenças biológicas, ou seja, associados à "natureza" dos seres do sexo feminino e masculino. Ao lado do substantivo, há o verbo "estereotipar", o que indica que os estereótipos não são inerentes ao ser humano, mas uma criação social, podendo ser expressos através de julgamentos, sentimentos ou mensagens.

No tocante a definições de estereótipos de gênero, torna-se pertinente discutir como nós, homens e mulheres, nos relacionamos nas profissões que escolhemos e na maneira como atuamos.

A partir dessa discussão, fica mais fácil entender como os indivíduos são influenciados pelos estereótipos de gênero "não para dizer que sempre foi assim, ou que é próprio de nossa natureza, mas para afirmar que as expressões da masculinidade e da feminilidade são historicamente construídas". (Vianna, 2003, p. 325)

Transportando a discussão para este estudo, tomo como exemplo a situação das mulheres quando associadas às atividades como alimentação, maternidade, cuidado e educação, enquanto os homens são costumeiramente vistos como provedores relacionados ao uso do poder.

Segundo Vianna (2003, p. 326), criam-se, “vários estereótipos de homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais para os primeiros, e dóceis, relacionais e afetivas para as segundas”.

Assim, a autora pontua que o lugar que homens e mulheres ocupam em nossa sociedade, se relacionam com suas imagens e as atividades que desempenham, refletindo e constituindo algumas das visões apriorísticas advindas de seu processo de socialização.

Esse conceito de socialização pode ajudar a explicar como o indivíduo interioriza seus valores, o que facilita a compreensão dos dados que veremos, a seguir, onde a concentração das mulheres em algumas áreas "ditas" femininas coloca homens e mulheres diante das mesmas pressões sociais.

Para melhor compreensão dos estereótipos de gênero no contexto do aumento da escolaridade, especialmente do acesso das mulheres na educação superior, será realizada uma análise quantitativa, mostrando que os números de matrículas em algumas áreas tiveram um aumento significativo.

Considerando a importância que estes dados mostram na educação superior brasileira e para que se possam compreender as múltiplas questões em processo, marcadamente pela presença das mulheres em algumas áreas como veremos a seguir, foi necessário um estudo comparativo entre o número de matrículas, e a hipótese desse aumento pode interferir ou mesmo trazer mudanças no ensino superior.

Segundo Goergen (2005, p. 12), “a universidade passa por uma crise de identidade, ela está insegura quanto ao seu papel e suas tarefas na sociedade contemporânea”. Por isso, como pensa o autor, torna-se relevante a formação profissional, que é um dos papéis mais importantes da universidade. Isso me leva a refletir sobre as possibilidades de transformação das relações sociais vividas pelos sujeitos que convivem nesse espaço formativo.

A instituição de ensino superior desempenha papel importante para a construção da identidade de homens e mulheres. Em alguns momentos, o espaço escolar age de forma a reforçar as diferenças estabelecidas socialmente entre homens e mulheres; em outros, possibilita que novas relações sejam construídas, como poderá ser verificado nos depoimentos de alunas e ex-alunas, no terceiro capítulo.

### **3.2 Construções da educação da Mulher no Contexto Educacional Brasileiro**

A partir das constatações estereotipadas sobre a mulher no capítulo anterior, justifica-se a necessidade de olhar para inserção da mulher no contexto educacional brasileiro. No contexto deste trabalho, torna-se pertinente compreender os motivos do aumento da presença feminina em determinados cursos, isto é, as razões pelas quais se deu o ingresso das mulheres.

A análise neste capítulo está centrada numa perspectiva quantitativa, que pode ser subdividida em duas vertentes principais. A primeira enfatiza a influência das características femininas - os cursos de graduação nas áreas de humanas, onde as mulheres representam o maior

número de matrículas, segundo dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira).

Neste sentido, essas profissões se tornam "femininas", isto é, adquirem características femininas, supostamente distintas das masculinas. Para a segunda vertente quantitativa, cursos com predominância de matrículas masculinas serão representados como contraponto.

Vale alertar, entretanto, para o fato de que as estatísticas em geral são muitas vezes insuficientes para uma análise mais completa. (ver Bruschini & Lombardi, 1996).

Para compreender a inserção da mulher na universidade, esse aumento significativo em alguns cursos, é necessário perguntar-se sobre como a mulher poderia sair do espaço privado, a casa com os filhos e entrar no espaço público, o trabalho qualificado e assalariado.

Sobre esse assunto, aproveito a contribuição de Perrot (1998), quando fala: "As frentes de lutas das mulheres, suas tentativas de atravessar os limites provocam a violenta reação dos homens... certos terrenos são de acesso mais fácil do que outros como a saúde ou a educação, de um modo mais geral, o trabalho assalariado".

Essa sua justificativa vem confirmar o caminho trilhado pela mulher, onde inicialmente essa educação das meninas de elite é feita nos lares, com educadoras contratadas e posteriormente em escolas femininas em sua maioria de cunho religioso.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se abria a possibilidade da educação para as mulheres, também se limitava essa perspectiva, pois o ensino nas escolas femininas enfatizava mais os trabalhos manuais que a leitura escrita e a aritmética (NOVAES, 1992, p. 20).

Louro (1997, p. 50) retrata essa educação com as seguintes palavras:

As mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes provavelmente doses pequenas ou doses menores de instrução. Porque mobilizar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial - como esposa e mãe exigiriam de tudo, uma moral sólida e de bons princípios.

Na concepção de Novaes (1992, p. 22), o magistério entendido como um prolongamento das atividades maternas passa a ser visto como ocupação essencialmente feminina, e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade, para a mulher.

Essa representação do magistério endossa as conclusões de Cécile e Dauphin (1993), que ressaltam como “ofícios novos” abertos às mulheres neste fim de século e que levarão a dupla marca do modelo religioso e da metáfora materna: dedicação- disponibilidade, humildade - submissão, abnegação - sacrifício.

A representação do magistério passa, então, a ser mais claramente feminina. Louro (1997) exemplifica esse novo papel que a mulher passa a assumir perante a sociedade: "Será endereçada especialmente para esta professora a fala dos políticos, os conselhos dos religiosos, as expectativas dos pais de família. Objeto de poesias, músicas, datas comemorativas, alegorias e exortações, ela irá, assim, se constituindo contornos que permitem reconhecê-la imediatamente".

Segundo essas concepções hegemônicas do feminino, as escolas de formação docente enchem-se de moças, passando a constituir em seus currículos disciplinas como Psicologia, Puericultura e higiene, novos e prestigiados campos de conhecimento.

É também útil lançar um rápido olhar sobre a história dos cursos normais no Brasil, para perceber como se deu o ingresso das mulheres nas escolas superiores. Nos anos 30 em que Fernando de Azevedo fora diretor geral da Instrução Pública em São Paulo, os cursos normais sofrem uma reforma radical, que consiste na separação entre o ensino de cultura geral e o ensino de formação normal. Antes, as escolas normais não davam acesso direto aos cursos de nível superior. Segundo Saffioti (1979, p. 226) o curso normal permitiria o ingresso direto nos cursos superiores através da lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942- Reforma Gustavo Capanema). Tendo em vista que a mulher era elemento predominante das escolas normais, a preferência pelos cursos de pedagogia seria muito pronunciada e isto era uma conquista de alto significado para a parcela feminina da população.

Saffioti (1979, p. 228) explica ainda que, independentemente da vocação profissional das mulheres, "a sociedade decidiu em que setor das atividades econômicas seria empregado a força de trabalho feminina, ou seja, mesmo aquelas habilitadas a ingressar em outros cursos superiores, eram impelidas em massa para os cursos de pedagogia e afins".

A autora esclarece que nesse período o número de mulheres que realizavam um curso universitário, embora não representasse um terço do dos homens, vinha crescendo a passos largos, graças, sobretudo, às Faculdades de Filosofia. Nesse processo, o crescimento foi bastante elevado; de quatro universidades que o país possuía em 1937, passa a ter quinze em 1953. Houve uma multiplicação dos cursos de pedagogia que, segundo Saffioti (1979, p. 229), viria beneficiar

grandemente a educação feminina, desencadeando, no magistério secundário, o mesmo fenômeno, já quase findo no magistério elementar, de expulsão do elemento masculino.

Nesse estudo da autora observa-se que ainda hoje os cursos de Educação e de Humanidades das Faculdades de Filosofia são aqueles nos quais se registra o maior número de mulheres, como se constata nos dados apresentados pelo INEP. Isto também justifica os resultados da pesquisa das entrevistadas nas universidades de Sorocaba, apresentadas no terceiro capítulo.

Em um segundo momento, a mulher continua a se interessar por aqueles ramos onde o seu acesso era socialmente aceito. Em outras palavras, esse processo observado, ajuda a entender os dados refletidos hoje. O gráfico disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 1996-2003), aponta para a presença maciça das mulheres nas salas de aula, em algumas instituições, em alguns cursos e níveis superando a presença masculina.

O gráfico disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 1996-2003), aponta para a presença maciça das mulheres nas salas de aula, em algumas instituições, em alguns cursos e níveis superando a presença masculina.

Um amplo esforço de formação por parte das mulheres reflete uma melhora significativa na sua trajetória educacional: elas são maioria em quase todos os níveis de ensino, especialmente nas universidades.

Um dado surpreendente, segundo INEP, é relativo à graduação, cujas matrículas mais que dobraram. Neste período sob análise, 1996 a 2003 passando de 1.868.529 para 3.887.022, a faixa etária de 20 a 24 anos, foi de 24,4% e de 14,8% para a faixa de 25 a 39 anos.

O gráfico disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 1996-2003), aponta para a presença maciça das mulheres nas salas de aula, em algumas instituições, em alguns cursos e níveis superando a presença masculina.

Um amplo esforço de formação por parte das mulheres reflete uma melhora significativa na sua trajetória educacional: elas são maioria em quase todos os níveis de ensino, especialmente nas universidades.

Tabela A

Cursos com os dez maiores percentuais de matrículas do  
Sexo feminino - Brasil – 2003

Curso	Matricula		
	Total	Feminino	%
<b>Brasil (todos os cursos de graduação Presencial)</b>	<b>3.887.771</b>	<b>2.193.763</b>	<b>56,4</b>
<b>Serviço Social e orientação</b>	<b>31.986</b>	<b>30.001</b>	<b>93,8</b>
<b>Fonoaudiologia</b>	<b>13.963</b>	<b>12.969</b>	<b>92,9</b>
<b>Nutrição</b>	<b>32556</b>	<b>30.221</b>	<b>92,8</b>
<b>Secretariado</b>	<b>16.937</b>	<b>15.681</b>	<b>92,6</b>
<b>Ciências Domésticas</b>	<b>1.351</b>	<b>1.231</b>	<b>91,1</b>
<b>Serviços de beleza</b>	<b>277</b>	<b>252</b>	<b>91</b>
<b>Pedagogia</b>	<b>373.945</b>	<b>339.832</b>	<b>90,9</b>
<b>Psicologia</b>	<b>90.332</b>	<b>76.990</b>	<b>85,2</b>
<b>Enfermagem</b>	<b>92.134</b>	<b>77.997</b>	<b>84,7</b>
<b>Terapia e Reabilitação</b>	<b>7.225</b>	<b>6.051</b>	<b>83,8</b>

Fonte: Inep/MEC

---

**Serviço Social e orientação** - o referido curso se relaciona com a saúde pública. Atendimento a violência social sob a perspectiva da saúde - atenção as crianças e adolescentes vítimas de violência domésticas, políticas de saúde - PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - orientação sobre saúde e nutrição, saúde do idoso, envelhecimento, cuidados domiciliares de saúde, atendimento multiprofissional ao paciente hipertenso. Disponível em: [http://www.pucsp.br/pagina/ensino\\_pesquisa/cursos/social.htm-47k](http://www.pucsp.br/pagina/ensino_pesquisa/cursos/social.htm-47k). Acesso em 11 mar 2008.

**Serviços de beleza** - cursos direcionados a estética. Universidade Tuiuti do Paraná - curso dispõe de centro estético clínico, fisioterapia e aparelhagens utilizadas em dermatofuncional cosmética, massagens- centro estético pessoal. Formação de tecnólogo em estética e imagem social - baseia-se no conhecimento concêntrico, (aplicação da forma farmacêutica cosmética). Disponível em: [http://www.utp.br/cursos/tecnologia\\_estetica,asp-61k](http://www.utp.br/cursos/tecnologia_estetica,asp-61k). Acesso em 11 mar 2008.

**Ciências domésticas** - é competência do economista doméstico: projetos e pesquisas em economia doméstica e educação familiar ou concernente ao atendimento das necessidades básicas da família e outros grupos, na comunidade, nas instituições públicas e privadas. Estado: Rio

Um dado surpreendente, segundo INEP, é relativo à graduação, cujas matrículas mais que dobraram. Neste período sob análise, 1996 a 2003 passando de 1.868.529 para 3.887.022, a faixa etária de 20 a 24 anos, foi de 24,4% e de 14,8% para a faixa de 25 a 39 anos.

Outro estudo realizado por Bastos (2000), baseado nos resultados do INEP, e publicado na Revista Enfoque, confirma os dados acima explicitados e permite, ressaltar, "que as mulheres são maioria!" Em 13 anos, o número de mulheres matriculadas em instituições de ensino superior cresceu 22% em relação ao número de matrículas feitas por homens. O aumento de alunas do sexo feminino foi de 181%, contra 148% de estudantes do sexo masculino.

Outros fatores que contribuíram para esse aumento, segundo INEP (2003), está relacionado com o aumento do número de instituições privadas, espalhadas por todo o território nacional.

Segundo estudos elaborados por Jacques Schwartzman e Simon Schwartzman, o setor privado se concentra nas especialidades menos técnica com demanda mais imediata do mercado de trabalho. A característica dos estudantes segundo este estudo no setor privado, se dá pela concentração em cursos noturnos, principalmente nas áreas das ciências sociais aplicadas e de alunos mais velhos que presumivelmente trabalham durante o dia. Justificando com esse estudo o incremento das matrículas femininas, favorecidas pelas IES privadas apontadas na leitura desta tabela acima, em que se verifica uma concentração em áreas tradicionalmente femininas, ou seja, o maior número de matrículas nas "ciências sociais", proporção maior de mulheres.

Outro dado que pode representar esse aumento é a questão da longevidade feminina.

Dentre eles, sem dúvida, segundo INEP (2003), está o fato de existirem mais mulheres que homens na população brasileira, o sexo feminino representa 50,7% (95,2 homens para cada 100 mulheres) principalmente a partir dos 20 anos de idade. Ou seja, em maior número, elas terminam o ensino médio e seguem em frente na busca de aperfeiçoamento, visando conseguir uma colocação, cada vez melhor, no mercado de trabalho.

Bastos (2000) explica que a explosão das matrículas femininas em cursos superiores começou a ser verificada na década de 80. Segundo a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, não existem estudos que expliquem o fenômeno, mas é possível apontar alguns fatores importantes.

Não pairam dúvidas, portanto, sobre o avanço das mulheres na aquisição de escolaridade. No entanto, persistem determinados guetos femininos que se reproduzem, posteriormente, no mercado de trabalho, como será focalizado mais adiante neste capítulo.

Izquierdo (1994, p. 332), ressalta "que existem profissões vistas como marcadamente feminina independente do sexo de quem as exerce. São profissões ligadas à prestação de serviços e cuidados relacionados aos predicados histórica e socialmente considerados femininos". Para a autora, trata-se, de uma atribuição social à profissão que é feita com base em preconceitos: "aquelas atividades que prestam serviços às pessoas, nas quais se atende à vida humana genericamente: enfermeiras, professoras, pediatras, prostitutas etc.(...)"

“A desigualdade de gênero se produz tanto se as pessoas que desenvolvem estas atividades são fêmeas como não o são”.

Em contrapartida, segue a tabela com os cursos com predominância de matrículas masculinas.

Tabela B

Cursos com os dez maiores percentuais de matrículas do

Sexo masculino - Brasil 2003

Curso	Matricula		
	Total	masculino	%
<b>Brasil (todos os cursos de graduação Presencial)</b>	<b>3.887.771</b>	<b>2.193.763</b>	<b>56,4</b>
Mecânica	9.172	8.445	92,1
Constr./manut. de veículos a motor	73	67	91,8
Transporte e serviços (cursos gerais)	3.474	3.027	88,1
Eletrônica	9.214	8.121	88,1
Eletricidade e energia	1.798	1.577	87,7
Profissões industriais	3.287	2.856	86,9
Serv. de segurança de pessoas e prop.	556	466	83,8
Básicos / Programas especiais	1.858	1.553	83,6
Tecnologia química e de processos	1.448	1.167	80,6
Engenharia	234.722	187.426	79,9

Fonte: Inep/MEC

Verifica-se, na tabela acima, uma representação feminina bastante tímida, em relação às áreas ditas como "exclusivamente" masculinas.

Esse perfil indica mais uma vez que, embora tenham sido deslocadas, as fronteiras do gênero ainda persistem. É bem verdade que alguns territórios anteriormente definidos como masculinos - entre eles a educação formal e especialmente a superior - foram ocupados por um crescente número de mulheres.

Estudos elaborados por Bruschini & Lombardi (2003, p. 334) revelam informações sobre a persistência de guetos, entre os que ingressaram nas universidades pelo vestibular 1998 - lingüística, letras e artes, ciências humanas, biológicas e ciências da saúde -, aumento da presença feminina em algumas áreas, como as ciências agrárias, ou ainda o declínio em algumas, como as ciências exatas e da terra e a engenharia e tecnologia, que haviam tido aumento entre as formandas do ano anterior. Na concepção das autoras "a sexualização das ocupações é um processo que se forma ainda nos bancos escolares, com efeitos perversos sobre a inserção feminina posterior no mercado de trabalho.

Nessa mesma direção, pesquisas recentes vêm demonstrando que a ruptura de guetos pelas mulheres no sistema educacional tem efeitos benéficos em sua inserção profissional. Confirmando essa tese, outra pesquisa de dissertação de mestrado elaborada por Cristina Teodoro, constatou que alunas egressas de cursos técnicos de engenharia de escolas do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), tiveram facilidade, em relação a jovens de áreas tipicamente femininas, para obter estágios e conseguir bons empregos depois de formadas. A socióloga Cristina Bruschine, comparando enfermeiras e engenheiras, descobriu que as engenheiras harmonizam melhor seus horários de trabalho com as exigências domésticas. Em sua pesquisa, observou que muitas enfermeiras não se casam ou não têm filhos devido às condições profissionais sacrificadas em que vivem.

### **3.3 Ensino Superior Brasileiro: Principais Tendências**

Visando discutir o aumento das matrículas das mulheres na Educação Superior Brasileira, a análise permitirá verificar como se deu essa feminização, em alguns cursos e quais influências tiveram essas mulheres (como foi descrito no capítulo anterior), por se concentrarem em determinados cursos. Historicamente, foram se constituindo as clássicas divisões entre o que se convencionou chamar de áreas mais "femininas", concentradas nas ciências humanas e em vários

curso da área da saúde, e aquelas, ditas "masculinas", mais presentes nas ciências exatas e nas carreiras tecnológicas.

Nessa análise, verifica-se que a participação das mulheres tende a ser maior em relação à dos homens, na educação superior, mas esta mesma representação não se efetiva na sociedade a sua participação nos espaços públicos de poder, nos cargos de chefia, no mercado de trabalho e na auferição de vencimentos e salários.

Do ponto de vista regional, no período de 1991 a 2005, a participação de mulheres concluintes dos cursos de graduação presenciais somente não cresceu na região Sul, onde as taxas mantiveram-se quase estáveis, passando de 60,6%, em 1991, para 60,4% em 2005. Entre as demais regiões, observa-se um crescimento maior no Norte, onde as mulheres representavam 60,0% dos concluintes, em 1991, e passaram a constituir 65,1% em 2005, situação similar à da Região Centro-Oeste, onde as mulheres, que já representavam 60,7%, chegaram a 65,7%, no mesmo período daquele contingente, no mesmo período.

Nesta análise, convém verificar que, de um modo geral, as regiões brasileiras acompanham a diferença, em pontos percentuais, entre o total de concluintes do sexo feminino e do sexo masculino, que, como foi assinalado anteriormente, fica em torno de 25 pontos, no ano de 2005.

O mesmo órgão explica que a diferença mais acentuada fica nas regiões Norte e Centro-Oeste, chegando a 30,2 e 31,4 pontos percentuais. Portanto, justifica que é do ponto de vista regional que se observam às mudanças mais significativas no perfil das matrículas femininas.

Exemplifica que dos 24 cursos oferecidos pelo Campus de São Miguel do Oeste e Unidades de Maravilha, Pinhalzinho, Mondaí e São José do Cedro, 18 têm predominância feminina. O curso de Secretariado Executivo tem 65 mulheres para cada homem. Serviço Social, Pedagogia, Tecnologia em Produção do Vestuário e Psicologia apresentam mais 14 Mulheres por homem.

Nesse mesmo estudo, relata que o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) demonstra que as mulheres representam 51,3% da população nacional. Constata que a taxa de participação das mulheres na educação superior do Brasil (56,4%) é maior ainda do que na população do País. Quanto aos homens, segundo o artigo, essa realidade inverte, uma vez que o sexo masculino representa 47,3% da população e 43,6 dos estudantes matriculados nas IES.

Estatísticas do INEP apontam que do total de alunos que concluem os cursos superiores, 62,6% são mulheres. Isso sugere uma diferença ainda mais significativa, que os homens têm rendimento inferior ao das mulheres ao longo de sua formação superior.

Nesse cenário, o consultor José de Abreu citado no documento afirma:

Parece que muitos rapazes não acreditam que os cursos universitários são fundamentais para dar retorno financeiro na sua vida profissional. Muitos dos grandes empresários não têm nível superior, o que acaba acomodando muita gente, que fica desacreditada com o ensino. No entanto, a concorrência é acirradíssima e isso é bom porque obriga as pessoas a se qualificarem. As mulheres estão atentas a isso, mas ainda ganham menos que os homens, para fazer a mesma coisa.

Na concepção de Ornélio Stertz citado nesse documento, essa atitude feminina é decorrência do próprio contexto do mercado. “A partir do momento que a mulher deixou de realizar meramente atividades domésticas, o que era uma realidade até então cultural, e foi procurar o seu espaço, as coisas foram acontecendo naturalmente. E na Universidade ela encontra o respaldo para o acesso a esse mundo do trabalho”.

A coleta de dados da pesquisa do INEP (2007), e as informações fornecidas pelo mesmo, confirmam o avanço das mulheres na aquisição de escolaridade, o que lhes propicia maiores credenciais para seu ingresso e permanência no mercado de trabalho em ocupações que requerem estudo. Uma análise dos percentuais femininos por áreas do conhecimento, no entanto, revela que, tanto no ensino técnico e profissional quanto no nível superior de ensino, persistem determinados "guetos femininos" como foram definidos por Bruschini & Lombardi (1990, p. 333) no capítulo anterior, que se reproduzem, posteriormente, no mercado de trabalho, como será focalizado mais adiante neste capítulo.

### **3.4 A Inserção da Mulher na Educação Superior: Em Alguns Países**

Uma análise mais atenta das estatísticas do ensino superior em alguns países revela que o número de mulheres no ensino superior aumentou, sendo os efetivos femininos, por vezes, superiores aos masculinos.

Alguns aspectos da análise do acesso e da participação das mulheres, que entram na universidade, têm freqüentemente a tendência a privilegiar o ensino no campo das artes e das ciências, sendo uma constante comprovada anteriormente.

O relatório mundial sobre a educação informa as percentagens de estudantes por campo de estudos, nas diversas regiões do mundo.

Nos dados coletados neste estudo, ao mesmo tempo em que se observa o crescimento da participação das mulheres que entram na universidade, é também constatada a tendência de privilegiar o ensino no campo das artes e das ciências sociais.

Segundo documentos de política preparados em 1994, respectivamente pelo Banco Mundial e pela UNESCO (1999, p. 549), já mencionados, nos países como a África, os Estados Árabes, a Região da Ásia e do Pacífico, em termos da igualdade entre os sexos, "são ainda encontradas poucas mulheres à frente de estabelecimentos de ensino superior".

No entanto, nesses países a reduzida presença de mulheres no ensino superior está vinculada, ao fato que conforme justificativa desses órgãos citados, são regiões que se caracterizam por uma grande diversidade cultural, por disparidades econômicas e instabilidade social.

Desta forma, relevante aspecto deve ser considerado nesse processo, a educação de base assume um papel de grande importância, em relação ao ensino superior, em países como a África, por sua vez a questão de igualdade entre os sexos no ensino superior é hoje uma das grandes prioridades nessa região.

Outro exemplo fica por conta da Região da Ásia e do Pacífico. Na ótica da globalização, têm promovido diferentes experiências no campo do ensino superior, em resposta às novas necessidades do mercado de trabalho, mas em contrapartida, "a pobreza continua a martirizar alguns países e numerosos diplomados universitários (especialmente a Índia) vivem problemas de emprego em mercados de trabalho em rápida mudança". (Banco Mundial/UNESCO, Idem). Além dos aspectos apontados, procuram justificar a relevância, de poucas mulheres à frente de estabelecimentos de ensino superior.

Quanto aos países da Europa Ocidental, Central e Oriental contam com o maior número de mulheres à frente dos estabelecimentos de ensino superior.

Diferentemente dos países citados acima, os países da Europa Ocidental segundo a UNESCO (1999, p. 549):

Dedicaram-se a vastos processos de reforma destinados a adaptar seu ensino superior à sociedade do amanhã, onde aspectos essenciais, tais como emprego e tecnologia, sofrerão transformações radicais, [...] em vias de adaptação à economia de mercado, aceleraram a modernização de seu ensino superior para possibilitar às suas populações meios de gerenciar a transição econômica e social em curso.

A América Latina e Caribe se caracterizam segundo a análise desses órgãos, como segue:

Uma região do mundo fundamentalmente rica, onde a estabilidade econômica e social melhorou consideravelmente e o ensino superior em geral sempre se caracterizou pela presença de um grande número de instituições privadas. A região se encontra decidida a implementar um ensino superior que extraia o melhor do capital humano e dos recursos naturais disponíveis, reorientando-o para responder às prioridades do desenvolvimento e ao papel crescente da região na economia mundial.(Ibid, p.550).

Apesar de serem numerosas as mulheres que ocupam postos de administração do ensino superior, nessas regiões acima mencionadas, "a questão da paridade entre os sexos deve ser tratada com precaução em alguns contextos". (Idem).

Sobre este aspecto, cabe destacar as considerações observadas pela pesquisadora Márcia Barbosa que estuda a presença feminina intitulada "Ciências exatas", e participou da organização do primeiro congresso de mulheres latino-americanas.

Explica que, ao trocar experiências com outras mulheres "percebemos que, no mundo inteiro enfrentamos barreiras idênticas, ou seja, justifica que a questão de gênero, é um movimento crescente, e que, em alguns anos, será mais obvio, como o é na Europa e Estados Unidos - já na América Latina, ainda, estamos construindo esse conceito, principalmente dentro das áreas científicas."

Na concepção dos autores Papadópulos/Radakovich (2000-2005, p. 127), já citados anteriormente, segundo estudos na "educação superior e gênero na América Latina e Caribe", concordando com as afirmações acima, nas últimas décadas os avanços nessa região têm tido

uma mudança de padrões culturais e educativos, que, sobretudo incentivam a inserção da mulher na educação superior.

A análise por conta desses autores mostra um cenário, na América Latina, com diferentes realidades, agrupadas na seguinte forma:

Em primeiro lugar, um grupo de países onde se tem produzido uma "feminização extrema" de educação superior. A participação feminina, no que se refere a matrícula, é amplamente superior a masculina. Os setores de educação tradicionalmente considerados masculinos se revertem e são feminizados. Um segundo grupo de países expressão certo equilíbrio "relativo", enquanto a participação equitativa por gênero na educação superior. Finalmente um terceiro grupo de países expressa uma continuidade das aberturas de acesso a nível feminino na educação superior.

Os autores são unânimes em caracterizar a feminização de carreiras tradicionalmente masculinas, "como um fenômeno interessante de caráter recente". (p.128).

Ao focar o aumento da mulher na universidade, é útil os nexos constitutivos de um fenômeno social, que é uma tendência observada em quase todos os países citados.

### **3.5 Mulher e Trabalho**

Maruani (2003) faz um balanço da situação da mulher no mercado de trabalho e se refere à discriminação que as mulheres sofrem com a profissão, justificando ser mais injusta, hoje, do que ontem. Confirmando dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP-1996-2003), Maruani (2003, p. 24) afirma que: "as mulheres são globalmente mais instruídas que os homens, mas continuam ganhando menos". A autora explica que, ainda concentradas num pequeno número de profissões feminizadas, as mulheres são mais numerosas no desemprego e no subemprego. Para que o quadro fique completo, faz um breve comentário da necessidade das políticas públicas em favor da igualdade, mas deixa claro que no início dos anos 1970 e dos anos 1980, praticou-se uma legislação anti-discriminatória: às leis de 1972 sobre a igualdade de remuneração e de 1975 sobre a não-discriminação na contratação juntou-se em 1983 a lei sobre a igualdade profissional.

Maruani (2003) faz um balanço dessas leis, uma leitura que chama de "deplorável", pois não funciona no sentido de impedir a discriminação na contratação e as desigualdades de carreira, igualdade de oportunidades só no papel.

As ações afirmativas no seu conceito apresentam mais um agravante, pois incitam o trabalho em tempo parcial, que, por definição e construção ideológica, é especificamente feminino, resultando em fonte de subemprego e de pauperização para umas e dependência em relação ao cônjuge para outras.

Para Walby (2003, p. 292), o trabalho em tempo parcial, o fato tem implicações positivas para as mulheres conciliarem o trabalho e a vida familiar. Porém, salienta que a diferença entre as taxas do salário/hora das mulheres que trabalham em tempo parcial e as dos homens que trabalham em tempo integral, em matéria de salário, de gratificações, de proteção social, ainda é muito grande. Explica que um terço dos trabalhadores em tempo parcial gera encargos sociais patronais menos elevados, o que faz deles uma mão-de-obra mais barata, tornando-os atraentes aos olhos dos empregadores.

Nesse contexto, Fagan (2003, p. 304), complementa dizendo que o crescimento do trabalho em tempo parcial se concentrou quase unicamente em empregos de predominância feminina: "elas estão no comércio, nos serviços de limpeza, nos escritórios, no ensino, na saúde, ao passo que são sub-representadas nos cargos executivos, nas posições mais altas das profissões liberais, ou ainda entre os operários qualificados".

Essa diferenciação decorre da norma do "chefe de família" que ainda repousa no seguinte contrato: os homens geralmente procuram trabalho em tempo integral, enquanto as responsabilidades domésticas das mulheres fazem pressão sobre o tempo que elas dedicam ao emprego.

Esse cenário de desigualdades e das tradicionais relações assimétricas entre os sexos no mundo do trabalho é uma preocupação que vem sendo tratado segundo as autoras Cappellin, Delgado e Soares (2000, p. 8), desde a experiência dos Estados Unidos, onde surgiram as ações afirmativas, da Itália e da França em que há iniciativas consistentes no âmbito empresarial, e de outros países da União Européia. Segundo as autoras, esses planos de igualdade de oportunidades, servirão de referência para diversos países e até atores brasileiros envolvidos na questão de emprego e das relações de trabalho.

Cappellin, Delgado e Soares (2000), explicam que as ações afirmativas no tocante de gênero em nosso país tiveram um alcance bastante limitado e que a constituição de 1988 deixou uma porta aberta, ao aprovar a proteção do mercado de trabalho da mulher mediante incentivos específicos, nos termos da lei.

Sobre esse assunto, Cofmea (apud Cappelin, Delgado e Soares,2000, p. 8), afirmou:

Com esse item os legisladores constituintes não tinham em mente, "proteger a mulher", mas sim garantir-lhe real igualdade de oportunidades por meio da adoção de medidas compensatórias (ações afirmativas ou discriminações positivas) que minorassem ou mesmo sanassem as desvantagens que as mulheres enfrentam no ingresso e durante seu percurso no mercado de trabalho. Lamentavelmente, não se avançou na regulamentação da lei.

Partindo da afirmação acima, as autoras explicam que a despeito da legislação sobre igualdade de salários, as diferenças ainda existem e persistem.

Embora esse perfil da trabalhadora inserida no mercado de trabalho tenha sofrido grandes transformações, algumas questões são apontadas pelas autoras para essas mudanças como:

- São mais altos os níveis de escolaridade feminina
- A presença das mulheres no mercado de trabalho se prolonga durante toda a sua vida reprodutiva, e também aumenta o número de horas destinadas ao trabalho remunerado.
- Amplia-se o contingente de mulheres chefes de família.
- Aumenta a permanência das trabalhadoras no mercado de trabalho na faixa etária de 25 a 40 anos, casadas ou não, tendo ou não filhos.

Pelo rápido panorama descrito, as mulheres de hoje "estão ainda sub-representadas nos empregos com responsabilidade de comando e que demandam qualificações técnicas. (CAPPELLIN et al, 2000)

Retomando a questão de níveis educacionais por parte das mulheres, na concepção de Arriagada (1997, p. 116)", quanto maior o nível educacional, maior a diferença salarial entre homens e mulheres". Em sua justificativa atribui essa diferença de rendimentos à discriminação de gênero, que varia, segundo o país, entre 10% e 85% e tende a ser superior a 50% nos países em desenvolvimento".

Na ótica de Cacouault (2003, p. 31), "a elevação do nível de qualificação escolar e universitária surge como um progresso indiscutível na medida em que o diploma protege da não-atividade e do desemprego".

Nessa mesma vertente Bruschini (1995, p. 335), afirma:

O impacto da escolaridade sobre o trabalho feminino se expressa nas taxas mais elevadas de atividade entre as mulheres com mais instrução. Em 1993, enquanto a taxa feminina de atividade era de 47%, a das mulheres com quinze anos ou mais de estudo era superior a 81%, ou seja, de cada 100 mulheres com nível superior, 81 eram ativas no começo da década.

Tabela C

**Escolaridade feminina e masculina na PEA<sup>1</sup> - Brasil**

Anos de estudo	Distribuição				Taxas de atividade			
	1993		1998		1993		1998	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sem instrução ou menos de 1 ano (em%)	17	14,4	14,1	10,6	74,4	40,2	72,4	36,6
De 1 a 3 anos (em%)	20	17,4	17,3	14,1	65,8	38,5	63,2	36,7
De 4 a 7 anos (em %)	34,1	32	32,8	29,6	75,5	43,4	70,1	41,8
De 8 a 10 anos (em %)	12,7	13	15,3	16,1	84	51,4	80	52,1
De 11 a 14 anos (em%)	11,6	16,9	14,9	21,7	89,5	68,2	86,5	69,6
15 anos ou mais (em %)	4,5	6	5,3	7,5	91,3	81,4	90,2	81
Total em %	100,0*	100,0*	100,0*	100,0*	76	47	71,2	47,5
Total em milhões	42,9	28	45,6	31,3	-	-	-	-

Fonte: IBGE/PNAD

\* Incluída a categoria "ignorado" ou "mal definido"

O quadro apresentado possibilita uma reflexão sobre o diferencial de gênero constatado na escolaridade brasileira, que tem impacto na população economicamente ativa (PEA). Segundo essa análise apresentada, as trabalhadoras têm níveis de escolaridade mais elevados que os seus colegas. Dados do IBGE que apontam a média de anos de estudo da PEA, em 1999, era de 6,3 anos. No entanto, enquanto a PEA feminina tinha 6,8 anos de estudo, a masculina não passava de 5,9.

Conforme a análise de Bruschini, no período (1993-1998), aumenta a escolaridade dos trabalhadores de ambos os sexos, porém o aumento da escolaridade da PEA feminina é mais significativo. Como é possível constatar na tabela acima, 21,7% das trabalhadoras tinham, em 1998, onze ou mais anos de estudo, o que se verifica para apenas 14,9% dos trabalhadores.

<sup>1</sup> População Economicamente Ativa (PEA): Composta por pessoas desocupadas, mas dispostas a trabalhar (desempregadas) e trabalhadores ocupados, sejam empregados (registrados ou não), autônomos, empregados ou não-remunerados. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/PEA-16k->>. Acesso em: 09 ago 2008.

Em decorrência das constatações apontadas pela autora, entendemos que escolaridade mais elevada entre as mulheres tem tido efeitos expressivos em sua colocação no setor formal do mercado de trabalho.

O boletim da (SEADE) Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (2006, p. 4) apresenta o expressivo aumento da taxa de participação feminina no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo, nos últimos 20 anos.

Esse boletim apresenta um diagnóstico da situação da mulher no mercado de trabalho, contradizendo velhas idéias de que elas abandonariam o mercado de trabalho por quaisquer motivos pessoais, dentre eles com “função meramente suplementar na tarefa passageira de contribuir na sustentação da renda familiar em períodos de desemprego do chefe da família”.

O que se constatou é que desde 1996 a taxa de participação da mulher no mercado de trabalho de 50% passou, em 2005 e 2006, para 55,5% e 55,4%, um comportamento de relativa estabilidade, conforme SEADE. (2006, p. 5)

Entre suas informações, esse boletim reafirma que "o aumento da escolaridade entre as mulheres é um fator de diferenciação da sua inserção, no mercado de trabalho". Apesar disso, deixa claro que o fator da melhoria da escolaridade não é decisivo, pois - “as mulheres continuam sistematicamente pior remuneradas do que os homens”. Justifica que essa defasagem, em 2006 manifestou-se de forma intensa e representa um dos grandes obstáculos para a completa inclusão social das mulheres.

O SEADE (2006) afirma que essa disparidade de remuneração não só reproduz os estereótipos de gênero, já citados no capítulo anterior, impregnados nas práticas sociais, como se revela uma das realidades mais resistentes às mudanças no mundo do trabalho.

Sobre essa questão Maruani informa que a (OIT) Organização Internacional do Trabalho constata que essa situação de mulheres ganhando menos que os homens ocorre não só no Brasil, mas em todo o mundo. Segundo a OIT, para o período 1991 - 1996, no Brasil, o rendimento recebido pelas mulheres em trabalhos não agrícolas correspondia a 72% do recebido pelos homens; na França o ganho feminino equívale a 81% do masculino e, no Japão, a 62%. (2003, p.350).

Como afirma Bruschini (1995, p. 333), “não pairam dúvidas, portanto, sobre o avanço das mulheres na aquisição de escolaridade, o que lhes propicia maiores credenciais para seu ingresso e permanência no mercado de trabalho em ocupações que requerem estudo”.

Na tabela abaixo, segundo o MEC/INEP (2001), constatamos esse aumento expressivo da participação feminina no ensino superior.

Tabela D

Parcela feminina entre os concluintes do ensino superior e entre os ingressantes pelo vestibular, por área do conhecimento – Brasil (em %)

Áreas do conhecimento	Concluintes		Ingresso pelo Vestibular em 1998
	Em 1990	em 1997	
Total	59,7	61,4	55,1
Ciências exatas e da terra	55,4	52,6	39,5
Ciências biológicas	70,5	73,9	67,6
Engenharia/tecnologia	15,3	22,4	18
Ciências da saúde	62,3	67,6	67
Ciências agrárias	27,2	38,7	43,5
Ciências sociais aplicadas	47,2	53,5	50,3
Ciências humanas	81,7	81,9	77,9
Linguística, letras, artes	84,1	83,3	78,7

Fonte: Mec/Inep/Senac

Uma rápida análise desses dados indica o avanço das mulheres na aquisição de escolaridade, o que lhes propicia maiores credenciais para seu ingresso e permanência no mercado de trabalho, confirmando as considerações citadas acima referentes à escolaridade.

Ainda revela que os percentuais por área, tanto no ensino técnico como profissional quanto no ensino superior, dão origem a determinados guetos femininos que se reproduzem, posteriormente, no mercado de trabalho, como será focalizado no próximo capítulo. No ensino superior, os percentuais femininos mais elevados encontram-se nas áreas de linguística, letras e artes (83%), nas ciências humanas (82%), nas ciências biológicas (74%) e nas ciências da saúde (67,6%).

O que se conclui nesse estudo é que as áreas de ciências biológicas e humanas, nesta década de 90, obtiveram aumento expressivo de participação feminina.

As mulheres são maioria também nas ciências exatas e da terra, porém nessa área sua participação sofreu declínio na década.

Em contrapartida, sua presença ultrapassou a masculina nas ciências sociais aplicadas, alguns deles tradicionais redutos femininos - como biblioteconomia, economia doméstica e serviço social -, outros cursos como - administração, arquitetura/urbanismo e direito, em que as mulheres estão ingressando de forma significativa desde a década de 1980. (BRUSCHINI e LOMBARDI, 1990, p. 334)

Contudo, apesar desse cenário, existe uma guetização, ou seja, ocupações com elevado contingente de mulheres, que, devido a essa característica de gênero, detêm menor prestígio e níveis mais baixos de remuneração. Um exemplo é a área da saúde; nela estão incluídos, os cursos mais tradicionais de medicina, enfermagem e odontologia, entre outros.

Outro estudo realizado por Papadópulos e Radakovich (2006, p. 123), sobre a educação superior na América Latina e Caribe, mostra que apesar de nas últimas décadas ter se verificado um aumento das mulheres ativas no mercado de trabalho, persistem desigualdades de gênero que não podem ser completamente superados pelas mulheres, mesmo “que a educação, superior tenha constituído historicamente uma ponte sólida para acesso ao mercado de trabalho”.

No estudo, a informação corresponde à década de noventa, nos diversos países da América Latina e Caribe, persistem tendências de segregação do trabalho, incluindo as mulheres que possuem mais tempo de estudo. Diversos fatores econômicos e culturais alimentam esta estrutura desigual de gênero, afetando o acesso ao mercado de trabalho.

Em média, nos países analisados, as mulheres com 13 anos ou mais têm uma participação no mercado de trabalho, superior a 19% da população total feminina, enquanto que os homens com 13 anos ou mais de estudos apresentam um total de 5,46%.

Os autores fazem uma análise a partir de grupos de países, com relação a participação das mulheres no mercado de trabalho relacionados aos anos de estudo. Segundo os autores, essa participação apresenta um salto no aumento da situação geral das mulheres, que se caracteriza em três tipos de situações:

- 1) No caso dos países Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Uruguai, Costa Rica e Rep. Dominicana, existe uma alta diferenciação da participação das mulheres no mercado de trabalho relacionada aos anos de estudo. Um aumento no acesso da educação superior entre 21% e 30% na participação feminina da população economicamente ativa e população ocupada. (PEA/PO)

- 2) O segundo grupo mostra uma situação média, no que tange à incidência de anos de estudo e na participação no mercado de trabalho alcança um aumento da quinta e sexta parte da taxa da (PEA/PO), para todo o grupo de mulheres no mercado de trabalho. Esta situação se encontra em quase todos os países da América Central analisados.
- 3) Terceiro lugar, El Salvador, Peru e Bolívia, expressam outra realidade, onde a participação das mulheres com mais anos de estudo a taxa da (PEA) na atividade econômica, diferentemente da média geral, em menos de 15% de aumento.

Os autores constatam que o efeito da segregação sexual no mercado de trabalho supõe a divisão entre profissionais femininos e masculinos, desigualdade no âmbito da qualidade dos empregos por gênero. De acordo com Galvez (2000), "o ingresso médio das mulheres latino-americanas representa em média a metade do salário masculino (53,8%)".

Fazem um balanço da situação salarial de gênero e as profissões, em alguns países latino-americanos:

Na Venezuela, as mulheres com estudos superiores constituem em 60,6%, no qual constitui uma estratégia de alcançar equidade salarial.

Na Costa Rica, um informe nacional indica que o "ingresso médio" de profissionais universitários, ingressos nas universidades públicas do país entre 1995 e 2000 registram um ingresso menor para as mulheres, tanto no médio como no equivalente a uma jornada de tempo integral. As áreas de maior matrícula feminina como odontologia e medicina, os salários masculinos superam os femininos, na ordem de 9 e 8% respectivamente.

As áreas de menor presença feminina como computação e informática o salário masculino era de 44% mais que o feminino. No caso Uruguai, por exemplo, um engenheiro recebe um salário que a proporção representa 42% mais que as mulheres. Um médico supera em 59% do salário de uma médica. De forma similar ocorre em Costa Rica, uma carreira feminizada como a Enfermeira, o salário masculino é de 10% superior ao feminino. (PAPADÓPULOS;RADAKOVICH, 2006, p.126)

Além dos argumentos já apontados pelos autores fica evidente que estes dados indicam que a diferença salarial entre homens e mulheres persiste, apesar dos esforços realizados pelas mulheres na aquisição de escolaridade.

## 2.6 Feminismos, Políticas de Gênero

Vista a expansão dos níveis de escolaridade pelas mulheres, é possível afirmar que há um reconhecimento social, na atualidade, de que as lutas feministas afetaram positivamente a maneira pela qual se deu a incorporação das mulheres no mundo do trabalho, nos códigos morais e jurídicos, nos valores, nos comportamentos, nos sistemas de representação, no modo de pensar e mais recentemente nesse processo de feminização da universidade.

Conforme Davis (apud REIS, JUSSARA; CARVALHO, 1997, p. 2),

O feminismo reflete o forte valor crítico de um movimento que no transcurso de mais de 200 anos conquistou para as mulheres transformações culturais sem as quais nossa vida seria impensável, somos cidadãs, temos o direito de votar e ser votadas podemos estudar nas universidades, somos cada vez mais mulheres ocupando postos de trabalho nas mesmas condições que os homens, etc.

Nessa perspectiva o feminismo tem contribuído na discussão de temas sociais e políticos, discute o que significa e o que deve ser a cidadania para as mulheres, a extensão dos seus direitos políticos, civis e sociais.

Alves e Pitanguy (1981, p. 7) referem que é muito difícil definir o feminismo. Para eles, "torna-se difícil traduzir todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto de chegada. Como todo processo de transformação, encerram contradições, avanços, recuos...".

Nesse cenário, Castells (apud REIS, JUSSARA; CARVALHO, 2004, p. 170), diz que "é inquestionável o fato de o século vinte ser identificado como o século das mulheres, [...] a mais importante das revoluções, porque remete às raízes da sociedade".

O autor refere-se ao contexto mundial e justifica que, em relação à América Latina, tem-se argumentado que o século vinte marca o início de uma revolução silenciosa, um processo de emancipação pacífica, porém profunda: a dignificação da mulher. A defesa dos direitos da mulher causou um impacto a mais na América Latina com o desenvolvimento da mulher e a equidade de gênero.

O quadro até aqui esboçado serve para destacar a importância do feminismo como agente de um processo de afirmação histórica que tornou públicas as necessidades e especificidade das mulheres e contribuiu para formatar uma modalidade de participação política.

Teria o movimento feminista contribuído para esse aumento das mulheres na universidade? Na concepção das autoras Alves e Pitanguy (1985, p. 9), [...] o movimento feminista, caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes, [...] se manifesta nos grupos feministas que se mobilizam em torno da promoção de cursos, debates, pesquisas, na formação de centros, editoras, etc.. E ainda revela-se também na esfera doméstica, no trabalho, em todas as esferas em que todas as mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o feminino não seja o menos, o desvalorizado.

Segundo as autoras, para a realização desta proposta não existem respostas prontas, acabadas. Estas se constroem na reflexão e na prática deste movimento recente e vivo, cujos rumos se orientam a partir da experiência coletiva que se acumula a cada momento.

Entretanto, esse movimento de mulheres tem contribuído em muito nas várias instâncias da sociedade, ultrapassando essa divisão estanque de lugares e papéis, tal qual estão mostrando os dados do aumento das mulheres na universidade.

Tal movimento tem suas raízes num passado distante em que Alves e Pitanguy (1985), fazem um breve comentário historicamente sobre a participação da mulher na esfera extradoméstica, que estaria ligada ao afastamento do homem por motivo de guerra. Explica que no campo da educação em tempos mais distantes no século XIV, embora minoritariamente, há registros de mulheres freqüentando universidades.

Ainda nesse mesmo século, uma escritora francesa, Cristine de Pisan, torna-se a primeira mulher a ser indicada poeta oficial da corte. Por ter um discurso conscientemente articulado em defesa dos direitos da mulher, é considerada uma das primeiras feministas. (1985, p. 16-19)

As autoras esclarecem que, nessa época (Idade Média<sup>2</sup>), existia uma representação simbólica, uma visão distorcida sobre a imagem da mulher, transmitida pelo romantismo da cavalaria: "uma mulher frágil e indolente, entretida em bordados e bandolins, à espera de seu cavaleiro andante. Concluem, dizendo:" uma defasagem entre a posição concreta da mulher na vida cotidiana e a representação simbólica de seu papel".

Para compreender melhor tal concepção referente ao papel da mulher nessa análise acima, toma o como exemplo as idéias desenvolvidas por Leite. (1984, p. 33) Segundo ela, o ideário cristão e conservador, que privilegiava os papéis de mãe e esposa para mulher, teriam um vigor tal, que acabavam se transformando, para a maioria, numa expressão da realidade social. Nessa sua análise explica, que essa era a "confusão entre o papel ideal e a realidade vivida" em que a mulher esteve sujeita nos séculos XVII, ganharam corpo no século XIX e começo do XX, para comprovar assim a sua inferioridade.

A consciência dessa opressão, segundo a autora, nas décadas de 20 e 30 assistiu a um debate jurídico e ideológico sobre o papel da mulher, favorecendo os primeiros passos para a luta pelos seus direitos, mas deixa claro que avançaram muito lentamente, com marchas lentas e recuos forçados.

Maciel (2002, p. 123) faz um rápido panorama sobre o movimento feminista e sufragista (a luta pelo voto feminino), dizendo que foram os grandes responsáveis pela atual visibilidade que a mulher representa; e que é de conhecimento de todos que o feminismo é bem anterior à década de 70 quando as mulheres inglesas saíram pelas ruas queimando soutiens, quebrando vidraças e batendo panelas. Ainda em sua fala explica que o movimento feminista tem suas raízes na segunda metade dos anos 1800 nos Estados Unidos e sua luta ia mais além, pois afirmava que a mulher devia recusar-se a servir a Deus, ao Estado, à sociedade, à família, ao marido para

---

<sup>2</sup> A chamada "caça às bruxas", verdadeiro genocídio perpetuado contra o sexo feminino na Europa e nas Américas - tão pouco estudado e denunciado- e que iniciou na Idade Média, exacerbando-se no século XVI, início do Renascimento, é parte da herança de silêncio que recobre a história da mulher. As milhares de mulheres assassinadas e torturadas (para cada dez bruxas contava-se um bruxo) pouco despertaram a curiosidade dos historiadores. Existe, nessa perseguição às "feiticeiras", um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem: a mulher, tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhe confeririam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino. (ALVES/PITANGUY, 1985, p. 20-21)

libertar-se. O voto<sup>3</sup> feminino, em última análise, teve o mérito de abrir as portas confinantes das casas para que as mulheres, ao menos formalmente, pudessem manifestar-se como cidadãs.

Outro ponto levantado pela autora, é que no decorrer da história sempre houve mulheres que seguiram trajetórias que nem sempre sucumbiram a modelos de seu tempo.

A partir do momento em que tiveram acesso às universidades<sup>4</sup>, foram também grandes responsáveis pelo conhecimento científico em condições de igualdade com os homens, apesar de sua invisibilidade. Essa foi uma das características que mais se sobressaíram nessa estratégia de penetração, nas sociedades científicas, em um meio estritamente masculino, desde o início de 1900. (p. 131).

Apesar dessas frentes de luta das mulheres, até a chegada às universidades, as autoras Alves/Pitanguy (1985, p. 54-57), explicam que o movimento feminista atual denuncia a mística de um "eterno feminino", ou seja, a crença na inferioridade "natural" da mulher, calcada em fatores biológicos. Denuncia, desta forma que homens e mulheres, tenham que cumprir papéis opostos na sociedade, cabendo ao homem, o mundo externo; à mulher, por sua função procriadora, o mundo interno. Reivindicando, por sua vez, a igualdade em todos os níveis, seja no mundo externo, seja no âmbito doméstico. A autora afirma ainda que a discriminação faz parte de um processo histórico, internalizado, que é difícil à própria mulher romper com a imagem de desvalorização de si mesma por ela introjetada, aceitando sua condição de subordinada. Propõe que a luta contra a discriminação se estabeleça na recriação de uma identidade própria, que supere as hierarquias da força e fraqueza, atividade e passividade e dessa forma não se coloquem como pólos opostos definidores do masculino e do feminino, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória, do ser humano.

---

<sup>3</sup> Em 1879, reforma aprovada pelo parlamento permite o ingresso de mulheres em cursos superiores, mas a presença feminina nas universidades mantém-se restrita durante as décadas seguintes... As mulheres brasileiras conquistaram o direito de votar apenas em 1932, durante o governo provisório de Getúlio Vargas.

<sup>4</sup> A respeito das Faculdades de Filosofia - Em 1934, São Paulo teria, por Decreto de 25 de janeiro, sua Segunda Faculdade de Filosofia, esta oficial, uma das escolas superiores integrantes da Universidade de São Paulo; em 1939, seria instalada a Faculdade Nacional de Filosofia como parte da Universidade do Brasil, criada por Decreto de 5-7-1937. Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1979, p.229.

Rago (2003), ao refletir sobre o movimento feminista brasileiro das últimas décadas, oferece indicações relevantes, ao afirmar:

As enormes conquistas realizadas pelos Feminismos em todos os campos da vida social, ao longo dessas décadas, especialmente no que se refere à aceitação das mulheres no mercado de trabalho e ao seu reconhecimento profissional [...], além disso, as mulheres têm reivindicado cada vez seus direitos de cidadania e aberto novas formas e espaços de luta.

Para tanto, a autora explica que não há como negar o fato de que toda a conquista arduamente ganha ao longo dessas décadas pelos feminismos não estão consolidados. Na sua justificativa, as principais queixas das "novas mulheres", em geral, são a dupla jornada do trabalho e o acirramento da competição no mundo masculino. Na sua concepção, as mulheres ainda pagam um alto preço por participarem da vida pública, como continuam a denunciar as feministas. Acrescenta, “na verdade, a libertação feminina acarretou um aumento grande do trabalho feminino, especialmente para as casadas ou com filhos”.

Retomando a questão da mulher na universidade, será que esse mais recente fenômeno que vem se revelando, constituiria um novo e importante passo rumo à emancipação da mulher?

Trata-se de um movimento contraditório uma vez que a emancipação possui duas vertentes: a primeira marcada pelo aumento significativo do ingresso das mulheres na universidade, a segunda implica o alto preço da participação na vida pública, ou seja, a dupla jornada de trabalho fortemente destacado por Rago. (2003)

Em síntese, as ações que buscam a emancipação feminina, como vêm sendo denunciado pelas feministas, podem minimizar as formas de dominação patriarcal no espaço doméstico.

Marcando fortemente uma diferença em relação ao passado, uma situação contraditória se contrapôs à condição feminina representada. Nas décadas de 20 e 30, segundo Leite (1984, p. 43), havia a preocupação com o caráter da feminilidade e com as mudanças no papel social da mulher, sendo isso uma constante através da imprensa diária ou das revistas semanais mais populares.

---

Fizeram parte do solo percorrido pelo feminismo de nosso país, nesse período, algumas feministas como Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura, sendo que a primeira citada concentrou-se na luta pelo voto como instrumento de progresso feminino e símbolo dos direitos de cidadania, esbarrando nos estereótipos da mulher, já que o sufrágio feminino nesse período era interpretado tanto na Assembléia Constituinte como perante a sociedade como uma ousadia anti-social, ou seja, uma dissolução da família brasileira. Os argumentos utilizados para justificar os anti-sufragistas mobilizaram a opinião pública contra essa invasão indevida da mulher, por considerar uma esfera masculina.

Maria Lacerda de Melo, a outra feminista citada, queria conquistar para a mulher uma nova posição, sem o paternalismo e os termos religiosos das associações cristãs. Ela também encontrou barreiras com os limites políticos da instituição. Essa e muitas outras feministas contribuíram cada uma com a inquietação do seu tempo. Em contrapartida, Rago (2003), apresentando algumas pinceladas sobre a história do movimento feminista brasileiro, reportando para os dias de hoje, afirma que: "Se fizer entrevistas com muitas mulheres, especialmente com as mais jovens, concluirá que não se consideram feministas e que nem mesmo conhecem história do feminismo no Brasil, afinal este não é um país onde o sentido histórico seja predominante".

É importante acrescentar também, na concepção de Rago, que esse desconhecimento não deve concluir que o movimento feminista não tenha tido um forte impacto sobre as estruturas, social e econômica, sobre as instituições políticas e principalmente sobre o modo de pensar no país e que não esteja em plena ebulição, ganhando cada vez maior número de adeptas, militantes e associadas.

Contudo, nesse processo, houve um repensar das práticas feministas, a partir dos anos 70, estabeleceram-se dois movimentos liderados por mulheres: o movimento feminista e o movimento de mulheres. O primeiro levantava questões especificamente feministas, e o segundo incluía questões como o direito à maternidade, o divórcio, o aborto e a violência sexual e física contra as mulheres. Enfim, a junção desses dois movimentos foi fundamental ampliando as bandeiras de luta, conscientizando cada vez mais seus direitos de cidadania.

Sobre esse assunto, aproveito a contribuição de Segnini (1998, p. 105) que considera a força política e social dos movimentos reivindicatórios feministas, notadamente a partir da década de 1970, os quais contribuíram para desencadear mudanças nos valores e comportamentos nas relações de gênero.

Nesse sentido, abriram novas formas e novos espaços de luta, como ONGS feministas, núcleo de pesquisas sobre a mulher e as relações de gênero nas universidades e fora delas, videotecas e revistas, saúde especializada, Delegacia da Mulher, Conselho da Mulher e outros direitos que acabaram por ser inseridos na própria Constituição.

Essa libertação feminina acarretou, sem dúvida alguma, um aumento muito grande do trabalho feminino, especialmente para as casadas ou com filhos, aliado a uma pressão muito maior pela prova de sua qualidade, como já foi mencionado, buscando o aumento dos anos de estudos para poder competir no mercado de trabalho.

### **3.7 VI Conferência Mundial da Mulher em Beijing (Pequim)**

Como foi descrito acima sobre o movimento de mulheres, faremos um pequeno balanço da conferência de Beijing que retrata mais um capítulo das lutas, reivindicações e conquistas das mulheres nas diferentes partes do mundo.

É considerado o maior evento realizado até agora pela organização das Nações Unidas - reunindo 181 Estados, 50 mil pessoas entre participantes do Fórum de ONGS e a reunião oficial: cerca de 30.000 mulheres de todas as regiões, raças, etnias, idades e condições, estabelecendo contatos, intercâmbios, simpatias, solidariedades, novas articulações, e também vivendo em um microcosmo, segundo o (GLADEM) Comitê Latino-Americano e do Caribe para Defesa dos Direitos da Mulher. Foram abordados conflitos próprios da etapa atual da humanidade: o problema do Tibet; as do Sahara ex-espanhol frente às marroquinas; as israelenses frente às palestinas; as fundamentalistas católicas frente a todas as demais...

Segundo Vargas (1996, p. 25), representante do Peru, "as mulheres demonstraram não ser extraterrestres, senão produtos de seu entorno e dos limites de suas sociedades e suas democracias". Em sua fala, exemplifica um sentimento velado entre as participantes, simbolicamente no discurso "não pronunciado", ante a Plenária de governos, aludindo não só a nossos governos, mas também à China: "No país da Grande Muralha, viemos exigir que se abram todas as muralhas que detém nosso avanço". Na sua narrativa, deixa claro que o Comitê Organizador Chinês, apesar de ser anfitrião do evento, oscilava entre a gentileza e o autoritarismo, sem experiência nem aparente interesse de diálogo e respeito a uma sociedade civil

débil e sem um movimento de mulheres forte que exija ser escutado; deixa claro que o processo de Beijing foi uma aprendizagem de cidadania para muitas delegações dos governos da região.

Um balanço das propostas discutidas se refere ao termo "democracia", ou seja, exige repensar as relações entre Estado e sociedade; exige redefinir o papel do Estado nas políticas públicas e o bem-estar dos cidadãos; exige gerar vastos espaços públicos no interior dos quais os diferentes grupos sociais identifiquem suas necessidades.

Cita a política de cotas, mesmo considerando ser transitória, na sua concepção seria para começar a abrir a enorme muralha de resistência e monopólio masculino. Ela exemplifica a posição da mulher na seguinte frase:

[...] Somos, sim, expressão de uma das discriminações mais fragrantas e mais inaceitáveis, às vésperas do novo milênio. Por isto, a inclusão das mulheres em sua diversidade e não em sua uniformidade pode ajudar-nos a repensar uma democracia mais inclusiva, menos excludente. (1996, p. 31)

Observa, entretanto, que, apesar das enormes contradições de nossas democracias, o que se observou em Beijing foi a diversidade de cidadania, desde mulheres negras, índias, mestiças, chefes de família, mulheres rurais e urbanas, jovens e velhas, heterossexuais e lésbicas, começam a expressar-se através da política de cotas e enriquecer a política democrática.

Partindo desse princípio de diversidade, foi discutido que cada país é parte de uma realidade muito mais ampla e complexa “que na realidade, somos parte da aldeia global e que, portanto, somente articulando-nos ao nível dos governos e das sociedades civis regionais e globais poderemos confrontar os aspectos negativos da globalização e dar as bases para uma real integração regional e global”, disse Vargas”. (1996a, p. 32)

A discussão compartilhada entre as mulheres da conferência não abarcou só interesse relacionado com o gênero subordinado, apesar de ser uma constante nos diferentes espaços e contextos, mas assumiu um compromisso de maior envergadura buscando alternativas frente aos direitos humanos, às preocupações mundiais, ao desarmamento militar e nuclear e erradicação da pobreza, por serem sem dúvida fatores fundamentais para o futuro da humanidade. Essa preocupação “com o todo” está relacionada com a experiência do cotidiano em que as mulheres enfrentam, no seu processo histórico, desde a múltipla jornada de trabalho invisível, parcial,

familiar, a violência doméstica e a violência sexual, alcances e articulações do privado e do íntimo, além dos problemas de ordem material e existencial.

Vargas (1996 a, p. 33) resume sua experiência em Beijing:

[...] aprendi o quanto custa incorporar a diversidade e a diferença - especialmente quando ela está tão carregada de desigualdades como está entre nós -, mas creio que é uma aprendizagem que nunca vai terminar, porque é lenta descoberta da outra/outro, vencendo permanentemente nossas defesas internas, estar construindo movimento global é fascinante e esta foi uma das aprendizagens mais enriquecedoras, aprendi sobre minha força, e finalmente aprendi que a tolerância é a virtude mais valiosa para estabelecer relações democráticas e, às vezes, é a virtude mais difícil.

Nessa sua colocação, é necessário destacar que o movimento feminista citado no tópico anterior, se mostrou em Beijing, se estendendo em outra parte e de outra forma. Vieram de todas as partes - introduzindo as discussões não apenas relativas às mulheres, mas ampliadas às questões do gênero.

Baraka (1996, p. 42), representante da Argélia, deixa claro que o Fórum de Beijing mostrou também os limites de um grande movimento como o das mulheres. E diz:

há muitas feministas em um encontro como este, mas não há apenas feministas. Não eram apenas mulheres que tinham um projeto radical em relação à gestão do mundo, voltando a questionar o patriarcado e, com este, a separação dos indivíduos devidos à propriedade, a humilhação devido à hierarquização [...] enfim, o mundo no qual vivemos.

Faz referência aos Estados totalmente patriarcais: "Estes são os limites de seu pátio de recreio, meninas"! Nessa sua observação, cumpre, ainda, lembrar que os pressupostos anteriormente explicitados permitem ressaltar os estereótipos de gênero discutidos no primeiro capítulo.

A representante Martínez (1996, p. 49) de Honduras explica que, por razões biológicas, o fato das mulheres assumirem substancialmente as funções produtivas e reprodutivas da espécie humana não é valorizado como uma contribuição à sociedade. A representante da Argentina

Chiarotti (1996, p. 55) faz um breve balanço, um olhar latino-americano a respeito das mulheres muçulmanas. Explica que "o mundo muçulmano não é uno, uniforme", que não há apenas uma interpretação do Alcorão. Justifica que possuem múltiplas fontes e formas e estão influenciados por diferenças culturais e éticas, contextos históricos, passados coloniais, assim como correntes políticas. Explica que existem várias faces dos costumes patriarcais, que fizeram parte de nosso processo histórico latino americano. Entretanto, no caso muçulmano, em grau mais severo, pois restringem a liberdade das mulheres, limitam seu acesso aos espaços públicos a certas ocupações, à informação e lhes negam acesso igualitário aos recursos econômicos, à saúde, à justiça e a uma ampla gama de oportunidades educacionais e laborais.

Em outro ponto, faz referência à "violência" contra as mulheres, que está institucionalizada, e em alguns casos, é uma forma pública de sanção social, utilizada para manter as mulheres no lugar que socialmente lhes foi atribuído, segundo os padrões patriarcais vigentes nessas sociedades. Complementa, dizendo: "que a violência também é utilizada como uma arma política pelos grupos fundamentalistas. Na Argélia, as mulheres que vivem sozinhas ou que mantêm um estilo de vida independente são alvo de ataque de grupos militantes e podem ser mortas".

Outro exemplo de violência institucionalizada através do costume fica por conta da mutilação genital feminina, que se utiliza amplamente no Sudão, Gâmbia, Sri Lanka e outros países. Apesar de terem sido proibidos por lei por alguns governos (por exemplo, o Sudão, desde 1964), o número de mutilações não diminuiu. (Chiarotti, 1996, p. 56). Diante das denúncias feitas pela representante desse país, é evidente que os desafios são gigantescos, mas, segundo ela, as mulheres muçulmanas estão trabalhando ativamente - muitas vezes correndo risco de vida - para avançar em direção à igualdade.

A experiência de luta das mulheres muçulmanas pode ser particularmente útil contra a passividade e submissão das mulheres em outras sociedades. Segundo descreve a representante do Uruguai Grela (1996, p. 75), "provavelmente a conquista dos objetivos ainda levará um século e, apesar das urgências de nossa vida finita, historicamente é pouco tempo dentro do processo evolutivo que continua".

Os tópicos abordados na Conferência de Beijing fazem refletir a respeito do movimento feminista que está inserido tanto nas sociedades "patriarcais" como na nossa e até nas mais radicais, procurando combater as discriminações sofridas pelas mulheres em geral, independente

de raça e etnia, reivindicando os mesmos direitos como ser humano, adquirindo mais conhecimento e chegando as universidades sem estereótipos de gênero como foi falado anteriormente.

### **3.8 Dupla e Tripla Jornada**

Nesse movimento social, político e intelectual que se traduz nas conquistas já alcançadas, ainda pesam sobre a mulher os efeitos da tradição cultural. Nesse sentido como conciliar a esfera privada (a família, os filhos...) com a esfera pública (profissional)?

Na concepção de Laufer (2003, p. 133), isso está relacionado a "tempo e espaço", ou seja, às configurações que permitem às mulheres articular trabalho profissional e trabalho familiar e doméstico, que caracterizam a vida da cidade: novas fronteiras se desenham entre o tempo de trabalho e outros tempos sociais.

A autora prossegue afirmando que:

se para os homens, historicamente, o direito ao tempo livre constituiu-se em direito de cidadania - com a redução do tempo de trabalho e com férias paga, os assalariados reivindicavam uma liberdade de existir também fora do trabalho -, para as mulheres o caso foi diferente. Suas reivindicações visavam, em primeiro lugar, ao acesso igual à cidadania pelo direito de ter um emprego. Para elas, o direito ao trabalho assalariado significa a liberdade de existir fora de uma posição de subordinação doméstica.

As reivindicações continuam na ordem do dia, complementa Laufer, pois a aposição das mulheres é marcada pela junção de dois movimentos contraditórios: o primeiro, que vê no trabalho assalariado um meio privilegiado de acesso á cidadania plena; o segundo, que tende a lembrar o interesse que pode haver, também do ponto de vista da cidadania, em dispor de "tempo livre", ou seja, de tempo fora da esfera doméstica.

Para Carreira (2001, p. 129), mesmo tendo adentrado ao mercado de trabalho, além das funções remuneradas, cabe a elas a quase totalidade dos afazeres domésticos e do cuidado com os

familiares. Explica que nesse sentido esconde-se o fenômeno da dupla jornada, já exaustivamente denunciado.

A autora ainda lembra que as mulheres de classes populares enfrentam essa situação há mais tempo, já que há várias gerações trabalham fora de casa. O fardo maior recai sobre essas mulheres mais pobres, pois, além de viver a dupla jornada, muitas delas desempenham um importante papel social de gestão comunitária, ou seja, a luta para que as condições mais básicas de vida sejam implantadas ou mantidas pelo o Estado, tais como os serviços de saúde, saneamento básico, educação, transportes e moradia. Esse tipo de atividade comunitária é caracterizada pela autora de tripla jornada.

Nesse movimento de mulheres em que se fundamenta o feminismo, fazem parte importantes movimentos sociais brasileiros que surgiram da ação voluntária de mulheres que arregaçaram as mangas por melhorias nos bairros pobres das cidades, das creches, etc. São exemplos que tiveram início na década de 1970, são exemplos de iniciativas que hoje se multiplicam pelo Brasil assumindo diferentes formatos. (2001 p. 129)

A tradição cultural é um fator de grande relevância, afirma a autora, pois tanto homens quanto mulheres encaram o trabalho profissional feminino como "complementar" ao do marido, mesmo que seja a mulher a única a entrar com dinheiro em casa. Isso torna invisível seu esforço fora do lar.

A teóloga Bingemer (2000) fala a respeito das mudanças nas relações familiares em detrimento da vida profissional da mulher, "por ela não estar o tempo todo em casa, tudo muda, pois é necessário haver uma melhor estruturação, ou seja, as famílias passam a ser mais planejadas, tomando outro aspecto". Complementa dizendo que "ainda não dá para ver os resultados porque esta geração que está sendo mãe agora carrega muita culpa de estar fora de casa, ainda está muito dividida e ainda não integra isto tranquilamente". E complementa Bingemer (2000, p. 13) "quando isso for melhor equacionado, poderá ser benéfico para a família onde as tarefas serão mais divididas, onde não ficarão os garotões sentados e a mãe lá na pia lavando louça, onde todo mundo vai assumir as responsabilidades e dividir as tarefas".

Para Carreira (2001, p. 143), as mulheres convivem com um desafio permanente em conciliar os diversos fatores de uma mesma equação: vida pública versus vida pessoal e familiar. Atribuem as mudanças que ocorreram no final do século XX, na questão da família tradicional.

Um processo de mudanças desencadeado há cinquenta anos e que vem se acelerando nas últimas décadas,

Pois hoje não se pode mais falar em um modelo hegemônico: uma família nuclear, heterossexual, com papéis e funções claramente definidos. Um universo bastante diversificado, famílias mais ampliadas, que reúnem crianças de vários casamentos, famílias chefiadas por mulheres, famílias homossexuais, entre outras.

Qualquer que seja a realidade, para a mulher, constitui um desafio harmonizar, como foi falada anteriormente a administração do tempo, que envolve sua vida pessoal, profissional, familiar e afetiva.

Tudo isso faz com que as mulheres precisem literalmente ser malabaristas, equilibristas e um pouco mágicas para, ao mesmo tempo em que negociam permanentemente um lugar melhor para si, tenham capacidade de garantir um tempo pessoal.

Nesse sentido como dizer um “não” à dupla jornada? Partindo desse pressuposto, Carreira (2001, p. 155) propõe:

Que uma nova “cultura familiar” se institua baseado na cooperação, promovendo a igualdade de responsabilidades entre os sexos nas relações familiares, estimulando e valorizando o retorno dos homens ao lar. Educar as crianças dentro de uma perspectiva não sexista, ou seja, a desigualdade que vivemos hoje foi criada desde cedo em nossas vidas por intermédio da educação. Precisamos estar alerta para não reproduzi-las. Seja nas tarefas domésticas, nos jogos ou nos papéis desempenhados por meninas e meninos, é importante evitarmos atitudes sexistas. Em termos da escolarização, torna-se fundamental estimular as crianças e adolescentes a seguir seus dons e inclinações, sem forçar meninas a adotar profissões mais adequadas para mulheres e meninos para as habilidades masculinas” .

A jornada simultânea, em que a mulher realiza o trabalho profissional ao mesmo tempo em que exerce as atividades domésticas, nesse acúmulo de atribuições, são fatores que contribuem para que se mantenham redutos de profissões tradicionalmente destinados às

mulheres, como professorado, o secretariado, enfermagem, como demonstrado no primeiro capítulo.

Este capítulo procurou mostrar a construção da educação feminina e a inserção da mulher na educação superior. Apesar de todo o seu processo histórico revelar avanços e recuos, um novo e importante passo rumo à educação superior pode contribuir para a emancipação da mulher. Portanto, a questão que ainda se mantém é se a sua presença implica em alguma mudança nessa instituição.

É sobre esse tema que algumas considerações serão feitas, no próximo capítulo.

## 4 A TRAJETÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

O presente capítulo tem por objetivo fazer um balanço da situação atual das principais iniciativas à questão das mulheres no ensino superior.

No decorrer desses últimos anos e neste momento em que assistimos a um aumento no acesso das mulheres ao ensino superior, constata-se um crescimento considerável nas matrículas. Em contrapartida, há ainda progressos a serem feitos, especialmente no que diz respeito à presença feminina em campos como a ciência e a tecnologia.

Além disso, persiste certo número de obstáculos, já mencionados nos capítulos anteriores, que constituem para as mulheres um entrave ao pleno exercício de seus direitos enquanto cidadãs e profissionais. (UNESCO, p. 543)

Neste capítulo, pretendo discutir, em especial, aspectos relacionados às mulheres sorocabanas que estão cursando ou já concluíram a educação superior. Levando em consideração o anteriormente exposto, é importante examinar possíveis implicações que esse aumento da matrícula feminina provocaria na educação superior.

Na seqüência, para realizar este estudo, foram coletadas histórias de vida, resumidas, de mulheres que cursaram a graduação alguns cursos nas universidades de Sorocaba. Os relatos destas experiências são úteis para a compreensão do fenômeno, pois as diversas concepções sobre as profissões realçam características de gênero presentes nesse processo histórico. Por apresentarem características específicas, optei por usar nomes fictícios, para preservar a identidade das entrevistadas, suas experiências serão analisadas separadamente, numa perspectiva individual.

O aspecto mais visível na trajetória das depoentes sobre a educação superior, como a minha própria - na busca por mais tempo de estudo, consiste na quebra de alguns paradigmas, na esfera privada (âmbito familiar). Os relatos são permeados por avanços e retrocessos, como vem se mostrando a trajetória da mulher no seu processo histórico, discutida nos capítulos anteriores

A análise feita neste capítulo busca entender se a crescente inserção da mulher na universidade pode contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social e se pode constituir uma conquista do ponto de vista de gênero.

A esse respeito, Carreira (2001, p. 9), quando se refere à luta pela igualdade entre mulheres e homens, afirma que:

A luta pela igualdade entre mulheres e homens e as conquistas nesse terreno constituem, sem dúvida, um dos marcos mais significativos deste início de milênio. As conquistas transcendem o plano individual para incidir em toda a sociedade, trazendo consigo marcantes transformações pessoais e coletivas, que têm como consequência, profundas mudanças na estrutura social, na organização familiar, nas formas de produção e consumo, no mundo do trabalho e das responsabilidades públicas.

Quando Carreira fala “transcendem transformações pessoais e coletivas”, oferece-nos uma visão da inserção da mulher na universidade, que é uma constante na trajetória de todas as depoentes.

#### **4.1 Análises das Entrevistas**

Como foi descrita acima, a universidade, significou mudanças marcantes na vida dessas mulheres entrevistadas, como é o caso da Ana Carolina:

*Desde pequena eu queria ser pesquisadora, queria descobrir as coisas. Tinha esse sonho de fazer faculdade, única mulher de seis irmãos, não tive apoio de meu pai que dizia: "Mulher não estuda". Por outro lado, tive apoio da mãe, que era professora. Resolvi sair de minha cidade, porque sabia que ali eu não teria chance de estudar. Fui sozinha para Sorocaba, apenas eu, uma mochila e o sonho que me acompanhava. No começo, foi difícil, encontrei muitas dificuldades, trabalhei em vários empregos para poder me manter. Já na graduação, eu nunca sabia se conseguiria pagar, e algumas vezes era barrada no período das provas. Nesse período, lá ia eu e alguns colegas negociar a dívida. Nunca esqueço a bondade do diretor dessa instituição, sempre facilitando, para que nós pudéssemos dar continuidade aos estudos. Consegui me formar na área de exatas, mais um desafio, porque na época não encontrava muitas mulheres nessa área..*

No depoimento de Ana Carolina, em vários momentos, parece que voltei no tempo de minha graduação, algumas passagens de sua trajetória parecem se confundir com a minha própria, principalmente quando ela relata a dificuldade em pagar os estudos. Coincidentemente, também fiz parte dessa parcela de alunos que receberam apoio desse diretor para que pudessem, como na sua afirmação, dar continuidade aos estudos.

Quando a depoente é questionada a respeito da contribuição que a universidade trouxe para sua vida, além das mudanças já ocorridas em sua trajetória, explica: "me trouxe estabilidade financeira, e a possibilidade de dar seqüência na carreira acadêmica, ser pesquisadora, meu sonho de criança".

Nesse percurso descrito pela entrevistada, percebem-se claramente as barreiras e obstáculos na sua busca pelo "sonho". Merece ser ressaltado o enfrentamento com o pai em cuja opinião "mulher não estuda". Lembro-me que esse argumento era o mesmo usado pelo meu pai. Em contrapartida, o apoio para cursar a universidade veio de minha mãe que dizia para mim e minha irmã, "filha, você tem que ter faculdade, ter o canudo, porque sem estudar você não é ninguém, não queira ficar como eu, com os sonhos guardados, esquecidos no tempo".

Na análise acima, temos claros exemplos da mentalidade reacionária, opressora, ainda presente na cultura predominante no sistema patriarcal, que historicamente valoriza o masculino em detrimento do feminino e que dá a base material para as desigualdades sociais, econômicas, culturais, existentes entre homens e mulheres. (CARREIRA, 2001, p. 12) Para Carreira, as desigualdades: "se manifestam de formas diversas em diferentes contextos sociais, culturais, locais e regionais e que suscitam por parte de mulheres e homens diferentes reações/resistências/estratégias".

Outra entrevistada Nancy, por exemplo, na sua narrativa Ana Carolina, aborda - vida pessoal, vida familiar e vida profissional/pública. Aponta as dificuldades em sua experiência como profissional professora e mãe.

Relata sua escolha pelo curso, por influência primeiramente da mãe que possuía apenas o ensino primário, mas que era apaixonada por leitura, e por alguns professores marcantes em sua trajetória escolar. Tivera uma base excelente em Português, desde o antigo ginásio, cursado sempre com a mesma professora impecável que seria o modelo para sua postura e dedicação à

carreira docente. A Profa. Marylène Neiva aluna favorita do Prof. João Tortello, herdando seu estilo de ensinar, com seriedade, eficiência e conhecimento a toda prova.

Tão apaixonada assim pelo estudo das Ciências Humanas, em especial História, literatura e Língua Portuguesa, resolveu, após o ginásio fazer o clássico no ensino médio. Ela sonhava (assim fora a Profa. Marylène Neiva) em ser aluna do tão falado Prof. Dr. João Tortello, importante figura no ensino em Sorocaba, grande conhecedor e especialista da Língua Portuguesa. Ao lado do conhecimento profundo, era um grande professor, por seus conhecimentos notórios do Grego e do Latim, provavelmente seu grande diferencial.

A entrevistada conta que sua mãe, na época, preocupou-se com o fato de o curso clássico não dar senão um certificado de conclusão fizesse o magistério ao mesmo tempo no período noturno, embora em toda sua carreira jamais tenha feito uso deste diploma, para despreocupar a mãe que pensava em seu futuro.

No decorrer do curso, clássico, quando falava com os alunos sobre carreiras, conhecendo a paixão dela pela Língua Portuguesa, ele aconselhou: “Nancy, sua receita é letras clássicas, vai fazer”. E ela foi formando-se pela Universidade de São Paulo. Ela conta ainda que, há uns dez anos atrás, pouco antes da morte do Prof. Tortello teve o ensejo de encontrá-lo e pode dizer sinceramente grata: “Professor, o que o senhor nos legou foi um patrimônio de vida inteira. Assim também pensam meus colegas contemporâneos”.

Ele ficou visivelmente sensibilizado. Foi um referencial muito importante em sua vida, e ainda é, único e inesquecível. Mais adiante, ela cursaria História, curso que deu seguimento a sua carreira acadêmica que tem continuidade até hoje .

Ao longo do seu depoimento, foram perpetuando a sua construção profissional a entrevistada, alega que: "gostava tanto da escola que queria ser professora".

Neste sentido, Hernández (1983, p. 102) aborda o projeto profissional:

Como qualquer projeto de vida, é determinado pelas condições reais de vida que abarcam, além das ideologias vigentes, os laços familiares, as determinações de classe, as influências demográficas e outros aspectos que irão fazer da história de cada um uma história diferente e, conseqüentemente, uma construção profissional também diferenciada.

Fica evidente que a entrevistada sofreu influências externas, mas também é notório que sofreu influências (familiares, políticas, religiosas e econômicas). Não sentiu nenhuma discriminação ao longo da carreira, mas em determinado período-1977- que lecionou no "Anglo" (Colégio Cidade de Sorocaba), explica que:

O corpo docente era caracterizado pela maioria de homens, sendo que “eu era a única mulher. Começaram a pressionar que queriam aqueles professores. os bons de São Paulo”. Nessa época, os melhores nessas áreas de português e literatura eram homens. É que coincidentemente naquele período eu era a única mulher qualificada, por isso fui escolhida “.

Levando-se em consideração esse contexto profissional descrito pela entrevistada, e pensando a respeito da mulher no mundo do trabalho, segundo Strey (1990, p. 99) "ainda existem grandes diferenças ao se falar de trabalho de homem e de trabalho de mulher".

Nessa perspectiva que Vianna (1998, p. 333) "destaca a concepção hierárquica das características masculinas sobre as femininas no prestígio e/ou desprezo das profissões".

Em outro momento da entrevista, a questão se relaciona com carreira profissional versus vida familiar, que a entrevistada resume na seguinte fala:

*Hoje, em fim de carreira, eu sinto que abandonei muito os meus filhos. Conciliar família e profissão só foi possível graças à ajuda e dedicação de minha mãe e meu padrasto. Mas houve época em que deixava minha filha bem pequena na escolinha em período integral. Nesse período, eu saía de casa de manhã de ônibus, com três sacolas na mão. Descia a Rua Amazonas até a Sergipe deixava o bebê na escolinha Rabicó Baby, pegava outro ônibus até a rodoviária para pegar o “Cometa”, pois ia dar aula na zona leste em São Paulo. De lá, saía acho que às cinco horas da tarde. Era longe, longe, quase em Santo André, vinha embora e tinha de chegar a tempo de dar as duas últimas aulas na Prefeitura. Terrível, tudo de ônibus, meu marido ficava com as crianças à noite O cansaço era indescritível, tudo para não largar a rede estadual como efetiva, o que significava segurança., a despeito da eterna má remuneração. É bom lembrar, mas será que eu conseguiria fazer isso hoje? Como eu consegui? .*

Quando se refere à relação da vida profissional com a familiar, é pertinente lembrar como já foi citado no capítulo anterior pela autora Carreira (2001, p. 129), a respeito do fenômeno da dupla jornada, que as mulheres convivem com um desafio permanente em conciliar os diversos

fatores, "vida pública versus vida pessoal e familiar". Strey pode ajudar a entender esse paradoxo das funções exercidas pelas mulheres em nossa sociedade: "Enquanto os conceitos não mudam completamente, vemos então que as mulheres têm que ir carregando os papéis de antes e os papéis de agora"

Neste cenário, a entrevistada parece emergir da análise que a teóloga Bingemer (2000, p. 13), faz:

A nova mulher ainda está se fazendo, ainda não está pronta [...], fala a respeito das mudanças nas relações familiares em detrimento da vida profissional da mulher, [...] por ela não estar o tempo todo em casa, tudo muda, pois é necessário haver uma melhor estruturação, ou seja, as famílias passam a ser mais planejadas, tomando outro aspecto, [...] ainda não dá para ver os resultados, porque esta geração está se fazendo, [...] a mãe agora carrega muita culpa por estar fora de casa, ainda está muito dividida e ainda não integra isto tranquilamente.

Outro aspecto em pauta, segundo dados (PNDS) <sup>5</sup> Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde, explica como a mulher enfrenta essa dupla jornada. Segundo esse órgão, o maior índice fica por conta de 34% pelas que são ajudadas por parentes, corroborando a fala da entrevistada, e os outros 23% das trabalhadoras cuidam elas mesmas dos filhos menores de 5 anos e apenas 10,2% deixam os filhos em creches.

A pesquisa informa ainda que o crescimento do trabalho das casadas e mães poderia ser tomado, de um lado, como um indício da pressão econômica, que estaria forçando mulheres com essas características a procurar o mercado de trabalho. Outro ponto que pode ser considerado e exemplificar a atual situação da mulher fica por conta, segundo a pesquisa, da diversificação das pautas de consumo, gerando novas necessidades e desejos, o empobrecimento da classe média e a necessidade de arcar com custos de educação e saúde, devido à precarização dos sistemas públicos de atendimento.

---

<sup>5</sup> Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil, Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde/PNDS - 1996 (Rio de Janeiro: Unfa/Unicef/ 1997), p.37. In: As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho / Margaret Maruani, Helena Hirata (organizadoras); Clevi Rapkiewicz (tradutora). - São Paulo: Editora Senac, 2003.

Contudo, esse aumento também é fruto de um intenso processo de modernização e de mudança cultural observados no Brasil a partir dos anos 1970, do qual faz parte a expansão da escolaridade, à qual as mulheres têm cada vez mais acesso. (p. 331)

Em outro momento, a entrevistada fala da importância da mulher estar se atualizando em busca, de qualificação:

*Acho que com isso, também, estão mudando os padrões, que a mulher pode fazer MBA, sei mais o quê, e ter a mesma capacidade de atuação que homem tem. Em contrapartida, acho muito injusta a situação da mulher, pois há momentos em que tem que largar tudo para ficar no fogão, no tanque, com a criança no colo, sobretudo se há algum problema de saúde. É complicado o seu papel, é muito sacrificado. Ela tem que estar bonita, ser boa profissional, pensar na concorrência lá fora, boa esposa, ser elegante, estar sempre bem tratada, bem arrumada, não é fácil nem um pouco.*

Partindo dessas constatações, Laufer, (apud, MARUANI; HIRATA, 2003, p. 1333) pode dar suporte às afirmações da entrevistada, quando fala:

[...] as configurações que permitem às mulheres articular trabalho profissional e trabalho familiar e doméstico levam a uma transformação das noções de tempo e de espaço que caracterizam a vida da cidade: novas fronteiras se desenham entre tempo de trabalho e outros tempos sociais. Se para os homens, historicamente, o direito ao tempo livre constituiu-se em um direito de cidadania - com a redução do tempo de trabalho e com as férias pagas, os assalariados reivindicam uma liberdade de existir também fora do trabalho - para as mulheres o caso foi diferente. Suas reivindicações visavam, em primeiro lugar, ao acesso igual à cidadania pelo direito de ter um emprego. Para elas, o direito ao trabalho assalariado significa a liberdade de existir fora de uma posição de subordinação doméstica.

Nesse sentido, o discurso da autora em que faz uma relação entre tempo de trabalho e tempo social está relacionado à dupla jornada. Em tal contexto, a posição das mulheres é marcada pela conjunção de dois movimentos contraditórios: o primeiro, que vê no trabalho assalariado um meio privilegiado de acesso à cidadania plena: o segundo, que tende a lembrar o interesse que

pode haver, também do ponto de vista da cidadania, em dispor de "tempo livre", ou seja, de tempo fora da esfera doméstica.

Quando questionada a respeito da profissão, e seus sonhos, Nancy exemplifica dizendo:

*Quando eu comecei a lecionar, me dedicava de corpo e alma. Numa ocasião, trabalhei com meus alunos teatro grego., Era muito bom, eles pesquisavam, as provas eram dissertativas. Arrumamos uma biblioteca que estava abandonada nesta escola, foram consertadas desde os livros às cortinas rasgadas. Quando tudo estava pronto, cheguei um dia na portaria, e o porteiro disse: não podíamos mais entrar na biblioteca, pois o (um reacionário, incompetente e insensível) proibiu. Eu sentei na escada e chorei, pois eu não achava justo para os alunos que tanto trabalharam, e porque eu fiz tudo para despertar o amor pela biblioteca, pela leitura. Aquilo foi um balde de água fria. Tínhamos sido traídos, enganados e explorados.*

Vianna (1998, p. 317), em seu artigo "Entre o Desencanto e a Paixão: Desafio para o Magistério" propõe importante reflexão para entender a contradição de relatos de professores de escolas públicas estaduais do ensino fundamental e médio, presente na fala da depoente que apresenta os mesmos sentimentos citados pela autora. Que esclarece:

[...] todos os entrevistados descrevem esse quadro caótico da educação brasileira com veemência e muita facilidade, [...] as opiniões sobre a escola, sobre os alunos, sobre a prática profissional (de si próprios e dos colegas) e sobre o poder público ligado a educação dizem respeito, principalmente, à identificação de diversos pontos negativos, de uma experiência muitas vezes descrita como ingrata e permeada de injustiças. Os relatos sobre essa condição do professor são permeados por sentimentos de subalternidade, revolta, angústia e humilhação. (VIANNA, 1998, p. 318)

Essa contradição descrita, presente no processo educacional, segundo a própria autora é completamente disseminada em muitos outros discursos: na mídia, no próprio ambiente acadêmico e na sociedade em geral. Continua Vianna: "Não há pessoa, por mais remota que seja sua ligação com o meio educacional, que não compartilhe e realce as agruras do magistério, principalmente quando exercido nos níveis fundamental e médio do ensino público" (Ibid).

Durante a entrevista, quando questionada a respeito da universidade, qual a contribuição a sua vida, Nancy esclarece dizendo:

*Tem a parte boa, pois lecionei vinte e dois anos no supletivo, tenho alunos que são delegados de polícia, militares graduados e advogados. Aluna que foi fazer História por minha causa, detestava a matéria e passou a gostar. E dizem: "a senhora obriga" a gente a gostar, a senhora gosta tanto, e transmite esse gosto, contagia a gente. Nunca pensei que pesquisar fosse tão bom.*

Na seqüência, reconhece também que contribuiu como professora, "Colaborei muito, contribuí, muito, agora gostaria de dar aula, para as pessoas que querem assistir às minhas aulas..Gostaria mesmo de ministrar cursos. Estou em busca da vida acadêmica, mais intelectual".

Baseado nessas colocações descritas pela entrevistada, quando se refere à situação injusta da mulher em desempenhar vários papéis, como “ela tem que estar bonita, ser boa profissional, bem arrumada, não é fácil nem um pouco”, concordo com ela nessa opinião, que me faz refletir sobre a posição em que nós, mulheres, vivemos hoje para conciliar tudo isso.

Uma constante na maioria dos depoimentos leva ao seguinte questionamento: Será que podemos considerar uma conquista da mulher ter chegado à universidade e participar da vida pública, assumindo essas várias equações?

A entrevistada, na sua justificativa, a respeito de sua contribuição como professora, corrobora com o questionamento acima, pois, de maneira geral, a sua participação na sociedade conduz a mudanças não só pessoais, bem como as mudanças na estrutura social. Como a entrevistada ressalta sua influência na formação de seus alunos, ela também foi influenciada pelos mestres na sua trajetória.

Avançando em nossa análise, outra entrevistada, Gláucia, professora de Letras, aborda as mesmas dimensões apontadas por Nancy no quesito da difícil jornada de trabalho. Ressalta as dificuldades de dar conta de tudo: “é difícil ser disciplinada, pois a vida profissional toma a maior parte do tempo”. Essa afirmação é uma constante na maioria dos relatos.

Quando indagada a respeito da escolha pelo curso, Gláucia afirma: foi “o que coube no orçamento”, mas justifica que também aliado à situação financeira, “pesou a paixão pela leitura”.

Na questão do preconceito, segundo a entrevistada: “as mulheres buscam se qualificar além de uma necessidade da atualidade, mas pode ajudar a combater o próprio preconceito”.

Na opinião de Gláucia, a universidade teve um significado de visão de mundo, melhora profissional e independência financeira. Esta última reflexão está presente nas justificativas das outras entrevistadas.

Quanto à questão do aperfeiçoamento contínuo, na opinião de Gláucia, “fica por conta da realização profissional, e querer contribuir com o ensino”.

O aspecto mais visível em sua fala é que a palavra contribuição possui duas vertentes: a primeira na própria vida pessoal, e a segunda são como se devolvesse para a sociedade essa contribuição.

Na seqüência, a outra entrevistada é Maria Helena, estudante de Letras, que nos relata a sua trajetória sob aspecto do sonho em cursar a universidade,

*Sou a quarta filha de uma mulher (mãe acima de tudo) que criou dez, não somente filhos, mas cidadãos sou a única que chegou ao nível universitário. Um sonho que me acompanha desde menina e adolescência, onde as primeiras paixões foram a poesia e a literatura. Sempre tive interesse especial por língua portuguesa, mas parei de estudar aos vinte ou vinte e um anos, sem completar o antigo colegial, carregando no meu coração os sonhos de menina. Aos vinte e quatro anos engravidei da minha primeira filha de um homem que julgava especial, um ano depois tive a segunda filha do mesmo pai, me distanciando temporariamente dos meus objetivos. Por causa das meninas não pude mais estudar e me aperfeiçoar profissionalmente, então entrei no mercado informal, fazendo bicos para manter a família de três pessoas é claro, eu e minhas duas filhas. E foi assim durante anos até que com a perda do meu alicerce, minha mãe, falecida há quatro anos, e minhas filhas, uma com dezoito e a outra com dezessete anos. Hoje, resolvi juntar forças e continuar a luta pela vida. Voltei a estudar e às vezes nem acredito que estou na universidade, parece um sonho.*

*Sem perspectiva de vida em São Paulo, me mudei para Sorocaba, só com a roupa do corpo e com ajuda de amigos consegui casa emprestada logo que cheguei. Desempregada, dependia deles até para comer, dormimos no chão todo o inverno do ano de 2006. E através destes amigos consegui um emprego de inspetora de alunos em uma escola estadual de Sorocaba, onde fui ganhando amigos e, o mais importante, dignidade. Trabalhando de auxiliar de limpeza nesta escola eu descobri que estava viva e que ainda tinha uma chance de reconquistar tudo o que eu havia deixado lá atrás em algum lugar do passado. Não posso esquecer-me de citar a força que a fé me*

*proporcionou e o apoio das pessoas, foram fundamentais. Seis meses depois de trabalhar nesta escola, consegui prestar vestibular e sonhava com uma vaga de bolsa de estudos oferecida pelo governo no programa escola da família<sup>6</sup>. Foi em vão, mas eu não desisti, continuei estudando mesmo não podendo pagar, mas a cada semestre, um milagre acontecia e eu conseguia renovar a matrícula. Hoje no terceiro semestre de Letras, sou estagiária em uma escola particular, onde eu gosto muito de trabalhar, consegui a tão esperada bolsa de estudos oferecida pelo governo. Trabalho aos fins de semana. Mas mesmo com todo este sacrifício consigo sentir felicidade, consigo sonhar e ter esperanças. A universidade já mudou muito a minha vida, não no sentido financeiro ainda, mas em vários momentos eu penso que jamais vou voltar a ter amargura, abandono como já senti. Daqui pra frente é mostrar para minhas filhas que através dos estudos conquistamos valores reais na vida, que não é pra qualquer pessoa, é só para aqueles que acreditam que possam conquistar.*

Na análise dessa entrevista, serão enfocadas duas dimensões que articulam famílias chefiadas por mulheres e a busca pela escolaridade. É relevante observar as marcas sociais de uma trajetória caracterizada pela pobreza, ausência de direitos, e acrescentar nessas dinâmicas malhas do desemprego, da informalidade, dos recorrentes trabalhos temporários, relatados pela entrevistada. Na primeira dimensão em que se trata a questão de famílias chefiadas por mulheres, Maria Helena deixa clara a sua trajetória perpetuada como chefe de família.

---

<sup>6</sup> Programa escola da família, política pública instituída pelo governo no Estado de São Paulo a partir de 2003, que segue as principais metas e diretrizes do Programa “Abrindo Espaços: Educação e Cultura para paz”, instituída pela UNESCO, a partir de 2000. Apresenta dados do perfil socioeconômico de uma população de 52.454 universitários inscritos e contemplados com a bolsa de estudos oferecida pelo Programa, no Estado de São Paulo, concentrando sua atenção nos 361 universitários bolsistas pertencentes à cidade de Sorocaba. (NUNES, 2007)

Estudos elaborados por Bruschini e Lombardi corroboram para justificar a fala da entrevistada: “aumentou o número de famílias chefiadas por mulheres”, segundo esses estudos, as transformações nos padrões culturais e nos valores ao papel social da mulher, intensificado pelo impacto dos movimentos feministas desde os anos 1970, são indicadores para a presença cada vez mais atuante das mulheres nos espaços públicos, alterando a constituição da identidade feminina. (p. 328-329)

Outro estudo apresentado por Segnini a respeito de experiências vividas em situação de desemprego por mulheres, mães, que residem na Região Metropolitana de São Paulo, revela que “os baixos níveis de rendimento familiar levam as mulheres pobres a buscarem estratégias para criarem seus filhos, nas várias possibilidades de arranjos familiares e de vizinhança, e, em menor número, nas creches públicas (em função do número restrito de vagas)”.

As afirmações acima dão suporte ao relato da entrevistada, no trecho, “Sem perspectiva de vida em São Paulo, me mudei para Sorocaba, só com a roupa do corpo, e com ajuda de amigos consegui casa emprestada logo que cheguei desempregada, dependia deles até para comer”. Esse trecho demonstra as dificuldades vividas por Maria Helena, numa dimensão de resistência, vinculada a “arranjos familiares e de vizinhança” citada na pesquisa de Segnini.

Sua busca pela universidade é outro ponto forte que permeia todo seu depoimento. Isto está claro na frase “mesmo não podendo pagar, continuei estudando”. Para Maria Helena, a Universidade tem contribuído com várias mudanças, como demonstrada na afirmação “já mudou muito minha vida, não no sentido financeiro ainda não, mas em vários momentos, eu penso que jamais vou sentir amargura, abandono como já senti”.

Esse seu discurso demonstra o quanto à universidade contribuiu para as transformações de vida da entrevistada. Diante da ênfase de tais sentimentos, cabe então indagar: Como a universidade se configura a partir dessas transformações para a sociedade?

A trajetória de Elisa, estudante de Pedagogia, até chegar à universidade, não foi diferente da de Maria Helena, citada no depoimento acima. Em sua narrativa, fala do sonho desde criança em ser professora e as dificuldades que enfrentou para poder estudar. “Foi muito difícil, sou de uma família muito pobre. Na minha infância quase não tínhamos o que comer, com os meus treze anos saí trabalhar para ajudar sustentar minhas irmãs. Somos cinco, na época todos menores de idade, eu sendo a mais velha. Quando me casei, terminei o ensino médio num provão do Estado e alguma matéria terminei no tele curso 2000”.

Um estudo feito por Vianna (1998), “gênero e docência”, em que entrevistou algumas professoras de escola públicas estaduais do ensino fundamental e médio – localizadas na zona oeste da cidade de São Paulo - pode ajudar a fundamentar a frase da entrevistada “sonho desde criança em ser professora”. A autora observou, nas falas corriqueiras dos entrevistados, que o gostar de ser professor aparece como algo natural, principalmente para as mulheres, como um sentimento muito antigo, que “sempre” as acompanhou. E complementa:

*Palavras como “sempre”, “desde criança”, “desde pequena” indicam em muitas das falas que a docência deveria ser algo com o qual se “nasce”, quase um “dom”, uma “vocação”. Uma atividade da qual se gosta desde a mais tenra idade, quando apenas se pensa em brincar e ainda, clareza da profissão a ser seguida. São fortes lembranças presentes nas representações das professoras que as relatam, e, muitas vezes, revividas por alguém da família ou um amigo muito próximo. São somente as mulheres que recorrem às memórias infantis povoadas de referências femininas ligadas ao magistério e nos mostram o peso de alguns valores adquiridos em nosso processo de socialização.*

A decisão em fazer a faculdade, segundo a entrevistada, se concretizou a partir da afirmação, “por ponto de honra, pois meu marido um dia disse que eu não tinha capacidade de fazer tal proeza, então decidi provar que sou capaz”.

O desafio proposto pelo marido de Elisa pressupõe os estereótipos de gênero enfatizados no primeiro capítulo, que sintetizam “as visões preconceituosas sobre as capacidades femininas solidamente alicerçadas ao longo da história e nas diferentes culturas e sociedades”. (CARREIRA, 2001, p. 28-29)

Outro ponto abordado na entrevista se refere a conciliar a profissão, os estudos e a vida familiar: “É uma vida bastante corrida, pois sou doméstica, tenho duas filhas e tenho que dar atenção a elas pelo fato de uma ser adolescente e a outra muito criança ainda, uma tem 12 anos e a outra 3 anos”. Justificando a afirmação acima, é pertinente lembrar como enunciado no segundo capítulo, a respeito da dupla e tripla jornada, “em que as mulheres convivem com um desafio permanente em conciliar os diversos fatores: vida pública versus vida pessoal e familiar, [...] tudo isso faz com que as mulheres precisem literalmente ser malabaristas, equilibristas e um pouco mágicas”. (CARREIRA, 2001, p. 143)

Quando questionada a respeito da universidade, afirma: "Mudou muito minha maneira de pensar, trouxe muitas mudanças, minhas expectativas são muitas, pois meu desejo é poder ser mais útil como mãe, mulher e educadora que já me considero uma".

Na concepção de Elisa, como as outras mulheres entrevistadas, a universidade tem peso de mudança e transformações, e como ela mesma afirma, sua contribuição perpassa o espaço privado na condição de mãe e o público como mulher e educadora. A entrevistada menciona como Maria Helena, ser beneficiada pelo programa do governo, escola da família.

Após análise de alguns cursos na área de Humanas, abordo os cursos de engenharia, considerando uma série de indagações para entender um pouco mais a respeito de que a universidade contribuiu para essas mulheres entrevistadas.

O fato de os cursos de engenharia possuírem um número bastante reduzido de mulheres, comparativamente ao de homens, provoca uma série de indagações. A relevância dos dados quantitativos que constroem os contornos estatísticos apresentados no segundo capítulo deve-se ao de que, além dos números, é necessário compreender melhor a condição social dessas mulheres e a universidade.

Foram entrevistadas duas mulheres engenheiras, formadas na mesma Faculdade de Engenharia de Sorocaba. Alguns quesitos serão analisados, suas razões para a escolha deste campo profissional, preconceito ou discriminação durante o curso e, depois, já no mercado de trabalho, suas expectativas de trabalho, e, por fim, alguns impactos da universidade sobre a vida dessas mulheres.

Janaína é da sétima turma formada pela Faculdade de Engenharia de Sorocaba. Segundo ela, a escolha pelo curso se deu através de um teste vocacional, no terceiro ano, hoje ensino médio, que indicou a área de arquitetura, e em segundo, engenharia civil. Depois ao visitar um primo,

*mais que me interessei, [...] e o principal motivo foi que meu pai não queria que eu saísse de Sorocaba. Por gostar de matemática, acabei optando por engenharia civil, [...] depois, ao visitar um primo que fez engenharia civil, vendo os livros dele em sua casa e o seu trabalho com cálculos.*

Além da imposição do pai, a entrevistada fala que, ao comunicar para mãe a respeito de sua escolha pela engenharia, ela perguntou “por que eu não escolhi uma profissão de mulher... Eu não entendi o que minha mãe quis dizer com profissão de mulher –“ Direito, as advogadas usam saia todos os dias” . Já meu pai disse que eu fiz a escolha certa por ter participado de olimpíadas de matemática, e por ter sempre ido bem”.

A situação vivenciada pela depoente na fala tanto do pai quanto da mãe nos faz concordar com Marodim citada nos capítulos anteriores, quando afirma que:

Valores de nossa sociedade tradicional, estruturada em uma teoria e práticas patriarcais, formaram os pressupostos da organização das famílias tradicionais, onde encontramos uma relação de casal com características patriarcais [...] os papéis de gênero colocam os homens em uma posição dominantes e as mulheres em uma posição subordinada.

A frase proferida pela mãe: “por que não escolheu uma profissão de mulher”, reproduz os estereótipos de gênero, citado no primeiro capítulo, confirmam os pré-conceitos que determinam e reproduzem os diferentes papéis para cada um dos sexos [...] principalmente quando são justificados a partir de diferenças biológicas, associados à natureza dos seres do sexo feminino e masculino”. (SILVA, 1992, p. 29)

A falta de recursos financeiros para custear o curso superior é uma questão comum entre as entrevistadas e tem deixado marcas na trajetória delas. É o que descreve Janaína: sobre a sua passagem pela universidade:

*Quando entrei na faculdade, eu não sabia se poderia pagar ou não [...]. Antes o vestibular da Faculdade de Engenharia era feito pela FUVEST, e saiu a lista de aprovação na Folha de São Paulo. Meu tio de Presidente Prudente assinava a Folha na época e viu meu nome em 1º lugar na Faculdade de Engenharia de Sorocaba. No dia seguinte, ele veio em casa e fez uma proposta: se eu fizesse engenharia civil, ele pagaria o meu curso até a minha formatura, desde que eu não repetisse nenhum ano. Ele falou que estava fazendo isso, não por ser sua sobrinha, mas por ter passado em 1º lugar.*

Janaína conta que quando estava no 3º ano da graduação, passou num concurso do Banco Banespa:

*Optei por trabalhar em Itu, daí poderia estudar de manhã na graduação e à tarde trabalhar. À noite voltava a estudar novamente, pois a faculdade era período integral. Durante oito meses fiquei em Itu, depois fui transferida para Sorocaba. Durante dois anos e meio, eu fiz a faculdade trabalhando no Banespa. Foi uma época muito difícil, mas, quando me formei, fui convidada a trabalhar numa empresa, cujos donos, são os mesmos donos da faculdade. Assim, tive de optar entre o banco e a engenheira, então, pensei que não fiz faculdade para o diploma ficar na parede, foi para ser usado. Aceitei a proposta da empresa, onde estou até hoje, há vinte anos, como engenheira.*

Quando questionada se no cotidiano das aulas existia discriminação por ser mulher, Janaína explica que tinha uma brincadeira feita pelos colegas e até por professores, que dizia: “Quando você nasce - Deus faz uma pergunta – você quer ser bonita ou quer ser engenheira? Mas não a incomodava, pois na sala tinha 56 homens para 2 mulheres, ela fala” não podia ficar brava, entrava na brincadeira, e pronto”.

Segundo Janaína, o curso não fazia distinção entre os sexos:

*Durante os dois primeiros anos são básicos, depois nas aulas práticas, por exemplo, de topografia de estrutura, você sobe em lajes ou torres. Não facilitaram por eu ser mulher, eu tinha que subir do mesmo jeito tive que colocar uma bota pesada, com esse mesmo equipamento subir na laje tinha que ser feito, se não, como dar ok para concretar, sem olhar? Isso fazia parte da função de um engenheiro. Mas teve uma menina do curso que desistiu. Eu tinha que fazer para não ser taxada como o sexo frágil: era última coisa que eu queria.*

Uma pesquisa realizada por Marília Carvalho, a respeito das estudantes de engenharia e o mercado de trabalho, salienta que: “As próprias engenheiras sabem em que alguns setores da engenharia elas teriam dificuldades para trabalhar, pois, além de serem guetos masculinos, o tipo de trabalho a ser realizado exigiria esforços para romper a discriminação que nem todas estão dispostas a enfrentar, confirmando o caso da colega de curso da entrevistada, que desistiu”..

Já no mercado de trabalho, Joselena, sentiu discriminação e dificuldades, como ela mesma diz: “Por ser casada, por ter criança e não poder se deslocar como engenheira de obra, trabalhar numa obra, ir para outro Estado, e a família não poder acompanhar”.

A participação feminina em ocupações de predominância masculina – em sua grande maioria qualificada de dignas e positiva – deve ser divulgada como referência e incentivada, pois certamente colabora para a modificação da dinâmica entre as relações e os papéis sexuais. No entanto, o mercado de trabalho ainda é um espaço em que a desigualdade e a discriminação se fazem presentes, seja explícita ou implicitamente. (TEODORO, 2001, p. 75)

Quando questionada a respeito de conciliar a vida pessoal, familiar e profissional, afirma que:

*É muito difícil administrar tudo isso, pois você tem que ver – perua escolar, táxi, mas principalmente, é preciso ter um companheiro que possa estar mais disponível – você tem que montar uma estrutura, desde empregada, morar em condomínio, por ser mais seguro, pois você nem sempre está em casa, para que as crianças possam brincar, além de matriculá-las em uma escola boa, para que você não fique preocupada. Todos os dias tenho que ler agenda de recados, e quando estou viajando, meu marido lê à noite por telefone. Entro no site para ver como estão as notas das crianças, se deixaram de estudar e fazer as lições, ou seja, à distância também consigo controlar empregada, crianças e marido. E quando a empregada falta, eu tenho que cancelar a viagem, porque as crianças precisam ir à escola, se não há almoço pronto, a solução é ir a um restaurante - por isso que é necessário trabalhar, você precisa de dinheiro para pagar as despesas.*

Janaína ainda comenta, nessa narrativa, que a vida pessoal tem impacto na vida profissional. Resume na seguinte frase “se não tivesse essa vida familiar que eu tenho, talvez pudesse arriscar a minha carreira em outras áreas – um exemplo foi um convite para trabalhar fora do país”

O relato explicita o que mencionamos anteriormente, ou seja, “o cuidado com as crianças, com os adultos dependentes e a gestão da esfera familiar dependem da disponibilidade de um dos membros do casal, em geral a mulher: assim, a chamada “conciliação” entre vida profissional e vida familiar é realizada quase que exclusivamente pelas mulheres”. (HIRATA, 2003, p. 17)

Outro aspecto a ser ressaltado é a desigualdade salarial, denunciada pela depoente nessa área, segundo ela “os meus colegas de trabalho ganham muito mais do que eu – e olha que eu tenho mais formação – tenho procuração da empresa, portanto responsabilidade maior”.

Diante dessa fala, é importante analisar o confronto entre os engenheiros e as engenheiras no mercado de trabalho, demonstrando situações de extrema competitividade. Vê-se que “as mulheres são globalmente mais instruídas que os homens, mas continuam ganhando menos”. (HIRATA, 2003, p. 24).

Quando Janaína fala sobre a universidade em sua vida, é algo bem objetivo e concreto:

*Eu tive que ter responsabilidade com as atividades que me foram atribuídas, diferente do que eu tinha no banco. Por exemplo – meu primeiro projeto foi o telhado da igreja João de Camargo, porque a empresa fez a pavimentação da rotatória. De repente fazer o telhado de uma igreja complicada que tinha trezentos anos, foram os primeiros desafios.*

Para entrevistada, as mudanças e os desafios adentram os espaços profissionais, ou seja, pesaram mais do que outros fatores em sua vida. Continuando, no seu depoimento, quando questionada a respeito da mulher trazer contribuição através da universidade para a sociedade, afirma:

*Sim é claro, eu não vi a geração que queimou sutiã na praça, não presenciei o tempo em que a mulher não votava, não estudava, mas nossas mães vivenciaram tudo isso – para chegarmos a esse nível, as universidades, as mulheres precisaram de toda essa trajetória, então diante disso, acho que a universidade não será a mesma, pois acho que é através dela que a mulher poderá contribuir com a sociedade.*

Audrea é a outra engenheira entrevistada, formanda da turma de 1990, também da Faculdade de Engenharia de Sorocaba.

Morava em São Paulo, veio para Sorocaba à contra gosto, mas, chegando aqui, se apaixonou pela cidade, tanto que, na época do vestibular, não prestou em outro lugar, segundo ela, seu pai ficou bravo, porque queria que prestasse USP ou UNICAMP, mas não teve acordo. Quando passou na Faculdade de Engenharia, ficou em dúvida se faria engenharia civil ou elétrica, um professor de cálculo a convenceu a fazer elétrica, alegando ter mais campo – e acabou fazendo elétrica por influência do professor.

Quando chegou ao segundo ano, ao fazer estágio coincidentemente na mesma empresa de Joselena – afirma:

*Eu só ficava traduzindo manual, por saber inglês muito bem, mas um dia me cansei - falei para o meu chefe – escuta não auento mais traduzir manual, não tem uma coisa melhor para eu fazer? Daí ele falou: Olha, tem uma área que está crescendo muito, que é esta parte de desenvolvimento de software de programas, tem que ter muita lógica de raciocínio matemático Você não quer fazer alguns cursos? Depois você pode trabalhar nisso . Foi o que eu fiz, e me voltei para essa área da computação.*

Ao abordar o número de alunos em seu curso, fala que começaram com setenta alunos entre civil e elétrica e no final ficaram doze alunos, sendo quatro mulheres. Alega que o “curso era bastante puxado, e o pessoal foi ficando pelo meio do caminho”.

No cotidiano das aulas, diferentemente da outra engenheira entrevistada, que comentou ter sempre brincadeiras a respeito de ter mulher na turma – Audrea relata:

*Pelo menos na minha turma existia um respeito muito grande, os colegas tratavam a gente muitíssimo bem. Por exemplo, às vezes era preciso pegar uma carteira, eles pegavam, eram de um cavalheirismo assim incrível. Estudávamos em grupo, não existia discriminação, não sei se é porque o grupo era muito pequeno, nós éramos muito unidos.*

A entrevistada também se surpreendeu, quando se deparou com colegas receptivos, por ser um curso, segundo ela “focado no sexo masculino - confesso que, no começo, fiquei com medo de sofrer preconceito, mas depois, tudo caminhou de maneira diferente”.

Quando Audrea é questionada a respeito das mudanças que a graduação trouxe para sua vida, ela responde:

*Acho que total, pois antes de fazer a faculdade, eu sempre pensava – inspirada na minha mãe, em trabalhar pouco, ficar mais em casa, se dedicar mais ao marido, filho – eu sempre gostei de cozinhar, me imaginava – cozinhando e costurando. E no final, hoje em dia, foi exatamente o contrário – eu não cozinho, não costuro, e trabalho praticamente direto, porém adoro o que eu faço.*

A universidade aparece como um divisor de águas em sua trajetória, marcadamente entre o público e o privado, ou doméstico. A sua visão de antes “inspirada na mãe”, como ela exalta, nos faz concordar com Carvalho citada em Bruschini e Hollanda – como fonte da “cultura feminina” centrada no cuidado e na doação. Costa & Silveira também citados em Bruschini complementam: “Parece que a representação da mulher como guardiã das funções sociais reprodutivas persiste ainda com muita vitalidade”.

Em contrapartida, a sua entrada na esfera pública demonstram uma ruptura nesses “padrões culturais” sustentados por elementos do patriarcalismo ainda persistentes e fortes nas sociedades capitalistas do final do século vinte.

Para exercerem a profissão de engenheiras, as duas entrevistadas, tanto Janaína como Audrea, apesar de atividades diferentes, concordam a respeito de conciliar a vida pessoal, familiar e profissional, “montar uma estrutura”. Andréa confirma,

*Isso ajuda muito e principalmente o apoio familiar – um marido compreensivo e presente, senão fica muito complicado, porque tenho três filhos, dois adolescentes e uma pequenininha de cinco anos. Apesar do trabalho, eu não posso ficar muito ausente da vida deles – então todo dia a gente almoça junto, eu as crianças e o marido, pelo menos duas manhãs procuro estar com eles, levando na natação, no inglês, dividimos tudo. O meu horário de trabalho é à tarde e à noite, todas as noites estou na faculdade, ele trabalha de manhã e tarde, então a noite é ele que fica com as crianças, troca fralda etc.. Tudo isso me proporcionou a oportunidade de me dedicar ao meu trabalho. Acho que isso é a receita do sucesso.*

Avançando em nossa análise, a diferença salarial descrita pela depoente diverge da entrevistada anterior. Janaína relatou que sofre esse tipo de discriminação. Para Audrea, há dezoito anos, existia não só a diferença salarial, mas certo preconceito, principalmente na linha de produção. Um exemplo disso, na parte elétrica, “se tivesse que escolher entre contratar um homem ou uma mulher, preferiria um homem”. Explica,

*Hoje em dia na minha área, eu não vejo assim, recebo muita preposta de emprego, de estágio, e não fazem diferença, mas se tiver que ter restrição, eles preferem mulher, não sei se é porque a mulher batalhou muito para chegar onde chegou – a mulher trabalha com mais garra, mais seriedade, mais organizada, sensível, enfim galgou seu espaço. Acho também que depende da empresa [...] principalmente a engenharia da computação, onde as mulheres vêm esse tipo de engenharia com bons olhos, mais limpa e mais fácil de trabalhar [...]. Vejo discriminação nas pessoas mais simples, que não aceitam receber ordem de mulher, pela própria falta de estudo.*

Este depoimento permite interpretar o tema controverso e polêmico, que é a questão salarial, em que as entrevistadas vivenciam experiências diferentes e condições salariais também diferentes. Andréa caracteriza situações mais positivas do que negativas nesta questão:

Maruani (2003, p. 23) analisa esse momento indicando que:

Portanto, tudo parece pronto para que as tradicionais desigualdades entre masculino e feminino desapareçam. É forçoso constatar que não é isso que ocorre. É claro, se compararmos item a item os diferentes indicadores da desigualdade, as coisas evidentemente, embora modestamente – evoluíram desde os anos 1960., as diferenças salariais diminuíram um pouco, algumas profissões masculinas foram feminizadas sem se desvalorizar, algumas mulheres podem ter carreiras menos estagnantes. Mas em relação aos progressos obtidos em termos de formação e qualificação, e à continuidade das trajetórias profissionais, a diferença entre o “capital humano” das mulheres e sua situação no mercado de trabalho parece mais injusta, mais injustificável hoje do que ontem.

A engenharia da computação citada pela entrevistada, uma área em que ela afirma “que as mulheres vêm com bons olhos”, tem sido objeto de estudo e discussão de teóricos como Hirata

(1998) e Abramo (1994), dentre outras. Nessa discussão há, por um lado, a defesa de que as inovações tecnológicas permitiriam a ampliação da participação feminina, com maior igualdade no mercado de trabalho. Essa tese é defendida por Abramo (1994, p. 231):

A automação do processo produtivo, por exemplo, tende a diminuir a necessidade de utilização da força física (esforço muscular) e a periculosidade do trabalho, elementos tradicionalmente identificados historicamente à impossibilidade de acesso da mulher a uma série de profissões e qualificações [...] as características consideradas “tipicamente femininas” ( mais flexibilidade, mais interesse nas relações humanas, menos dissociação entre o trabalho e a vida familiar), antes interpretadas como autolimitação e falta de ambição no exercício profissional, passariam agora a ser consideradas como “virtudes” para as empresas. Por essa razão, uma série delas estariam preocupadas em aumentar o recrutamento de mulheres e em abrir espaço para elas em sua hierarquia organizacional.

Abramo, de certa forma, defende novas oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho a partir das inovações tecnológicas, já Hirata (1998) concorda com Abramo no quesito das mulheres terem mais espaço no mercado de trabalho, mas em contrapartida afirma que esses espaços se traduzem em postos de trabalho desqualificados e com baixa remuneração, segundo uma pesquisa realizada no Brasil, França e Japão.

Para Audrea, a discriminação se vincula a partir das “pessoas mais velhas, mais simples, pela própria falta de estudo”. Essa afirmação pode ser confirmada a partir de uma pesquisa realizada por Carvalho sobre estudantes de engenharia, em que propõe uma importante reflexão partindo das respostas de suas entrevistadas:

Há também a discriminação de gênero associada à discriminação de classe. Algumas engenheiras tiveram dificuldades de aceitação de seu trabalho por parte de trabalhadores com menor escolaridade, provenientes de camadas populares, onde o estereótipo feminino não corresponde a uma mulher engenheira de obras, [...] esta divergência com relação à discriminação de classe pode ser explicada, por um lado, pela questão cultural, onde os padrões de gênero (masculino) são mais rígidos entre pessoas de grupos populares que reproduzem modelos dicotômicos e conservadores de gênero e, por outro lado, pela própria posição de classe da engenharia e do peão que o subordina a ela, fazendo emergir, assim, a dominação de classe.

Na opinião da entrevistada, a discriminação do trabalho feminino muitas vezes é gerada pela dupla função assumida pela mulher, quando ela afirma, “eu tenho que levar o filho que ficou doente ao médico”. Para Audrea, a mulher acaba se prejudicando no ambiente de trabalho, pois ela defende que “não pode misturar as coisas”. “Na visão de Audrea, muitas mulheres usam o fato de ter responsabilidades com a família como uma justificativa ou um artifício, que se volta contra ela mesma”.

Audrea afirma, “porque em determinadas situações preferem os homens? – por saber separar, é do perfil deles”.

Acredita que muita coisa já mudou - os homens também têm dupla jornada. Um exemplo é o seu próprio marido, que segundo ela “faz supermercado, olhas as crianças... é matemático, tem um tanto de coisa para fazer, não dá para conciliar, o outro tem que dividir tem que ter cumplicidade”. Cita o caso das engenheiras “que têm que viajar, se atualizar”, situação vivenciada pela outra engenheira entrevistada, que apresenta a mesma estrutura mencionada por Audrea.

As considerações exemplificadas pelas depoentes de engenharia, partindo da graduação que possibilitaram transformações, como comprovamos em seus depoimentos - representam a engenharia, uma das profissões que mais necessitam de mudanças, não só pelo número de mulheres engenheiras ser significativamente menor do que o número de homens como foi constatado no segundo capítulo – e relatado através das entrevistadas. Também a desigualdade entre engenheiros e engenheiras ainda persiste. É necessário refletir: será que a universidade vem contribuindo com esses novos espaços e podem ser referências importantes de novas oportunidades e possibilidades para essas mulheres como parece sugerir o caso das entrevistadas nesta pesquisa?

Para responder tal concepção, tomamos como exemplo as idéias desenvolvidas, Bourdieu (1999) citadas por Carvalho:

[...] Habitus dominante/dominado, lei social incorporada, relação social somatizada, é “produto de um trabalho social de nominação e inculcação”; tem sua própria inércia, ou seja, não é facilmente transformado pela tomada de consciência libertadora ou pela força de vontade; é vivenciado “dentro da lógica do sentimento... ou do dever”, portanto, pode “sobreviver durante muito tempo depois de desaparecidas suas condições sociais de produção... (ou) mesmo quando as pressões externas são abolidas e as liberdades formais – direito de voto, direito à educação, acesso a todas profissões, inclusive políticas – são adquiridas, (caso em que) a auto-exclusão e a ‘vocaçãõ’... vêm substituir a exclusão expressa.

As entrevistadas nessa seqüência são da área de saúde. Para Ivonete, médica (cuida de pessoas), e Ivana, médica Veterinária (cuida de animais), apesar de atuarem em áreas distintas, a questão do “cuidado” está presente nas duas áreas.

Ivonete, formada em 1968 pela Faculdade de Medicina de Sorocaba, nos relata que a sua escolha pelo curso se deu por vocação e pelo desejo de “cuidar das pessoas”.

A questão do “cuidado” presente em sua fala é citada no início deste estudo por Marodim, como valor de nossa sociedade patriarcal – “a mulher-mãe é a educadora e guardiã do lar”. Nessa mesma vertente, Isquierdo (1994), mencionado no primeiro capítulo, constata que as profissões ligadas à prestação de serviço e cuidados são “histórica e socialmente considerados femininos”.

Nessa época de sua formação – em sua sala, o número de mulheres era bem menor, segundo a entrevistada do que hoje - 10 mulheres e 47 homens. Atualmente como professora, Ivonete afirma que mudou bastante, pois, em suas salas de aula, as mulheres são maioria. Justifica dizendo que esse aumento se deu porque “a remuneração do médico tem caído e não atrai muito o homem”.

Essas questões abordadas pela entrevistada podem ser justificadas a partir dos estudos realizados por Bruschini e Lombardi (2003) em 1990. Eles comprovam a presença de mulheres nos cursos de nível superior nesse período na área da saúde, em que estão incluídos tanto os cursos mais tradicionais de medicina, enfermagem e odontologia como inúmeros outros. O estudo revela ainda que ocupações com elevado contingente de mulheres definidas pelas autoras como “guetos” – “detêm menor prestígio e níveis mais baixos de remuneração”. (p. 355)

Outro fato observado através do depoimento da médica é o preconceito de muitos pacientes que não a viam como uma mulher-médica. Em sua trajetória, ela relembra a respeito das aulas práticas: “os pacientes achavam que nós mulheres éramos enfermeiras, jamais médicas”. A discriminação vivenciada por Ivonete em sua profissão nos faz refletir, numa época, segundo ela, em que o número de mulheres médicas era bem reduzido, que permanecia implícita nos pacientes a idéia de que médico é profissão de homem, portanto, havia a dificuldade em aceitar uma mulher em um posto que fosse masculino.

Essa situação vivenciada pela médica remete a uma pesquisa feita na Inglaterra, na Universidade de Sussex, citada por Carreira (2001, p. 20):

A desvalorização da mulher em relação ao homem é um fenômeno verificável ao longo da História humana em quase todas as partes do mundo. Concluíram também que não se tratava de fixarem-se apenas no ‘problema da mulher’, mas de focar as relações de gênero, ou seja, as relações que a sociedade constrói, transmitidas de geração para geração, e que cristalizam papéis diferenciados para mulheres e homens, possibilitando a desigualdade social entre os sexos.

Quando questionada sobre as mudanças que a graduação provocou em sua vida, Ivonete afirma “realização profissional e independência financeira”, esta última, comprovando as respostas de outras depoentes anteriores.

Já para a médica veterinária, a graduação trouxe “amadurecimento”. A questão do cuidado também é citada por Ivana: “as mulheres se realizam ou possuem o dom/vocação de cuidadora”. Refere-se ao aumento de mulheres no curso em questão em sua sala: o número de mulheres era de quase o dobro de homens, ou seja, 65 mulheres para 35 homens.

A vocação, por gostar de animais “e sentir que seria uma profissão segura” foi sua justificativa para a escolha do curso.

Diferentemente de Ivonete, não sofreu discriminação nem na graduação e nem no mercado de trabalho – é médica veterinária de Zoonoses. Na Prefeitura de Sorocaba, como funcionário público, segundo Ivana “não existe diferenças”.

Maruanni e Hirata (2003) esclarecem que “as condições desiguais, a segregação de emprego, em média, a diferença entre os salários masculinos e femininos seja de 27%”. É pertinente lembrar, segundo as autoras, outro registro explicativo nas relações profissionais, até então esquecido: “as desigualdades entre salários masculinos e femininos diminuem quando existem regulações públicas fortes (salários mínimos e convenções coletivas), se instalam e se reforçam quando há poucas regulações no nível do Estado”. (p. 25)

O realce dado neste capítulo é salientar a determinação destas mulheres que frente a frente com situações sociais distintas, por meio de suas experiências vividas em suas trajetórias familiares e profissionais, que engendram um cotidiano marcado por muitas dificuldades, desigualdades, elas permaneceram buscando seus sonhos, novas possibilidades, oportunidades.

Um fato constante e presente na maioria dos relatos foram à dificuldade em custear seus estudos.

A partir dos oito depoimentos foi possível observar as transformações e mudanças que a universidade representou nas trajetórias das entrevistadas. Os cursos abordados, tanto os predominantemente femininos, como os mais fechados masculinos, independente das classes sociais das entrevistadas a universidade pareceu ser para elas uma conquista.

Elas se consideram sujeitos que alcançaram a possibilidade de um protagonismo, através de rupturas em suas trajetórias individuais.

Para finalizar este capítulo gostaria de citar um filósofo francês Lypovetsky (2005), que falou numa conferência da mulher na contemporaneidade. Descreve essa trajetória da mulher, num novo ciclo histórico, em que apresenta três fases:

a primeira a mulher era tida como um ser que encarnava o mal era perigosa, diabólica, mefistofélica”. A segunda mulher, a partir da Idade Média, uma nova lógica é implantada: a sublimação e a idealização da mulher pelos homens [...] o homem se torna o servidor da mulher, da dama, mas o poder dos homens permanece. A partir do século XVIII, passa a haver o reconhecimento da mulher enquanto mãe e deusa do lar.

Seguindo na história, numa grande conquista, numa lógica democrática, as mulheres passaram a ter autonomia sobre seu próprio destino [...] apesar da autonomia, a mulher continua com papéis tradicionais [...] se um dos pais tem que faltar ao trabalho para ficar com o filho doente, geralmente isto cabe a mãe.

A terceira mulher alia o exercício da responsabilidade, com a beleza. Mas em relação ao poder, que não é um fator de sedução feminina mas masculina, no âmbito da economia, as estatísticas mostram que há pouquíssimas mulheres no topo. Já na esfera política, há movimento de promoção da mulher. A hipermodernidade não é unissex, é um casamento complexo de igualdades e diferenças.

Nessa mesma linha de pensamento, a teóloga Bingemer (2000, p. 13) faz um balanço, dizendo:

A nova mulher ainda está se fazendo, ainda não está pronta [...] não é o modelo da mulher profissional, dura, que também não deu certo. Esta terceira mulher está emergindo, está se construindo. Ela é uma mulher que não quer abrir mão nem da sua diferença, nem da sua feminilidade, mas ao mesmo tempo quer ocupar lugar no espaço público. Não quer ficar restrita ao doméstico, mas também quer o companheirismo com o homem.

Concordando com Lypovestsky (2000) e Bingemer (2000), deixo aberta a seguinte discussão: – Será que essa terceira mulher, personalizada nas entrevistadas, as quais tiveram grandes mudanças em suas trajetórias de vida, carregando valores dos estereótipo de gênero, mulheres que querem ocupar lugar no espaço público, que não querem ficar restritas ao doméstico, e que, enfim, querem o companheirismo do homem, estão abrindo caminhos para mudar a universidade?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento de nosso trabalho, chegamos à seguinte conclusão: as evidências quantitativas comprovam uma tendência, não só no Brasil, como em outros países, da inserção da mulher nas universidades. Esse fato, facilmente comprovado pelas estatísticas, revela que a escolaridade feminina ultrapassa a masculina. Estudo elaborado pelo INEP, no período de 1991 a 2005, revela que concluintes dos cursos superiores nesse período, as mulheres passam de 59%, em 1991, para 62,2% em 2005, enquanto os concluintes masculinos sofrem uma redução de 40,1% (1991) para 37,8% (INEP, 2007).

Entretanto este trabalho de mestrado, além dos números, buscou compreender melhor as razões, as trajetórias e as barreiras enfrentadas pela mulher na busca pela escolaridade, no espaço das universidades, um terreno tradicionalmente masculino, e que encontrou brechas para romper com os estereótipos de gênero e com o processo histórico que durante anos manteve a mulher no espaço privado e doméstico.

Os estudos realizados por Marodin (1997) mostraram a posição da mulher na família tradicional-patriarcal, cujo modelo tem o homem-pai como o chefe da família, e a mulher voltada como a guardiã do lar. Nessa concepção, os homens ocupam uma posição dominante e as mulheres, uma posição subordinada. Até mesmo as tarefas masculinas têm maior reconhecimento, enquanto que a mulher, na posição subordinada, desempenha tarefas de menor status e menor valor. Desta forma, a educação escolar não era vista como necessária à mulher.

Louro (1997), com seus estudos, contribuiu para a nossa análise ao abordar que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes doses pequenas ou doses menores de instrução.

Em alguns casos, a educação das meninas de elite era feita nos lares, com educadoras contratadas e posteriormente em escolas femininas em sua maioria de cunho religioso.

Estudos realizados por Novaes (1992) mostram como se deu a escolarização da mulher e seu acesso à universidade. Tais estudos indicam que, ao mesmo tempo em que se abria a possibilidade da educação para as mulheres, também se limitava essa perspectiva, pois o ensino nas escolas femininas enfatizava mais os trabalhos manuais que a leitura escrita e aritmética.

Nas páginas anteriores foram discutidas as razões da inserção da mulher nos cursos superiores e a justificativa dessa abertura, um longo processo de rupturas e conquistas que possibilitaram à mulher sair do espaço privado, da casa com os filhos e entrar no espaço público com o trabalho qualificado e assalariado. Contudo seu espaço estava limitado a certos terrenos que foram de acesso mais fácil do que outros como a saúde ou a educação, ou seja, profissões de cuidar que eram permitidas, pois eram associadas à função da mulher. Tais cursos desembocavam em profissões que se tornaram "feminizadas".

Esta pesquisa trouxe elementos para a compreensão dos motivos que possibilitaram o aumento da presença feminina em determinados cursos. Um deles foi a Escola Normal, que assegurou o acesso das normalistas aos cursos de Pedagogia, Letras, Geografia e História, pois a conclusão do curso secundário é o que permitia a entrada ao curso superior.

Dados estatísticos encontrados em nossos estudos comprovam a presença maciça de mulheres em cursos nas áreas de Lingüística, Letras e Artes (83%), nas Ciências Humanas (82%), nas Ciências Biológicas (74%) e nas Ciências da Saúde (67,6%) (MEC/INEP-2001).

O avanço das mulheres mudou o panorama histórico, social e econômico, a aquisição da escolaridade, e a qualificação propiciaram maiores credenciais para o seu ingresso no mercado de trabalho.

Apesar do acesso das mulheres ao ensino superior ter aumentado bastante, no entanto, pode-se observar que em alguns territórios, definidos como masculinos, as fronteiras do gênero ainda persistem, como em campos da ciência e da tecnologia.

Os relatos das entrevistadas permitiram-nos visualizar os problemas enfrentados desde a falta de recursos financeiros para concluir o curso superior até as desigualdades, preconceitos impostos por uma sociedade patriarcal, que tradicionalmente valoriza mais o trabalho masculino, razão pela qual a engenheira Joselena justifica seu salário menor que o de seus colegas engenheiros.

As mulheres entrevistadas de várias classes sociais viam na universidade a realização de um sonho, da realização profissional e da independência financeira, e revelaram experiências vividas em suas trajetórias que comprovam que a mulher, na busca pela escolaridade, enfrenta uma dupla função: conciliar responsabilidade tanto do espaço privado, como do público.

É nesse novo cenário, num novo ciclo histórico, que Bingemer (2000, p.13), define “uma mulher que não quer abrir mão nem da sua diferença, nem da sua feminilidade, mas ao mesmo

tempo quer ocupar lugar no espaço público”. Ao cruzar a história das mulheres entrevistadas e a história geral abordada pelos estudiosos citados neste trabalho, chegamos à conclusão que as mulheres que deram seus depoimentos saíram da invisibilidade para se tornar as protagonistas de suas próprias histórias e contribuíram para a construção e conhecimento da sociedade. Isso está presente no discurso defendido pela entrevistada Gláucia, que no seu relato afirma que a universidade trouxe independência financeira, mas também um novo significado na sua visão de mundo, e pretende, através do ensino, fruto de seu trabalho, contribuir para construção de uma sociedade mais justa”.

Para Audrea, mudanças consideráveis já podem ser notadas, os homens também dividem responsabilidades com as mulheres, fazem supermercado, olham as crianças. A veterinária, Ivana, lembra que onde há regulamentações públicas fortes (salários mínimos e convenções coletivas), as desigualdades entre salários masculinos e femininos não existem.

Maria Helena e Elisa demonstram sua inserção aos cursos superiores pelo programa escola da família, (política de ação afirmativa), na busca pela igualdade de oportunidades.

O acesso à universidade e, conseqüentemente, ao mercado de trabalho trouxe mudanças significativas na atuação de mulheres e homens, que repercutem na sociedade.

Apesar das muitas conquistas, ainda cabe a mulher romper novas barreiras e penetrar em áreas que são restritas a elas.

Esta pesquisa trouxe um conhecimento mais aprofundado da trajetória da mulher em busca de escolaridade, trazendo para o debate as razões e as conseqüências pessoais e sociais de seu acesso à educação superior. Por outro lado, ficam em aberto várias outras questões que surgem no bojo das grandes mudanças que ocorrem na sociedade, pois homens e mulheres não podem ser considerados adversários, não por força da globalização, por pressão, mas por “identificação”, solidariedade, concepção de mundo, ideologia, etc.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. Imagens de gênero e políticas de recursos humanos na modernização produtiva. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.11, n.1, p. 110-23, 1997.

ALMEIDA, Marilse Mirian de Matos. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia (25 a 27 abr 2007)**, Florianópolis. Ações Afirmativas. Dinâmicas e Dilemas Teóricos entre a Redistribuição e o Reconhecimento. Disponível em [http://www.sociologia.ufsc.br/npms/marlise\\_md\\_almeida.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/marlise_md_almeida.pdf). Acesso em: 01 julh 2008.

ALVES, B. M. PITANGUY. **J. O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985. ( Coleção primeiros passos, v.44).

BASTOS, Marcela. Mais mulheres na universidade "Elas são maioria". **Enfoque**. Disponível em: <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edição=56&matéria=335>>. Acesso em 14 set.2007.

BARAKA, Sakina. Sobre o movimento feminista e a generalização do empobrecimento. In: **CLADEM**. Marcas das mulheres na Conferência de Beijing: a muralha e o labirinto. São Paulo, 1996. p. 42- 45.

BINGEMER, Clara Maria. Uma nova mulher para um novo homem. **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XXXVIII, n. 312, nov 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n 2, 1995.

BRANDÃO, Elaine R. Violência conjugal e o recurso feminino à polícia. In: BRUSCHINI, Cristina.; HOLLANDA, Heloísa B. (Orgs). **Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil** . São Paulo: Ed. 34, 1998. p. 51-80

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria. R (Org.). **Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: Ed 34, 1998.

\_\_\_\_\_. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI M; HIRATA H. (Orgs.) **As novas fronteiras da desigualdade: Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho**. São Paulo: Editora SENAC, 2003. p. 323-356.

CARREIRA, Denise; MENCHU, Ajamil; MOREIRA, Tereza. (Orgs.). **Mudando o mundo: a liderança feminina no século 21**. São Paulo: Cortez; Rede Mulher de Educação, 2001.

CARVALHO, Maria. Eulina Pessoa. **Gênero e carreiras universitárias: o que mudou?** Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Maria\\_Eulina\\_Pessoa\\_de\\_Carvalho\\_23.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Maria_Eulina_Pessoa_de_Carvalho_23.pdf)> . Acesso em: 28 mar 2008.

CARVALHO, Marília. Gomes. **Gênero e tecnologia**: estudantes de engenharia e o mercado de trabalho. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/seminário/carvalho.pdf>. Acesso em: 30 mar 2008>.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Ação afirmativa na universidade**: reflexão sobre experiências Concretas Brasil - Estados Unidos. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; Desiderata, 2004.

CHIAROTTI, Susana. Mulheres muçulmanas: um olhar latino-americano. In: **CLADEM**. Marcas das mulheres na Conferência de Beijing. a Muralha e o labirinto. São Paulo, 1996. p. 55-57.

COMITÊ LATINO AMERICANO E DO CARIBE CLADEM. Marcas das mulheres na Conferência de Beijing: a muralha e o labirinto. Huellas de Las Mujeres en la Conferência de Beijing. La Muralla y El Laberinto. São Paulo: CLADEM, 1996.

COSTA, Marisa Vorraber; Silveira, Rosa Maria Hessel. A revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas. In: BRUSCHINI, Cristina.; HOLLANDA Heloísa Buarque (Orgs.). **Horizontes plurais**: Novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 1998. p. 343-375.

DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado**: Sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

GOERGEN, Pedro. Prefácio. In: DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado**: Sociedade do conhecimento economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GOMES, Joaquim Barbosa. O Debate Constitucional sobre as Ações Afirmativas. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima (Orgs.). **Ações afirmativas**: políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GRELA, Cristina. Um 'S' para o 2000. In: **CLADEM**. Marcas das Mulheres na Conferência de Beijing. A muralha e o Labirinto. (GLADEM). São Paulo, 1996. p. 75-76.

HERNANDEZ, O. As estudantes de psicologia e a construção de seu projeto profissional. In: STREY, Marlene N. (Org.). **Mulher, estudos de gênero**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997. p. 96-104.

HIRATA, Helena. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo**, v. 4, n. 7, p. 5-29, 1998.

HOFLING, Eloisa de Mattos. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 21, n. 55, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br?scielo.php>. Acesso em: 30 out.2006>.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Trajatória da mulher na educação brasileira: 1996-2003**. Organizadores Tatau Godinho... [et al.]. - Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.

\_\_\_\_\_. **Censo da educação superior 2003**. Brasília: INEP, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Mulher na educação superior brasileira 1991-2005** / Organizadores: Dilvo Ristoff... [et al]. Brasília: INEP, 2007.

INSTITUTO DA PSICANÁLISE LACANIANA- (IPLA). **A terceira mulher** – uma conferência de Gilles Lipovetsky. Coordenação de Jorge Forbes. Disponível em: <<http://www.jorgeforbes.com.br/br/contents.asp?s=22&i=44>>. Acesso em: 05 julh 2008.

TEODORO, Cristina. **Mulheres na contramão da segregação ocupacional** - 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

IZQUIERDO, María Jesús. Uso y abuso del concepto de género. In: BRUSCHINI, Cristina, HOLLANDA; Heloísa Buarque. (Orgs). **Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

LAUFER. Jacqueline. Entre a esfera pública e a esfera privada: Os desafios dos direitos as mulheres. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora SENAC 2003. p. 127-135.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes: 1997.

LEITE, Miriam. L. M.; MOURA. Maria L. **Outra face do feminismo**. São Paulo: Ática, 1984.

MACIEL, B. O. Lugar das Mulheres: A Presença "Delas" na Produção e Divulgação de Conhecimentos Científicos. In: MARQUES. J, GOBBI, M.C.; BARBOSA S.(Orgs.). **Comunicação Latino-Americana: o protagonismo feminino**. São Bernardo do Campo: UMESP; Adamantina: FAI, 2003.

MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. (Orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

MELO Hildete Pereira. **Mulheres são maioria nas universidades, mas homens dominam pós-graduação-Aprendiz**. O Estado de S. Paulo. 12 out.2003. Disponível:<[http://www2.uol.com.br/aprendiz/n\\_noticias/ensino\\_superior/id131003.htm](http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_noticias/ensino_superior/id131003.htm)>. Acesso em 18 ago. 2007.

MENEGHEL, Stella Maria. **A crise da universidade moderna no Brasil**. 2001. 330 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

NOVAES, Maria. Eliana. **Professora primária: mestra ou tia**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

PERROT, Michele. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

RAGO, Margareth. **Os feminismos no Brasil: "anos de chumbo" à era global.** Labrys estudos feministas 3, janeiro/julho 2003. Disponível em:  
<<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/marga1.htm>>. Acesso em 12 abr.2007.

REIS, Jussara; CARVALHO, Jane Marie. **Feminismos, políticas de gênero e novas institucionalidades.** Labrys estudos feministas 2004. Disponível em:  
<http://www.unb.br/ih/his/gefem/ibys5/textos/mariejanept.htm>. Acesso em 18 set. 2007.

SAFFIOTI, Heleieth; Bongiovani, Iara. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Prefácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. Petrópolis: Vozes, 1979.

SARMENTO, Daniel. A igualdade ético-racial no direito constitucional brasileiro. Discriminação "De Facto", teoria do impacto desproporcional e ação afirmativa. In: **Livres e iguais.** Rio de Janeiro: Lumens Júris , 2006.

SEGNINI, Liliana. Rolfsen. Petrilli. **Mulheres no trabalho bancário: difusão tecnológica, qualificação e relações de gênero.** São Paulo: Ed. USP, 1998.

SPARTI, Sonia Chébel Mercado. **Relações de gênero nos livros didáticos e práticas docentes: professoras em movimento** 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

STREY, Marlene. Neves. **Mulher, estudos de gênero.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

UNESCO/CRUB. Conferência mundial sobre o ensino superior (1998: Paris, França). Tendências de Educação Superior para o Século XXI. Tradução - Maria Beatriz Ribeiro de Oliveira Gonçalves; ilustração de Edson Fogata. **Anais...** Brasília: UNESCO/CRUB, 1999.

UNESCO/IESALC. **Informe sobre la Educación Superior en América Latina Y el Caribe 2000-2005: la metamorfosis de la educación superior.** Caracas: Editorial Metrópolis, C. A., 2006.

VALLE, Del. T. Mulher, gênero e representação. In: STREY, Marlene Neves. **Mulher estudo de gênero.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997. p. 79-84.

YARZÁBAL, Luis. **Consenso para a mudança na educação superior.** Trad: José Dias Sobrinho. Curitiba: Champagnat, 2002. (Coleção Educação. Série políticas e gestão da educação superior).

## **APÊNDICE A**

### **Roteiro de entrevista estudantes e concluintes no ensino superior**

Para atingir os objetivos propostos, entrevistamos duas mulheres estudantes, dos cursos de Letras e Pedagogia e seis concluintes, dos cursos de Matemática, História, Letras, Engenharia civil e elétrica, Medicina e Veterinária.

1 - Identificação:

Sexo:

Idade:

Estado Civil:

Filhos:

Nome do curso:

Profissão Atual:

2 - Pais

a) Trajetória Educacional

b) Trajetória Profissional

Perguntas para a Entrevista:

- 1) Como se deu a escolha do curso? Por influência da família, por vocação, informação de amigos, ou outro motivo?
- 2) Pode me dizer nas razões que envolveram na decisão pelo curso, o que mais a atraiu?

- 3) Houve outras escolas anteriormente que estimularam a decisão pelo curso? Quais? Se houver por que a mudança para esse curso, afinal?
- 4) Em sua opinião, o curso é direcionado ao sexo masculino ou feminino?
- 5) Na sua sala, qual é ou era a proporção do número de mulheres e homens?
- 6) No cotidiano das aulas, existe ou existia algum tipo de comentário por parte dos colegas e professores/instrutores a respeito da participação masculina ou feminina?
- 7) Que mudanças provocaram a graduação em sua vida? (concluintes)
- 8) Como você concilia a sua carreira profissional com a vida familiar? Ou seja, como você administra o tempo que envolve sua vida pessoal (familiar) e profissional?
- 9) Aproveitando o gancho da pergunta anterior, em sua opinião a vida profissional tem impacto na vida pessoal? Ou vice-versa?
- 10) O que você pensa a respeito da mulher estar em busca de qualificação nos dias de hoje?
- 11) Você pretende continuar se especializando? Por quê?
- 12) Que tem em mente neste momento a respeito de sua profissão?
- 13) Em sua opinião, tem aumentado o número de mulheres neste curso em questão? Por quê?
- 14) Você acha que a universidade pode trazer mudanças em sua vida? Quais são suas expectativas nesse sentido? (estudantes)

## **APÊNDICE B**

### **Notas biográficas sobre as entrevistadas**

1 - Identificação: Ana Carolina

Sexo: Fem

Idade: 44 anos

Estado Civil: Solteira

Filhos:

Nome do Curso: Matemática

Profissão Atual: Professora

2 - Pais

c) Trajetória Educacional: Pai- Primário Mãe – Curso Normal

d) Trajetória Profissional: Pai – Pecuarista - Mãe- Professora Aposentada

Desde pequena eu queria ser pesquisadora, queria descobrir as coisas. Tinha esse sonho de fazer faculdade, única mulher de seis irmãos, não tive apoio do pai, meu pai dizia: "mulher não estuda", por outro lado, tive apoio da mãe, que era professora. Resolvi sair de minha cidade, porque sabia que ali eu não teria chance de estudar. Fui buscar sozinha em Sorocaba, apenas eu, uma mochila e o sonho, que me acompanhava. No começo, foi difícil encontrei muitas dificuldades, trabalhei em vários empregos para poder me manter. Já na graduação, eu nunca sabia se conseguiria pagar, e algumas vezes eram barradas no período das provas. Nesse período, lá ia eu e alguns colegas negociar dívida, nunca esqueço, a bondade do diretor dessa instituição, sempre facilitando, para que nós pudéssemos dar continuidade aos estudos. Formei-me na área de exatas, mais um desafio, porque na época não encontrava muitas mulheres nessa área. A universidade além das mudanças em minha trajetória me trouxe estabilidade financeira, e a possibilidade de dar seqüência na carreira acadêmica, ser pesquisadora, meu sonho de criança.

1 - Identificação: Gláucia

Sexo: Fem

Idade: 38 anos

Estado Civil: Separada

Filhos: 02

Nome do curso: Letras

Profissão Atual: Professora

2 - Pais

a)Trajetória Educacional: Pai - Primário

b)Trajetória Profissional: Mãe – Primário

A escolha pelo curso foi o que coube no orçamento. Mas aliado a isso, pesou a paixão pela leitura. Na minha classe tinham oitenta alunos, só três homens. Não é que o curso seja direcionado para mulher, é que a sociedade é machista, a mulher é mais mãe zona. A questão do preconceito, em minha opinião as mulheres buscam se qualificar além de uma necessidade da atualidade, mas pode ajudar a combater o próprio preconceito.

A universidade teve um significado de visão de mundo, melhora profissional e independência financeira. Mudou minha perspectiva de trabalho, pois antes eu trabalhei em indústria e comércio. A questão de remuneração, na profissão de professor não há diferença. Outro ponto difícil é conciliar a vida profissional e a familiar, tem que ter uma disciplina, tem que se conscientizar que é preciso ser feito, e não tem outra maneira, além do mais a vida profissional pega a maioria do tempo. Minhas expectativas, meus sonhos não se realizaram por completo, gostaria de ser mais bem remunerada, queria ter estudado mais, pois não tive tempo. Gosto de estudar, não tive oportunidade. Pretendo continuar me especializando, por realização pessoal, para contribuir com o ensino e mudar para o ensino superior.

1 - Identificação: Nancy

Sexo: Fem

Idade: 59 anos

Estado Civil: Casada

Filhos: 02

Nome do curso: História

Profissão Atual: Professora

2 - Pais

e) Trajetória Educacional: Pai – primário

f) Trajetória Profissional: Mãe – primário

A minha escolha pelo curso foi por influência primeiramente da minha mãe que possuía apenas o ensino primário, mas que era apaixonada por leitura, e pelos meus professores. Um professor de literatura, João Tortelo importante figura no ensino em Sorocaba me falou: "Nancy sua receita é letras clássicas, vai fazer". Eu gostava tanto da escola que queria ser professora. Tinha um professor, que eu amava que era de geografia, chamado Lauro Sanches, diretor da faculdade de Filosofia de Sorocaba, tinha deficiência visual, era uma sumidade, as pessoas tinham medo dele, eu não, tinha profunda admiração. As amigas de minha mãe queriam me ensinar matemática, eu abominava. Na quarta série tive uma professora que era poetisa e violinista, que me tirou um pouco o trauma da matemática. Ela odiava também a matemática, apesar de ser música, fiquei sabendo anos depois, me falou "eu só dava o que eu gostava".

Não senti nenhuma discriminação ao longo de minha carreira, mas em determinado período que lecionei no "Anglo" uma instituição privada de Sorocaba, em caráter de substituição, o corpo docente era caracterizado pela maioria homens, sendo que " eu era a única mulher", começaram a pressionar que queriam aqueles professores bons de São Paulo. Nessa época os melhores nessas áreas de português e literatura eram homens. E que coincidentemente naquele período eu era a única mulher, por isso "fui escolhida". No curso de história, setenta por cento eram de mulheres e trinta por cento homens. A questão da carreira profissional e a vida familiar é bem complicado,

pois, hoje em fim de carreira, eu sinto que abandonei muito os meus filhos. Conciliar família e profissão só foi possível graças à ajuda de minha mãe e meu padrasto. Mas, houve época em que deixava minha filha bem pequena na escolinha. Nesse período, eu saía de casa de manhã de ônibus, com três sacolas na mão. Descia a Rua Amazonas até a Sergipe deixava-a na escolinha, e pegava outro ônibus até a rodoviária para pegar o “Cometa”, pois ia dar aula na zona leste em São Paulo. Aí saía da zona leste acho que às cinco horas da tarde, era longe, longe, quase em Santo André, aí vinha embora, ia dar acho que as duas aulas na Prefeitura. Terrível, tudo de ônibus, meu marido ficava com as crianças. É bom lembrar, mas será que eu conseguiria fazer isso hoje? Como eu consegui?

É muito importante a mulher estar se atualizando, acho que com isso, também, estão mudando os padrões, que a mulher pode fazer MBA, sei lá o que, e ter a mesma capacidade de atuação que homem tem. Em contrapartida, acho muito injusta a situação da mulher, pois tem hora que tem que largar tudo, ela fica no fogão, no tanque, no berço com a criança no colo, entendeu, é complicado o seu papel, é muito disciplinado. Ela tem que estar bonita, ser boa profissional, pensar na concorrência lá fora, boa esposa, ser elegante, estar sempre bem tratada, bem arrumada, não é fácil nem um pouco. A respeito dos meus sonhos, a minha profissão pode dizer que quando eu comecei a lecionar, me dedicava de corpo e alma, numa ocasião trabalhei com meus alunos teatro grego, sabe, era muito bom, eles pesquisavam, as provas eram dissertativas. Arrumamos uma biblioteca que estava abandonada nesta escola, desde os livros às cortinas. Trabalhávamos até no Domingo. Quando tudo estava pronto, cheguei um dia na portaria, e o porteiro disse: não pode mais entrar na biblioteca, pois o diretor proibiu. Eu sentei na escada e chorei, pois eu não achava justo para os alunos, porque eu fiz tudo para despertar o amor pela biblioteca, pela leitura. Aquilo foi um balde de água fria.

A universidade em minha vida, foi muito importante, me definiu a profissão. Quando eu era solteira era bom, depois que você tem mais responsabilidade, filhos, casa e tudo mais, você vê que os seus honorários são escassos. Mas tem a parte boa, pois lecionei vinte e dois anos no supletivo, tenho alunos que são delegados de polícia, militares e advogados. Aluna que foi fazer história por minha causa, detestava história, e passou a gostar. E dizem: "a senhora obriga a gente a gostar", a senhora gosta tanto, e transmite esse gosto, contagia a gente. Acho que essa é a contribuição na vida da gente. Colaborei muito, contribuí, muito, agora gostaria de dar aula, para

as pessoas que querem assistir às minhas aulas... Estou em busca da vida acadêmica, mais intelectual.

1 - Identificação: Maria Helena

Sexo: Fem

Idade: 42 anos

Estado Civil: Solteira

Filhos: 02

Nome do curso: Letras (estudante)

Profissão Atual: Estagiária – Escola de Educação Infantil

2 - Pais

a)Trajetória Educacional: Pai – primário

b)Trajetória Profissional: Mãe – primário

Sou a quarta filha de uma mulher (mãe acima de tudo) que criou dez, não somente filhos, mas cidadãos, sendo a única que chegou ao nível universitário. Um sonho que me acompanha desde menina e adolescência, onde as primeiras paixões foram à poesia e a literatura. Sempre tive interesse especial por Língua portuguesa, mas parei de estudar aos vinte ou vinte e um anos, sem completar o antigo colegial, carregando no meu coração os sonhos de menina. Aos vinte e quatro anos engraidei da minha primeira filha de um homem que julgava especial, um ano depois tive a segunda filha do mesmo pai, me distanciando temporariamente dos meus objetivos. Por causa das meninas não pude mais estudar e me aperfeiçoar profissionalmente, então entrei no mercado informal, fazendo bicos para manter a família de três pessoas é claro, eu e minhas duas filhas. E foi assim durante anos até que com a perda do meu alicerce, minha mãe, falecida há quatro anos, e minhas filhas, uma com dezoito e a outra com dezessete anos. Hoje, resolvi juntar forças e continuar a luta pela vida. Voltei a estudar e às vezes nem acredito que estou na universidade, parece um sonho.

Sem perspectiva de vida em São Paulo, me mudei para Sorocaba, só com a roupa do corpo e com ajuda de amigos consegui casa emprestada logo que cheguei. Desempregada, dependia deles até para comer, dormimos no chão todo o inverno do ano de 2006. E através destes amigos consegui um emprego de inspetora de alunos em uma escola estadual de Sorocaba, onde fui ganhando

amigos e, o mais importante, dignidade. Trabalhando de auxiliar de limpeza nesta escola eu descobri que estava viva e que ainda tinha uma chance de reconquistar tudo o que eu havia deixado lá atrás em algum lugar do passado. Não posso esquecer-me de citar a força que a fé me proporcionou e o apoio das pessoas, foram fundamentais. Seis meses depois de trabalhar nesta escola, consegui prestar vestibular e sonhava com uma vaga de bolsa de estudos oferecida pelo governo no programa escola da família. Foi em vão, mas eu não desisti, continuei estudando mesmo não podendo pagar, mas a cada semestre, um milagre acontecia e eu conseguia renovar a matrícula. Hoje no terceiro semestre de Letras, sou estagiária em uma escola particular, onde eu gosto muito de trabalhar, consegui a tão esperada bolsa de estudos oferecida pelo governo. Trabalho aos fins de semana. Mas mesmo com todo este sacrifício consigo sentir felicidade, consigo sonhar e ter esperanças. A universidade já mudou muito a minha vida, não no sentido financeiro ainda, mas em vários momentos eu penso que jamais vou voltar a ter amargura, abandono como já senti. Daqui pra frente é mostrar para minhas filhas que através dos estudos conquistamos valores reais na vida, que não é pra qualquer pessoa, é só para aqueles que acreditam que possam conquistar.

1 - Identificação: Elisa

Sexo: Fem

Idade: 35 anos

Estado Civil: Casada

Filhos: 02

Nome do curso: Pedagogia (estudante)

Profissão Atual: Doméstica

2 - Pais

a)Trajetória Educacional: Pai primário

b)Trajetória Profissional: Mãe primário

Foi muito difícil, sou de uma família muito pobre onde na minha infância quase não tínhamos o que comer, com os meus treze anos saí trabalhar para ajudar sustentar minhas irmãs, somos cinco, na época todos menores de idade, eu sendo a mais velha. Quando me casei terminei o ensino médio num provão do Estado e alguma matéria terminou no tele curso 2000. Decidi fazer faculdade por ponto de honra, pois meu marido um dia disse que eu não tinha capacidade de fazer tal proeza, então decidi provar que sou capaz. Sonho desde criança em ser professora, que com muito esforço pretendo realizar. Foi através da bolsa do governo, programa escola da família que comecei a realizar o meu sonho, e cursar a faculdade. Na minha sala são em média setenta alunos, cinco são homens. Conciliar a profissão, os estudos e a vida familiar, é uma vida bastante corrida, pois sou doméstica tenho duas filhas e tenho que dar atenção pelo fato de uma ser adolescente e a outra muito criança ainda, uma tem doze anos e a outra três anos. Minha filha mais velha me dá muito apoio. Mas mesmo assim, acho que toda mulher deveria ser qualificada profissionalmente para não depender do marido. Pretendo me especializar em biologia, uma área que me chama atenção desde criança. A respeito do meu curso acho que a pedagogia e magistério são profissões voltadas para mulher mesmo. A universidade mudou muito minha maneira de pensar, trouxe muitas mudanças, minhas expectativas são muitas, pois meu desejo é poder ser mais útil como mãe, mulher e educadora que já me considero uma. Considero-me uma mulher

batalhadora, pois a minha vida tem que ser totalmente dividido o tempo para não deixar nada a desejar, nem minhas filhas, nem meus estudos, nem minha profissão.

1 - Identificação: Janaína

Sexo: Fem

Idade: 44 anos

Estado Civil: Casada

Filhos: 02

Nome do curso: Engenharia Civil

Profissão Atual: Engenheira

2 - Pais

g) Trajetória Educacional: Pai: Curso superior; Mãe- antigo colegial

h) Trajetória Profissional: Pai: Assistente Social; Mãe – dona de casa

Eu sou da sétima turma formada pela Faculdade de Engenharia de Sorocaba, na minha família não tinha nenhum engenheiro civil. Eu gostava muito de matemática, a respeito da engenharia civil, eu sabia que fazia casa, mas desconhecia muito o curso. Através de um teste vocacional, no terceiro ano, hoje ensino médio, onde indiquei a área de arquitetura, e em segundo, engenharia civil, por gostar de matemática acabei optando por engenharia civil. Depois ao visitar um primo que fez engenharia civil, vendo os livros dele em sua casa e o seu trabalho com cálculos, mais que me interessei. Mas o principal motivo foi que meu pai não queria que eu saísse de Sorocaba, ou seja, meu pai me limitou, daí eu acabei decidindo por Sorocaba.

Ao comunicar aos meus pais a minha escolha pela engenharia, minha mãe, me respondeu: “porque eu não escolhi uma profissão de mulher, eu não entendi o que minha mãe quis dizer como profissão de mulher –“ Direito, as advogadas usam saia todos os dias”. Já meu pai disse que eu fiz a escolha certa por ter participado de olimpíadas de matemática, e por ter sempre ido bem. Quando entrei na faculdade, eu não sabia se poderia pagar ou não (..) antes o vestibular da Faculdade de Engenharia era feito pela Fuvest, e saiu a lista de aprovação na Folha de São Paulo, meu tio de Presidente Prudente, assinava a Folha na época, e viu meu nome em 1º lugar na Faculdade de Engenharia de Sorocaba. No dia seguinte ele veio em casa e fez uma proposta, se eu fizesse engenharia civil, ele pagaria o meu curso até a minha formatura, desde que eu não

repetisse nenhum ano. Ele falou que estava fazendo isso, não por ser sua sobrinha, mas por ter passado em 1º lugar. Já quando eu estava no terceiro ano da graduação, fui estudar com uma amiga que ia fazer um concurso para o banco Banespa, e ela me incentivou a fazer também, e eu fiz, passei e ela não. Já na escolha, o lugar mais próximo era Itu. Optei por trabalhar em Itu, daí poderia estudar de manhã na graduação à tarde trabalhar, e à noite voltava estudar novamente, pois a faculdade era período integral. Durante oito meses fiquei em Itu depois fui transferida para Sorocaba. Dois anos e meio eu fiz a faculdade trabalhando no Banespa, foi uma época muito difícil, quando me formei, fui convidada a trabalhar numa empresa, cujos donos, são os mesmos donos da faculdade. Aí tive que optar entre o banco e a engenheira.. Aí pensei, – não fiz faculdade para o diploma ficar na parede, foi para ser usado. Aceitei a proposta da empresa, onde estou até hoje, há vinte anos, como engenheira. A respeito de discriminação durante as aulas, tinha uma brincadeira feita pelos colegas e até por professores, que dizia: “Quando você nasce - Deus faz uma pergunta – Você quer ser bonita ou quer ser engenheira? Mas não me incomodava, pois na sala tinha 56 homens para duas mulheres, não podia ficar brava, entrava na brincadeira, e pronto. Mas tem uma coisa o curso não fazia distinção entre os sexos, pois durante os dois primeiros anos são básicos, depois nas aulas práticas, por exemplo, de topografia de estrutura, você sobe em lajes ou torres. Não facilitaram por eu ser mulher, eu tinha que subir do mesmo jeito, tive que colocar uma bota pesada, com esse mesmo equipamento subir na laje, tinha que ser feito, se não, como dar ok para concretar, sem olhar? Isso fazia parte da função de um engenheiro. Mas teve uma menina do curso que desistiu. Eu tinha que fazer para não ser taxada como o sexo frágil, era última coisa que eu queria. Já no mercado de trabalho eu senti discriminação e dificuldades, por ser casada, por ter criança e não poder se deslocar como engenheira de obra, trabalhar numa obra, ir para outro Estado, e a família não poder acompanhar. Bom, conciliar a vida pessoal, familiar e profissional é muito difícil administrar tudo isso, mas aí você tem que ver – perua escolar, táxi, mas principalmente é preciso ter um companheiro que possa estar mais disponível – você tem que montar uma estrutura, desde empregada, morar em condomínio, por ser mais seguro, pois você nem sempre está em casa, para que as crianças possam brincar, além de matriculá-las em uma escola boa, para que você não fique preocupada. Todos os dias tenho que ler agenda de recados, e quando estou viajando, meu marido lê à noite por telefone. Entro no site para ver como estão as notas das crianças, se deixaram de estudar e fazer as lições, ou seja, à distância também consigo controlar empregada, crianças e marido. E

quando a empregada falta, eu tenho que cancelar a viagem, porque as crianças precisam ir à escola, se não há almoço pronto, a solução é ir a um restaurante - por isso que é necessário trabalhar, você precisa de dinheiro para pagar as despesas. Fatalmente a vida pessoal tem impacto na vida profissional, se não tivesse essa vida familiar que eu tenho talvez pudesse arriscar a minha carreira em outras áreas – um exemplo foi um convite para trabalhar fora do país. A desigualdade salarial está presente no meu próprio setor, pois os meus colegas de trabalho ganham muito mais do que eu – e olha que eu tenho mais formação – tenho procuração da empresa, portanto responsabilidade maior. Se tem aumentado mulheres nos cursos de engenharia, eu acho que bastante, pois quando você vai em formatura, você vê muito mais mulheres que na minha época de formada. A universidade em minha vida, eu tive que ter responsabilidade com as atividades que me foram atribuídas, diferente do que eu tinha no banco. Por exemplo – meu primeiro projeto foi o telhado da igreja João de Camargo, porque a empresa fez a pavimentação da rotatória. De repente fazer o telhado de uma igreja complicada que tinha trezentos anos, foram os primeiros desafios. Mas eu gosto de desafios, são motivações, eu preciso de motivações para continuar. Mas acho também que a universidade faz parte de uma evolução, como foram as gerações passadas. Sim é claro, eu não vi a geração que queimou sutiã na praça, não presenciei o tempo em que a mulher não votava, não estudava, mas nossas mães vivenciaram tudo isso – para chegarmos a esse nível, as universidades, as mulheres precisaram de toda essa trajetória, então diante disso, acho que a universidade não será a mesma, pois acho que é através dela que a mulher poderá contribuir com a sociedade.

1 - Identificação: Audrea

Sexo: Fem

Idade: 41 anos

Estado Civil: Casada

Filhos: 02

Nome do curso: Engenharia Elétrica

Profissão Atual: Coordenadora Faculdade de Engenharia/ Professora Universitária

2 - Pais

i) Trajetória Educacional: Pai - Curso Superior; Mãe – antigo colegial

j) Trajetória Profissional: Pai- Administrador de empresas; Mãe- dona de casa

Sou da turma de 1990 da Faculdade de Engenharia. Morava em São Paulo, vim a Sorocaba à contra gosto, mas chegando aqui, me apaixonei pela cidade, tanto que na época do vestibular não prestei em outro lugar, meu pai ficou bravo, porque queria que eu prestasse USP ou UNICAMP, mas não teve acordo. Quando passei na Faculdade de Engenharia, fiquei em dúvida se faria engenharia civil ou elétrica, conhecendo um professor de cálculo, me convenceu a fazer elétrica, alegando ter mais campo – e acabei fazendo elétrica por influência do professor. Quando cheguei ao segundo ano, ao fazer estágio, eu só ficava traduzindo manual, por saber inglês muito bem, mas um dia me cansei - falei para o meu chefe – escuta não aquento mais traduzir manual, não tem uma coisa melhor para eu fazer? Daí ele falou, olha tem uma área que está crescendo muito, que é esta parte de desenvolvimento de software de programas, tem que ter muita parte de lógica de raciocínio matemático, você não quer fazer alguns cursos, depois você pode trabalhar nisso – foi o que eu fiz daí eu me voltei para essa área da computação.

O número de alunos em meu curso começou com setenta alunos entre civil e elétrica e no final terminou mesmo com doze alunos, sendo quatro mulheres, o curso era bastante puxado, e o pessoal foi ficando pelo meio do caminho.

No cotidiano das aulas, pelo menos na minha turma existia um respeito muito grande, os colegas tratavam a gente muitíssimo bem. Por exemplo, às vezes era preciso pegar uma carteira, eles

pegavam, era de um cavalheirismo assim incrível. Estudávamos em grupo, não existia discriminação, não sei se é porque o grupo era muito pequeno, nós éramos muito unidos.

Surpreendi-me, pelos colegas serem receptivos, por ser um curso, focado no sexo masculino - confesso que no começo fiquei com medo de sofrer preconceito, mas depois, tudo caminhou de maneira diferente. A mudança que a graduação trouxe para minha vida acho que total, pois antes de fazer a faculdade, eu sempre pensava – inspirada na minha mãe, em trabalhar pouco, ficar mais em casa, se dedicar mais ao marido, filho – eu sempre gostei de cozinhar, então eu me imaginava – cozinhando e costurando. E no final, hoje em dia, foi exatamente o contrário – eu não cozinho, não costuro, e trabalho praticamente direto, porém adoro o que eu faço. Conciliar a vida pessoal, familiar e profissional, tem que montar uma estrutura. Isso ajuda muito e principalmente o apoio familiar – um marido compreensivo e presente, senão fica muito complicado, porque tenho três filhos, dois adolescentes e uma pequenininha de cinco anos. Apesar do trabalho, eu não posso ficar muito ausente da vida deles – então todo dia a gente almoça todo mundo junto, eu as crianças e o marido, pelo menos duas manhãs procuro estar com eles, levando na natação, no inglês, dividimos tudo. O meu horário de trabalho é à tarde e à noite, todas as noites estou na faculdade, ele trabalha de manhã e tarde, então a noite é ele que fica com as crianças, troca fralda etc. Tudo isso me proporcionou a me dedicar ao meu trabalho. Acho que isso é a receita do sucesso.

A diferença salarial acho que, há dezoito anos, existia não só a diferença salarial, mas um certo preconceito, principalmente na linha de produção, um exemplo disso, na parte elétrica, se tivesse que escolher entre contratar um homem ou uma mulher, prefeririam um homem. Hoje em dia na minha área, eu não vejo assim, recebo muita proposta de emprego de estágio, e não fazem diferença, mas se tiver que ter restrição, eles preferem mulher, não sei se é porque a mulher batalhou muito para chegar aonde chegou – a mulher trabalha com mais garra, mais seriedade, mais organizada, sensitiva, enfim galgou seu espaço. Acho também que depende da empresa (...) principalmente a engenharia da computação, onde as mulheres vêm esse tipo de engenharia com bons olhos, mais limpa e mais fácil de trabalhar (...). Vejo discriminação nas pessoas mais simples, que não aceitam receber ordem de mulher, pela própria falta de estudo. A engenharia da computação é uma área em que as mulheres vêm com bons olhos. Mas é uma área que muda muito. Às vezes em seis meses, três meses, tem coisa nova, é muito legal, mas você tem que estar se atualizando, é duro, tem o peso da balança. Diferente das outras disciplinas, por exemplo, que

é mais clássica, muda, mas não com a velocidade da informática. A discriminação do trabalho feminino é muitas vezes gerada pela dupla função assumida pela mulher, quando ela afirma, “eu tenho que levar o filho que ficou doente ao médico”. Eu acho que a mulher acaba se prejudicando no ambiente de trabalho, não pode misturar as coisas. Muitas mulheres usam o fato de ter responsabilidades com a família como uma justificativa ou um artifício, que se volta contra ela mesma, em minha opinião. Porque em determinadas situações preferem os homens? – por saber separar, é do perfil deles. Mas acredito que muita coisa já mudou - os homens também têm dupla jornada, um exemplo, é o meu próprio marido, ele faz supermercado, olhas as crianças... é matemático, tem um tanto de coisa para fazer, não dá para conciliar, o outro tem que dividir, tem que ter cumplicidade. É o caso das engenheiras que tem que viajar se atualizar é preciso essa divisão de tarefas, tem que ter essa estrutura. Não é correto deixar na mão de empregada. Pois quem tem criar os filhos é a gente. Não é fácil, tem que ser organizada e objetiva, não pode ser só o profissional, deixar a casa. É uma missão impossível.

1 - Identificação: Ivonete

Sexo: Fem

Idade: 65 anos

Estado Civil: Solteira

Filhos:

Nome do curso: Medicina

Profissão Atual: Médica/Professora

2 - Pais

a)Trajetória Educacional: Pai- primário; Mãe- primário

b)Trajetória Profissional: Pai- Construtor de imóveis; Mãe- dona de casa

Formei-me em 1968 pela Faculdade de Medicina de Sorocaba. A minha escolha pelo curso se deu por vocação e pelo desejo de “cuidar das pessoas”.

Nessa época, de minha formação, em minha sala, o número de mulheres era bem menor, bem diferente de hoje, 10 mulheres e 47 homens. De lá para cá - atualmente como professora, isso mudou bastante, pois em minhas salas de aula, as mulheres são maioria. Esse aumento se deu porque a remuneração do médico tem caído e não atrai muito os homens. O preconceito era quando os pacientes achavam que nós mulheres éramos enfermeiras, jamais médicas. No mercado de trabalho, não tive nenhum tipo de discriminação, e a remuneração, acho que na área de medicina não há diferenças salariais. A questão, conciliar a carreira profissional e a vida familiar, no meu caso sendo solteira é um pouco mais fácil, e também por não fazer consultório, não tenho chamados noturnos. As mudanças que a graduação provocaram em minha vida foram realização profissional e independência financeira. Pretendo continuar me especializando, porque acho que o conhecimento é progressivo. Pretendo continuar somente como professora na minha área.

1 - Identificação: Ivana

Sexo: Fem

Idade: 50 anos

Estado Civil: Divorciada

Filhos:

Nome do curso: Médica Veterinária

Profissão Atual: Médica Veterinária de Zoonoses – Prefeitura de Sorocaba

2 - Pais

a)Trajetória Educacional: Pai - Primário

b)Trajetória Profissional: Mãe – Primário

A escolha pelo curso foi por vocação, por gostar de animais e sentir que seria uma profissão segura. Na minha sala o número de mulheres era quase o dobro de homens, 65 mulheres para 35 homens. Não senti nenhum tipo de discriminação durante a graduação, nem no mercado de trabalho. Sou médica veterinária de Zoonoses na Prefeitura de Sorocaba, e como funcionário público não existe diferença salarial. Conciliar a vida familiar e profissional, trabalhando duro, no início da carreira acredito que negligenciei minha família, atualmente, ou melhor, há pelo menos três anos vivo sozinha. Infelizmente muitas vezes não consigo separar as estações a vida familiar e a profissional. A graduação me trouxe amadurecimento. Pretendo continuar estudando, pois atualmente não me sinto realizada como funcionária pública. Adoro estudar e acho fundamental a mulher estar em busca de qualificação. Acho que a minha profissão está relacionada com a questão do cuidado, em minha opinião as mulheres se realizam ou possuem o dom/vocação de cuidadora.

